
CAPÍTULO 02

POVOAMENTO E GENEALOGIA, IMAGINÁRIO, ORIGEM, RAÇAS

Júlia Manoel Domingues - Setembro/08

Índice

1. O IMAGINÁRIO, 80

2. O SUL - AMERICANO, 81

3. POVOAMENTO DA REGIÃO, 83

3.1 O POVOAMENTO E SEUS MITOS, 84

- 3.1.1 Peabiru, 84
- 3.1.2 Santuário da Serpente Negra, 85
- 3.1.3 Morro de Ipanema, 85
- 3.1.4 Porangaba e os criadores de saci, 85

3.2 POSSEIROS E SESMEIROS, 86

- 3.2.1 Pioneiros, 87

3.3 O ÍNDIO BRASILEIRO, 89

- 3.3.1 Histórico, 89
- 3.3.2 A presença em Porangaba, 90
- 3.3.3 Descendentes, 91

3.4 O NEGRO, 93

- 3.4.1 Histórico, 93
- 3.4.2 O negro em Porangaba, 93
- 3.4.3 Escravos em Porangaba, 97
- 3.4.4 Óbitos, 98
- 3.4.5 Casamentos, 99
- 3.4.6 Batismos, 99

3.5 A IMIGRAÇÃO, 100

- 3.5.1 Histórico, 100

- 3.5.2 O Imigrante Italiano, 101

- 3.5.3 Imigrantes em Porangaba, 102

- 3.5.4 Italianos, 103

- 3.5.4.1 Os Angelini, 104

- 3.5.5 Portugueses, 105

- 3.5.6 Espanhóis, 106

- 3.5.7 Judeus da Península Ibérica, 106

- 3.5.8 Alemães, 106

- 3.5.9 Árabes, 107

- 3.5.10 Outras nacionalidades, 107

- 3.5.11 O Censo Demográfico de 1890, 107

3.6 FAMÍLIAS, 107

- 3.6.1 Introdução, 107

- 3.6.2 Relação parcial das famílias, 108

- 3.6.3 Família Domingues, 109

- 3.6.4 Família Camerlingo, 111

- 3.6.5 Família Nunes da Silva (1), 111

- 3.6.6 Família Nunes da Silva (2), 112

4. FILHOS ILUSTRES, 113

5. DESTAQUES, 132

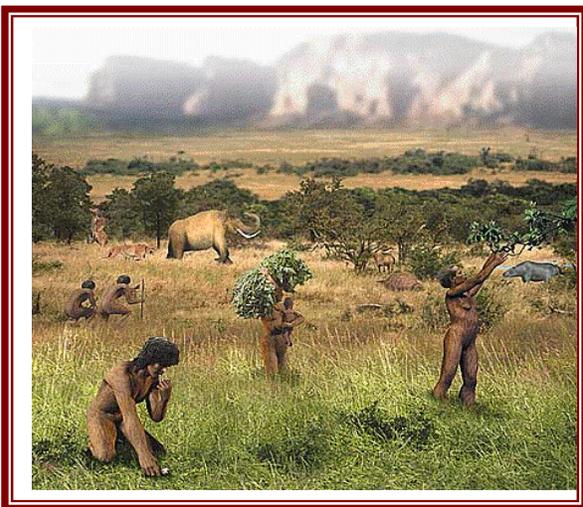
6. MENÇÕES HONROSAS, 134

7. BIBLIOGRAFIA, 138

"A curiosidade nos leva a indagar:
onde moravam nossos ancestrais,
como é que viviam,
qual a concepção que tinham do
destino humano?
Tudo isso facilita o entendimento do
que fizeram
ou deixaram de fazer".

Alcântara Machado

IMAGINÁRIO, ORIGEM, RAÇAS, PIONEIROS, IMIGRAÇÃO, FAMÍLIAS, FILHOS ILUSTRES



O Brasil há 11.000 anos.

A temperatura era pelo menos 5° C
mais fria que a atual.

Animais gigantescos reinavam
em savanas, campos e florestas,
formando uma fauna exótica
que acabou extinta.

Foto e texto da Revista Veja
25/08/99

1. O IMAGINÁRIO

“Índigena, africano, lusitano, há entre tantos brasis, um que nunca existiu. Ou que sim, existiu, mas apenas na imaginação de quem por aqui andou, de quem desejou vir e até de quem já vivia muito antes de que essas terras fossem chamadas assim. O’Brasil ou Hy Brasil era uma ilha situada ao sudoeste da Irlanda e que chegou a figurar em mapas como o do Atlas Palmela, do século 15. Aparece também em um poema anglo-normando de 1200, como uma terra onde não há calor nem frio excessivos, tristeza, fome ou sede. A ilha desaparece dos mapas no século 16, mas segue na imaginação popular – é citada como “High Brazil” pelo escritor irlandês James Joyce em seu “Finnegans Wake”. Em “L’Ísola Brazil, do italiano Angelinus Dalorto, de 1325, foi descrita como “um largo anel de terra ao redor de um mar interior”, que só poucos aventureiros podem ver. É um mistério, porque, a rigor, Brasil viria de nosso primeiro produto de exportação, o pau-brasil. A denominação pode vir do gaélico (celta primitivo) “Bresail”, nome de um semideus. Ambas sílabas, “Bres” e “ail”, denotam admiração. Seria O’Brazil uma das famosas “ilhas afortunadas” que buscavam antigos viajantes? Quem foi abençoado com a visão de outro Brasil, o de Cabral, também noticiaria para o resto do mundo conhecido um país construído em seu próprio imaginário e no de sua época. Pouco antes do descobrimento, em 1493, Cristóvão Colombo já tinha visto sereias pelos mares, embora não fossem “tão bonitas quanto as pintam”. Na mente dos portugueses, a primeira idéia que surgiu foi a de que se tinha encontrado o Paraíso Terrestre, estimulados, é claro, pela visão de pessoas nuas e cheias de “inicência”. Como cenário, uma paisagem exuberante, repleta de animais exóticos. No livro “Visão do Paraíso”, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda conta que, em 1549, alguns portugueses chegaram a acompanhar 300 índios em uma viagem selva adentro rumo ao Paraíso. Outro português, Rui Pereira, escreve para os pais: - “Se houvesse Paraíso na terra eu diria que está no Brasil”. O maracujá (fruta da paixão) substitui a maçã. A serpente é a jibóia. O jesuíta Simão de Vasconcelos, em 1663, em parágrafos que teriam sido expurgados mais tarde, sustenta que o Paraíso só não estava na América como precisamente no Brasil. Para comprovar, citava teólogos que situavam o Paraíso Terrestre sob a linha do equinócio. Nesse Brasil imaginário, sobretudo no século 17, pululavam as criaturas míticas. Vasconcelos, seguindo os passos do espanhol Cristobal de Acuña, fala de três nações monstruosas: uma, de anões; a outra, de seres que tinham os pés ao contrário e confundiam os inimigos com suas pegadas, enviando-os na direção oposta (o Curupira?); e a terceira, de gigantes. Também conta ter visto esqueletos de homens-peixe. Outros relatos sobre seres fantásticos falam de homens com oito dedos em cada pé; com orelhas e pés gigantescos; com um olho só; ou com uma só perna, muito velozes (o Saci ?). Sem falar nas amazonas – ou nos canibais, que existiram, mas não peludos e faces monstruosas como os diziam antes de Hans Staden quase

ser comido por tupinambás. O holandês Nieuhoff chegou a publicar, em 1682, uma obra fartamente ilustrada sobre os bichos que viu no Brasil, como o “mieren-eeter”, misto de raposa e tamanduá, o “schukverken”, mistura de queixada e tatu, ou o “o` hooyschrenkel”, cruzamento de gafanhoto e libélula com rosto humano. A fauna e a flora verdadeira só foram se revelando aos poucos, com as expedições, científicas ou não, pelo imenso território. Desfeito o Brasil da fantasia, já não havia com o que se espantar: seres reais considerados perigosos, como onças e cobras, ou mesmo os índios antropófagos, pouco podiam resistir diante do fogo dos arcabuzes. O medo agora estava do outro lado...”.

(Imagens do Brasil – Caderno Especial da Folha de São Paulo – 20/04/2000 – Cynara Menezes)

2. O SUL-AMERICANO

Ao estudar o povoamento do território paulista na direção oeste, a partir da segunda metade do século 17, tendo como ponto de referência a área entre a emergente vila de Sorocaba até as fraldas do morro de Aybytuacatu, perguntas curiosas e até místicas nos vem à mente a respeito da ocupação das terras, dos pioneiros e dos primeiros moradores da região. Sabemos que somos parte de um povo surgido da mistura do invasor português com os índios, com os negros africanos e os imigrantes, miscigenação relevante na nossa constituição racial e cultural. Mas, quem teriam sido realmente os primeiros habitantes da região? Os índios certamente e que antecederam os primeiros povoadores. E antes? Houve outro povo por aqui? Se houve, como seria a população primitiva, a formação étnica? São perguntas, até certo ponto, sem respostas, que nos intrigam e induzem para análises regressivas e profundas, até divagações¹. Então, nos apegamos à antropologia – ciência que atingiu um estágio extraordinário no final de século passado e derrubou inúmeros tabus - que nos encoraja incluir dois estudos recentes, firmados em pesquisas genéticas que explicam a origem do homem americano e podem esclarecer muitas

¹ Em 1992, por ocasião dos 500 anos da viagem de Colombo, houve intenso debate nas Américas e Europa sobre o vocabulário adequado para descrever a chegada dos europeus ao continente. Uma crítica devastadora foi então feita ao uso da palavra “descobrimento”, por representar um insuportável etnocentrismo. De fato, só foi descobrimento para os europeus. Aqui viviam, em 1492, cerca de 50 milhões de habitantes, não muito menos que a população da Europa. A Cidade do México, capital do Império Asteca, tinha 200 mil habitantes, mais talvez do que qualquer cidade europeia. Paris tinha cerca de 150 mil.”.

José Murilo de Carvalho – Caderno Mais! – Folha de S.Paulo – 03/10/99

dúvidas.

São teses recentes que mostram a capacidade da genética molecular de recapitular eventos evolucionários humanos. Com o sugestivo título: “De onde veio o fundador da América”, o jornalista Marcelo Leite publicou na seção “Ciência”, da Folha de São Paulo, em 11/03/99, os estudos desenvolvidos pelos geneticistas Fabrício Santos e Sérgio Danilo Pena, da UFMG:

“Material genético aponta no rio Ienissei, na Sibéria, origem de parente mais próximo dos primeiros americanos.

1. *A análise cromossômica sugere que o povoamento da América tem suas origens remotas na Eurásia. Daí teriam partido duas levas, uma em direção à região da Índia e outra para o norte, rumo à Sibéria Central.*
2. *Há 30 mil anos, em lugar do estreito de Bering havia uma passagem de terra (Beríngia) entre Ásia e América. Por essa passagem, o ancestral que originou os kets e altaicos (povos da Sibéria) passou para a América, onde deu origem aos índios sul-americanos.*
3. *A passagem esteve fechada por geleiras entre 20 mil e 14 mil anos atrás, o que isolou a população que passaria a ocupar as Américas, impedindo o seu intercâmbio genético com os parentes deixados na Ásia.*
4. *Com o fim da glaciação, entre 12 mil e 10 mil anos atrás, teria sido reaberto o contato genético com populações da América do Norte, como os esquimós-aleutas. Isso explicaria suas diferenças com as populações do sul ”.*

Há pouco tempo, o jornalista Daniel Hessel Teich também publicou na revista “Veja”, edição de 25/08/99, interessante matéria com o título “A Primeira Brasileira”, destacando que: “a reconstituição de um crânio de 11.500 anos, o mais antigo da América, revolucionou as teorias sobre a ocupação do continente”.

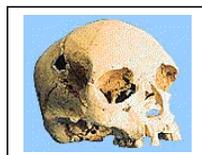
“Acreditava-se, então, que antes da descoberta da América, o continente tivesse sido ocupado uma única vez pelos antepassados dos índios atuais, que teriam vindo da região onde ficam hoje a Mongólia e a Sibéria, cerca de 12.000 anos atrás. Atravessaram o estreito de Bering, através de uma ponte de gelo e espalharam-se pelo continente até chegar na Patagônia, passando pelo Brasil. A descoberta desse crânio, que foi batizado de Luzia, derruba esta teoria. Mostra que antes da chegada dos descendentes dos índios, houve uma outra corrente, bem mais antiga, da qual Luzia seria descendente. Esses primeiros colonizadores, aparentados dos atuais aborígenes australianos, teriam saído do sul da China atual e atingido o continente americano cerca de 15.000

anos atrás – três milênios antes da segunda leva migratória. ... Viveram aqui milhares de anos, isolados do resto do mundo, até desaparecer na disputa por caças e território com a leva migratória seguinte, esta sim ancestral dos índios de hoje.

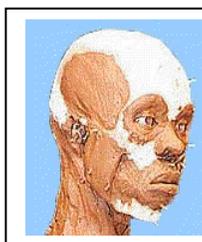
O grupo do qual Luzia faz parte é conhecido como “Homens da Lagoa Santa”, nômades coletores que viveram na região onde hoje se localiza esse município, perto de Belo Horizonte. Os primeiros ossos foram recolhidos ali pelo naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, na primeira metade do século passado. Boa parte deles se encontra atualmente no museu da Universidade de Copenhague. Até as pesquisas feitas pelo arqueólogo Walter Neves, ninguém sabia a dimensão do tesouro que as cavernas escondiam. “Era inconcebível que tivéssemos crânios antigos de negróides. O esperado era encontrarmos populações mongolóides, que são as características dos ancestrais dos nossos índios”. Luzia era uma mulher baixa, de apenas 1,50 metro de altura. Comparada aos seres humanos atuais, tinha uma compleição física relativamente modesta para seus 20 e poucos anos de idade. Sem residência fixa, perambulava pela região onde hoje está o Aeroporto Internacional de Confins, nos arredores de Belo Horizonte, acompanhada de uma dúzia de parentes. Não sabia plantar um pé de alface sequer e vivia do que a natureza agreste da região lhe oferecia. Na maioria da vezes se contentava com os frutos das árvores baixa e retorcidas, uns coquinhos de palmeira, tubérculos e folhagens. Em ocasiões especiais, dividia com seus companheiros um pedaço de carne de algum animal que conseguiam caçar. Luzia morreu jovem. Foi provavelmente vítima de um acidente, ou do ataque de algum animal, e não teve direito nem mesmo a sepultura. O corpo ficou jogado numa caverna. Durante 11.500 anos, Luzia permaneceu num buraco, coberta por quase 13 metros de detritos minerais. Agora, passados mais de 100 séculos, a mais antiga brasileira está emergindo das profundezas de um sítio arqueológico para a notoriedade do mundo científico. Desenterrado em 1975, o crânio de Luzia é o mais antigo fóssil humano já encontrado nas Américas. Transportado de Minas Gerais para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, permaneceu anos esquecido entre caixas e refugos do acervo da instituição. Foi ali que o arqueólogo Walter Neves, da Universidade de São Paulo, USP, o encontrou alguns anos atrás. Ao estudá-lo, fez descobertas surpreendentes. Os traços anatômicos de Luzia nada tinham em comum com o de nenhum outro habitante conhecido do continente americano. A medição dos ossos revelou um queixo proeminente, crânio estreito e longo e faces estreitas e curtas. De onde teria vindo Luzia? Seria ela remanescente de um povo extinto, que ocupou a América há milhares e milhares de anos e acabou dizimado em guerras ou catástrofes naturais. A hipótese de Walter Neves acaba de ser reforçada por um trabalho feito na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Com a ajuda de alguns dos mais avançados recursos tecnológicos, os cientistas ingleses reconstituíram pela primeira vez a fisionomia de Luzia. O resultado é uma mulher com feições nitidamente negróides, de nariz largo, olhos arredondados, queixos e lábios salientes. São

características que a fazem muito mais parecida com os habitantes de algumas regiões da África e da Oceania do que com os atuais índios brasileiros. O rosto foi modelado em argila mediante um minucioso trabalho de pesquisa que incluiu exames do crânio por meio de tomografias computadorizadas. A imagem final da primeira brasileira, obtida nesse processo, é mais que uma simples curiosidade científica.

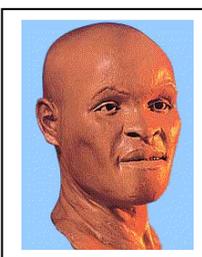
A reconstrução, passo a passo:
(Fotos da Revista Veja)



Fóssil Copiado –
As imagens foram processadas em computador e o crânio foi reconstituído de material sintético.



Face de Argila -
O novo crânio foi feito com argila; na modelagem do queixo e das bochechas foram usadas camadas de massa de 15 a 20 mm.



A Surpresa –
A fisionomia com traços negróides, olhos arredondados, nariz largo e queixo bastante proeminente

Todas essas novidades arqueológicas ajudaram a reformular as antigas teorias sobre a ocupação da América. Hoje, os principais centros de estudos já trabalham com a hipótese de que quatro ondas migratórias vindas da Ásia chegaram ao continente americano. A primeira é a defendida por Neves e Pucciarelli. A segunda onda é formada pelo povos mongóis, de 12.000 anos atrás, que deram origem ao índio de hoje. A terceira é dos chamados nadenes, povo que se estabeleceu na costa oeste americana. A quarta é a corrente migratória composta pelos esquimós. Os arqueólogos calculam que essas duas últimas chegaram à América entre 5.000 e 10.000 anos atrás”.

Positivamente, as teorias citadas explicam de forma regressiva o que ocorreu no continente americano em tempos tão remotos e contribuem para o entendimento da origem do homem americano. Nunca a arqueologia, biologia e genética foram tão longe na escala do tempo em busca dos ancestrais humanos e, hoje, com certeza, as análises

comparativas e a identificação de códigos genéticos possibilitam comparar o DNA de 10.000 anos atrás com o dos índios atuais, o que nos propiciará saber *se existe uma fração mínima, por menor que seja, de Luzia entre nós.*

“Dois crânios humanos muito antigos, desenterrados em locais tão distantes quanto o vale do Ribeira, em São Paulo, e o vale Central do México, estão ajudando a confirmar uma hipótese sobre o povoamento das Américas que costumam provocar risadas nos arqueólogos há uma década: a de que os primeiros habitantes do continente eram mais parecidos com os aborígenes da Austrália do que com os índios atuais. (Folha Ciência – 21/03/2005 – Cláudio Angelo)”

3. POVOAMENTO DA REGIÃO

O povoamento do território paulista ocorreu, no início, do litoral para o interior, da baixada para o misterioso sertão, que os historiadores chamavam de “terra sem dono, terra virgem para a lavoura, terra devoluta, a posse provisória do solo”.

Outro fato a considerar, e que veio depois refletir no adensamento da população, foi já existir um caminho no meio da selva – o *Caminho do Peabiru* - uma estrada de terra batida por onde os índios já passavam antes do Brasil ser descoberto; uma trilha que ligava o Atlântico ao Pacífico. O tronco principal seguia até São Vicente, enquanto outras ramificações se dirigiam a Cananéia e Iguape; era uma estrada complexa, um ramo ou feixe de caminhos que dois séculos depois formariam a malha de estradas dos tropeiros.

O solo paulista foi praticamente chão de passagem até meados do século 17, sendo muito pequeno o crescimento da população, mas, mesmo assim, o povoamento começou com as atividades dos sesmeiros e posseiros em todas as direções, a partir da vila de São Paulo, podendo ser medido pelas povoações que vingaram. Surgiram, inicialmente, fazendas, que depois viraram povoados, freguesias, vilas e cidades. A ocupação na direção oeste, ao longo do Vale do Tietê, começou a crescer, sendo confirmada pela fundação de Sorocaba (1646), São Roque (em meados do século 17), Cotia (1662), Porto Feliz (1700) e Pirapora (1725). Nessa época, Sorocaba já se destacava como centro de dominância e posto avançado de povoamento na região sul paulista. A abertura da passagem sul com a Estrada do Viamão e o nascimento da Feira de Muares – o grande mercado distribuidor de animais

que supria grande parte do Brasil Central, são fatos correlatos, ligados à história de Sorocaba e, principalmente, ao surgimento do tropeirismo, que influenciou decisivamente na ocupação demográfica da região. Como não existiam estradas, deduz-se que, na mesma época, foi através de trilhas, tidas como sub-ramais do Peabiru, é que se conseguiu chegar até as nascentes do rio Paranapanema, às fazendas dos padres da Companhia de Jesus em Guareí e Botucatu. Por outro lado, começaram também a surgir povoações ao longo e nas imediações do Caminho do Viamão, principalmente entre 1775 a 1822 (muitas já pela influência do tropeirismo ²), alcançando as zonas do Ribeira e do Paranapanema (já na rota do Peabiru) – esboçando-se os fundamentos de Una (Ibiúna), Piedade, Tatuí, Campo Largo e Jacupiranga.

O oeste paulista era, então, um vasto território dominado por bugres, ainda selvagens, o que pode ser comprovado pelos relatos feitos pelas Câmaras de Sorocaba e Itapetininga, no ano de 1793, ao governador da capitania, denunciando os contínuos assaltos que os índios bravos faziam às fazendas e caminhos daqueles distritos. Além dessa linha já se encontravam espalhados sesmeiros e posseiros e as cartas geográficas da época mostram que a terras do “vale do rio Feio” estavam encravadas na região “itapetiningana”. ³

É quase certo que os primeiros moradores da região (portugueses e seus descendentes, caboclos, mestiços, negros, mulatos e cafuzos, etc.) se instalaram nas imediações do rio Feio, antes mesmo do surgimento do núcleo que viria dar origem à vila,

² *O tropeirismo não foi somente uma alternativa ou o ciclo econômico e social que substituiu o bandeirismo no início do século 18; teve relação direta com o povoamento brasileiro, contribuiu para a consolidação de nossas fronteiras e mudou a história das relações comerciais no nosso país.*

(Aluísio de Almeida)

³ *“No início do século 18, os padres da Companhia de Jesus já tinham fazendas de criar nos campos de Guareí e Alto da Serra de Botucatu, ligadas entre si por caminhos que passavam pela parte meridional do atual município de Bofete, na zona do rio, desde então denominado Santo Inácio. Mais tarde, seria pelo fim do século, um caminho saindo de Sorocaba buscava o Paranapanema, passando por Bofete, também na sua parte sul. Mas, os estabelecimentos humanos só aparecem (nessa região) em pleno século 19, sob a forma de fazendas e sítios polarizados por Tatuí, na maior parte, e por Botucatu os que se localizavam nas fraldas da serra. ... Na direção de Botucatu, o acesso ao planalto se tornava bastante difícil pela serra, cujos morros fechavam a passagem para o sul, atingindo também àqueles que vinham de Tietê e os que desciam de Anhembi e, apenas para o lado de Porangaba e Tatuí as comunicações eram desimpedidas; por aí, certamente, penetraram povoamento e cultura naquela direção”.*

Antônio Cândido – Parceiros do Rio Bonito

formando algumas células rurais esparsas, com as suas culturas agrícolas de subsistência e criação de gado. O afluxo de criadores e lavradores se intensificou a partir de 1830, vindos especialmente de Tatuí, Itapetininga, Sorocaba, São Roque, Cotia, Ibiúna e Piedade, apossando-se ainda das terras devolutas ou sem dono. É a dedução lógica, após consultar os livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. O próprio local, onde nasceu o povoado, deve ter sido escolhido ou demarcado, tempo depois, simplesmente como ponto de pouso de tropeiros, ou como local de parada obrigatória àqueles que rumavam ao oeste, na antiga estrada que ligava Sorocaba a Botucatu. Ficava já evidente a influência do tropeirismo no Sertãozinho de Santo Antônio do Ribeirão Feio, como foi chamado o bairro do Rio Feio no início.



Segismunda Machado

“O povoamento do oeste paulista, em meados do século 19, se deve à expansão cafeeira do vale do Paraíba para as terras do “sertão”, cujo desenvolvimento atraiu lavradores e absorveu, inclusive, escravos procedentes até da Bahia e Norte do Brasil. A expansão do café se processou a partir de 1850 e, em 1886 as plantações já atingiam as encostas da serra de Botucatu”. (Ernani da Silva Bruno-Esboço da História do Povoamento de São Paulo).

A onda chegou ao bairro do Rio Feio, quando, dentre os desbravadores vieram também algumas famílias fluminenses, chamadas de “cariocas” ou “luzias”, fato que mereceu um estudo em separado.

Os imigrantes devem ter chegado por aqui por volta de 1890, a maioria representada por italianos como mão de obra direcionada à cultura de café, vindo depois os portugueses e espanhóis. Dessa leva, poucos permaneceram em Porangaba. Depois, recebemos outros que vieram livremente, com

recursos próprios, para trabalhar no comércio, como negociantes, artistas (profissionais liberais) e na própria lavoura. Grande parte ficou no município, onde formaram famílias tradicionais.⁴

3.1 O POVOAMENTO E SEUS MITOS

3.1.1 Peabiru

Foi a trilha pré-colonial chamada de “caminho do Peru” ou de “caminho do pay sumé”, como diziam os índios. Era a grande estrada terrestre dos indígenas, que fazia a ligação com os Andes, cortando o solo do Paraguai, entrando no Brasil na altura do rio Piquiri e depois, atravessando os rios Ivaí e Tibaji, bifurcava-se na altura do Vale do Ribeira, na região de Apiaí. O tronco principal seguia até São Vicente, enquanto outras ramificações se dirigiam a Cananéia e Iguape. Era a incrível rota transcontinental que unia o Atlântico ao Pacífico e já existia antes da vinda dos conquistadores. Os jesuítas atribuíam à formação uma intervenção sobrenatural, com a conclusão de que surgiu por milagre com a “passagem do apóstolo São Tomé por aquelas partes”. O historiador Afonso E. Taunay definiu: “como quer que seja, este caminho existia e muito batido, com largura de 8 palmos, estendendo-se por mais de 200 léguas...”. Este caminho pré-cabralino foi de importância fundamental pelo traçado e, especialmente, pelos personagens que por ele viajaram antes e após o descobrimento: nativos, aventureiros, viajantes, sacerdotes, soldados, fugitivos e outros. Tratava-se de uma estrada complexa, um ramo ou um feixe de caminhos. Considerando que o território paulista foi chão de passagem até o século 17, com pouca fixação do elemento humano, e como não existiam senão “trilhas” para atingir outras paragens, deduz-se que foi pelos sub-ramais do Peabiru é que se chegou até às nascentes do rio Paranapanema, às fazendas dos padres da Companhia de Jesus, em Guareí e Botucatu, tendo, sempre, a serra botucatuense a balizar os rumos da penetração e da

⁴ Durante muito tempo a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes. A primeira, as caravelas descobridoras encontraram aqui comendo gente e desdenhosa de mostrar suas vergonhas. A segunda, veio nas caravelas. Logo os machos sacudidos desta se enamoraram das moças bem gentis daquela que tinham cabelos mui pretos, compridos pelas espadoas. E nasceram os primeiros mamalucos. A terceira, veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucambas... E nasceram os segundos mamalucos. ... Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena, nasceram os novos mamalucos.

(Brás, Bexiga e Barra Funda, A. Alcântara Machado, artigo de fundo, pág. 19/20).

conquista. No mapa da América Meridional, elaborado por Jean Baptiste Bourguignon Anville, de 1748, já aparece a “Serra de Ibotucatu” como ponto de referência, embora na época existisse um vazio de gente no centro-oeste paulista. Ao escrever suas reminiscências, o poeta porangabense Francisco Pássaro fez alusão a esse marco:

“...ao descortinar daqueles inigualáveis horizontes onde de um lado se desdobrava a serra de Botucatu, de outro se confrangia o morro de Bofete, acolá o monte de Torre de Pedra...”

Posicionou, fielmente, Porangaba na área de influência. Portanto, sem qualquer pretensão de avocar o caminho do Peabiru como fator importante no povoamento do antigo Rio Feio, não é desprezível a tese de que com a criação de caminhos alternativos, que nasciam na estrada principal e permitiam aos viajantes fugir da cobrança dos altos impostos, dos elevados custos das pousadas, etc., um deles passasse pelo Sertão do Rio Feio. É uma hipótese aceitável.

3.1.2 Santuário da Serpente Negra

Frei Fidelis Maria di Primiero, no mundo Fidelis Mott, capuchinho, nascido em Trento, Itália, viveu muitos anos em Botucatu. Além das atividades religiosas, era historiador e profundo conhecedor de nossas lendas.

*Defendia a tese de que a América foi povoada por gente da cultura suméria, praticante do culto da “serpente negra”, e entendia que a toponímia antiga da América provinha da língua dos seus antigos moradores e não do tupi. Botucatu seria o santuário da serpente escavado na pedra e cita, também, os nomes da vizinhança como prova do asserto: Iu ki ra ti ba é “vizinhança do templo da serpente brilhante escavado na pedra”; An hem by é “planície ligada ao templo”; An hu ma é “subida ao templo negro”; Ti e tê é “rio que desce o templo”; Pyr am bo i a é “caminho para o templo da serpente brilhante na serra”; **POR AN GAB A** é “o templo da serpente à esquerda da serra”.*

3.1.3 Morro de Ipanema

“Sorocaba em tupi-guarani significa “terra rasgada”. Explorando o significado, obtivemos de alguns pesquisadores e conhecedores da região o seguinte:

“Morro Ipanema⁵ (um dos pontos turísticos de Sorocaba), antigo local ritualístico dos Maias, à 2000 ou 3000 anos. Conta a lenda que, nessa época, na parte mais alta do morro havia um templo onde os Maias, vindos de Cuzco

ou Machupicho, chegavam até a região de Sorocaba para realizar o Ritual do Sol. Sorocaba significa “Terra Rasgada”, portanto singrado de cavernas em seu subsolo. Logo, as lendas sobre fantasmas de velhos índios, tesouros enterrados, homem-lobo, homem-morcego, são conhecidas entre os caboclos e caícaras da região e sem contar com a estrada de Peabiru que significa caminho desconhecido (que na realidade foram caminhos feitos pelos Maias, da Cordilheira dos Andes até nosso litoral e as cavernas do Vale do Ribeira)”

“Todos nós sabemos que os Maias desceram à América do Sul para se refugiar dos exploradores espanhóis que exterminaram e saquearam todos os seus templos, mataram e escravizaram muitos de seu povo, corromperam o solo sagrado. Sorocaba possuía um templo que nunca foi achado, apenas evidências claras de que ele existe, até aí tudo caminha bem. Sorocaba possuía algo (ninguém sabe exatamente o que é) que os Bastet vigiavam e protegiam (essa foi a causa dos conflitos com os Bastet em Sorocaba) e que alguns membros do Rio e São Paulo pressentiram algo de estranho, enviando membros de sua confiança para a cidade...!”

3.1.4 Porangaba e os Criadores de Saci

A Associação Nacional dos Criadores de Saci nasceu quando localizaram sacis em Itajubá (MG) e pela ação de trazê-los de volta às matas de Botucatu e de outras localidades. O engenheiro José Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS, na revista “Caros Amigos”, contou:

“Em 1980, visitei o sítio das Três Pedras, em Botucatu, a procura de disco voador que diziam existir na região. Conversei com algumas pessoas que me afirmaram não existir nada de anormal por ali, nenhuma luz estranha, nenhum objeto voador. Ao deixar o local, ouvi um menino falar ao pai : - e a égua que saiu desembastada pelo pasto, pulando, sem que ninguém mexesse com ela? O pai respondeu: - aquilo não era disco voador, era o saci que estava montado e ficava fazendo trança na crina dela. Surpreso, perguntei se existia saci por ali. Respondeu: - mas, claro que existe; antes tinha muito mais, agora são poucos desde que chegou a luz elétrica e desmataram a região”.

O tempo passou e em Itajubá (MG) ele ficou sabendo da existência de um criatório de sacis. Fez o contato inicial e foi conhecer os viveiros no meio da mata. Perguntou se era possível levar alguns para Botucatu, pois os de lá estavam sumindo. Houve concordância e, tomados os cuidados necessários para o transporte, foram levados dois casais a um certo lugar na serra de Botucatu. Adaptados, alimentados com brotos de bambu, bananas e folhas de bananeira, procriaram e, então, o dono do lugar notou o aparecimento de outros sacis por ali, atraídos pelos novos vizinhos. A prova maior era de que as ferramentas começaram a sumir, os varais das casas estavam mexidos; coisas de saci...! Para quem não sabe, “o saci é um primata que, na idade adulta, atinge um

⁵ Lendas da Região – Internet – Frenzy and Fury on Line – História de Sorocaba by Night – Paulo Moraes, ufólogo, mestre da Gnose.

metro de altura. A cor de sua pele é bem escura, é parecido com o ser humano. Tem uma perna só. Tem a pele mais avermelhada na cabeça e que parece um gorro. Chega a usar cachimbo. ..., etc..!"

*Correu a notícia e, então, muitos procuraram a ANCS, hoje formada por médicos, músicos, dentistas, regentes, professores da Unicamp, biólogos, bancários, advogados para contar suas experiências. Que se tenha notícia, o saci vem sendo criado em Jundiá, Itajubá, Botucatu e levados uns casais para **Porangaba, SP**, numa área reservada para a introdução do animal.*

O lema da Associação é para que se criem sacis em reservas ou que sejam contadas histórias, pois ao contar uma história de saci para uma criança, você acaba criando um. O criador de sacis não é somente aquele que cuida do aumento da população na mata, mas também o que cuida da criação desses bichinhos, ou homenzinhos de uma perna só, nas nossas cabeças.

Portanto, durante a noite, se você encontrar sacis lá pelas bandas de Porangaba, não se assuste, eles são inofensivos, são infantis, gostam de traquinagens e estripulias, não fazem mal a ninguém. Acontecendo, não deixe de nos avisar.

Fonte: http://www.estado.com.br/folclore_saci.htm

Em São Luís do Paraitinga, o major Benedito de Sousa Pinto afirmou "Conhecemos três espécies de saci: trique, saçurá e pererê. O saci mais encontrado por aqui é o saci-pererê. É um negrinho de uma perna só, capuz vermelho na cabeça e que, segundo alguns, usa cachimbo, mas eu nunca o vi. É comum ouvir-se no mato um "trique"; isso é sinal que por ali deve estar um saci-trique. Ele não é maldoso; "gosta só de fazer certas brincadeiras como, por exemplo, amarrar o rabo de animais". "O saçurá é um negrinho de olhos vermelhos; o trique é moreninho e com uma perna só; o pererê é um pretinho, que quando quer se esconder, vira um corrupeio de vento e desaparece no espaço. Para se apanhar o pererê, atira-se um rosário sobre o corrupeio de vento".

E mais uns informes sobre o saci: "quando se perde qualquer objeto, pega-se uma palha e dão-se três nós, pois se está amarrando o "pinto" (pênis) do saci. Enquanto ele não achar o objeto, não desata os nós. Ele logo faz a gente encontrar o que se perdeu porque fica com vontade de mijar". (Amaro de Oliveira Monteiro).

Quando se vê um rabo de cavalo amarrado, foi saci quem deu o nó. Tirando-se o gorrinho do saci-pererê, ele trará para quem lho devolva, tudo o que quiser. Quando passar o redemoinho de vento, jogando-se nele um garfo sai o sangue do saci. Outras versões: jogando-se um rosário o saci fica laçado; jogando-se a peneira, fica nela. (Home Page Oficial dos Violeiros do Brasil)

Registrados os enigmas, que para alguns são as fábulas que contam as histórias dos deuses, semideuses e heróis da antiguidade pagã e para outros a interpretação primitiva e ingênua do mundo, quaisquer ilações com duendes e as lendas comentadas por aqui, como as cavernas da Fazenda

São Martinho, as "galerias subterrâneas" da Torre de Pedra, "a procissão dos mortos nas ruas da cidade", os tesouros enterrados, as mutações biológicas (mulas sem cabeça, sacis, porca com 7 leitões, lobisomens), etc., são simplesmente coincidências. Estamos encravados na parte da região sorocabana que é considerada por muitos "estudiosos" como área mística, misteriosa, de contemplação espiritual, ponto referencial de extraterrenos, etc.

**Sem entrar no mérito, vale como registro.
Acredite se quiser...!**

A verdade é que muitas histórias, mitos e lendas, e outras figuras do imaginário popular que assutavam a população de antigamente, principalmente as crianças, as chamadas assombrações, simplesmente desapareceram do palavreado do povo com a chegada da luz elétrica, tanto na cidade como na zona rural.

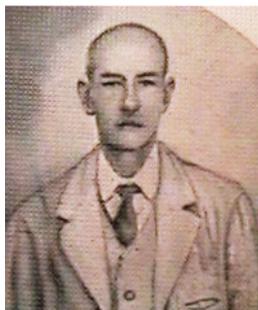
3.2 POSSEIROS E SESMEIROS

Embora fosse até previsível e esperado pela proximidade geográfica, não deixa de ser curioso que diversos sobrenomes de sesmeiros e posseiros, das antigas regiões de Sorocaba e Itapetininga, sejam comuns às famílias tradicionais que se fixaram no Sertão do Rio Feio, representados certamente por descendentes. Vale como registro e pesquisa, já que a comprovação definitiva exigirá buscas e estudos mais aprofundados. Eis alguns nomes de sesmeiros relacionados nas publicações do Instituto Histórico e Geográfico, revistas nº 26, 27 e 34, com os locais e as respectivas datas de doações das terras:

João de Oliveira Falcão - no lugar denominado Barra Iperó - Sorocaba, em 04/07/1728;
Antônio Nunes da Silva - no lugar denominado Piracambucú - Tietê, em 18/01/1800;
Antônio Proença - no lugar chamado barra do Rio Sorocaba - Sorocaba, em 15/12/1784;
Estanislau de Campos Arruda - em Guarehy, em 27/01/1786;
Henrique Silva Colaço - em Sarapuy - Rio Sorocaba - em 04/01/1728;
Manoel Nunes Pereira - no lugar denominado Pederneiras - Itapetininga, em 24/05/1782;
Simão Oliveira Falcão - no Rio Sarapuy - em 30/08/1758;
Antônio Gaspar Soares - em Campo Largo - Sorocaba - em 06/09/1781;
Francisco de Oliveira Falcão - no Rio Itapetininga - em 02/03/1754;
José Pires de Camargo - Porto Feliz - em 21/08/1798.
Felipe Fogaça de Almeida - no lugar denominado Perú - Sorocaba, em 31/01/1742;
Geraldo Domingues - no lugar denominado Campo Largo - Sorocaba, em 06/09/1781;
Francisco Subtil - no lugar denominado Perú - Sorocaba, em 31/01/1742;
Ignácio Domingues e 37 moradores - no lugar denominado

Jurupará, Barra Sorocaba, em 03/10/1783;
João Affonso Pereira - Guarda Mor - em Itapetininga, em 28/07/1784;
José de Campos Bicudo - no lugar denominado Barra do rio Tatuí, em 24/03/1726;
José Nunes - no lugar denominado Pederneiras, Itapetininga, em 24/05/1782;
Joaquim e Apolônia Domingues - em Alambari, em 20/08/1783;
Francisco Domingues - em Apiaí, em 22/05/1782;
André Domingues, em Apiaí, em 12/03/1741;
Amaro Domingues Paes - em Sorocaba, em 18/04/1733;
Antônio Domingues - em Piedade, no lugar denominado Embahy, em 05/03/1736;
Faustino Fernandes - em Alambari, em 20/08/1785.

3.2.1 Pioneiros



Manoel Cândido Silvestre

Além dos primeiros moradores que constam no **“Livro do Tombo”** da Paróquia como os fundadores, que se instalaram nas cercanias da capela, é preciso estabelecer a verdade sobre outros pioneiros que se fixaram nos sítios e áreas vizinhas, mas que sempre são omitidos ao se escrever a história de Porangaba. Vieram à procura de terras férteis e enfrentaram o sertão bravio com suas feras, as doenças, as condições inóspitas e não poderão ser esquecidos, pois foram os nossos verdadeiros “bandeirantes”. Este estudo possibilita mostrar os primeiros agrupamentos rurais - os primeiros bairros formados - a partir de 1835, aproximadamente, todos subordinados à Freguesia de Tatuí. No início, eles possuíam grande extensão territorial. Por exemplo, o bairro do Ribeirão das Conchas, um dos mais antigos, englobava partes das terras que hoje formam os bairros dos Ferreira, Fogaça, Serrinha, Miranda, Água Choca, Moquéim, Ribeirão da Vargem, etc., áreas encravadas nos atuais municípios de Porangaba, Cesário Lange, Pereiras e Conchas. O bairro Aleluia englobava também partes das terras hoje pertencentes aos bairros dos Fogaça, Pinto, Capuava, Matão, Areias, Quadra, etc. O bairro do Rio do Peixe se estendia, então, desde os Arruda, Bueno, Rio das Pedras até as terras do município de Bofete. Para melhor entendimento, é

preciso registrar que as divisas de terras entre Botucatu e Tatuí, no ano de 1859, (não esquecendo que o bairro do Rio Feio pertencia a Tatuí), eram feitas através do “rio do Peixe, desde a sua barra no rio Tietê, até uma de suas cabeceiras, que tem o nome de rio Bonito, e que faz contravertente com o rio Jacuí”.

Naquela época o território de Botucatu tinha a seguinte delimitação: “sua latitude (*largura*) é de 30 léguas mais ou menos, sua longitude (*comprimento*) de mais de 80 léguas: é dividido ao norte pelo rio Tietê, ao sul pelo Paranapanema, ao oeste pelo rio Paranã e ao leste pelo ribeirão do Jacuí”. Considerando a dimensão, fica claro que ao tentar relacionar os pioneiros dos sítios e fazendas, alguns nomes importantes (daqui) poderão até ser omitidos e, outros, de bairros diferentes incluídos, mas vale como registro cronológico do povoamento da “região tatuiense”. A relação é parcial e foi montada de acordo com os assentamentos nos livros da Capela da Freguesia de Tatuí, a partir de 1823, cobrindo os habitantes que se achavam dispersos nas áreas que viriam formar o território atual do município de Porangaba. É também possível que muitos tenham se fixado na região antes da data estabelecida, mas nos baseamos, como ponto de partida, nos registros existentes.

Bairro do Ribeirão das Conchas

1840 - *Paulino Alves Barreto e Ana Thereza, Joaquim Rodrigues Ferreira*; 1842 - *José Ribeiro Pedroso, Ignácio José dos Santos*; 1843 - *Custódio Rodrigues e Maria da Conceição, Policarpo José Gomes e Maria da Conceição, Pedro Pereira*; 1845 - *Bento José Barreto e Maria (natural de São Roque), João Alves Barreto e Gertrudes da Conceição*; 1848 - *Joaquim Gonçalves Ferreira e Maria Gertrudes*; 1849 - *Policarpo Gomes da Silva e Jacinta Maria de Moraes*; 1855 - *Antonio José da Luz, Francisco Lourenço, José Leite, Salvador da Silva Pinto, Desidério da Silva Pinto, Salvador Machado, João Antonio de Sampaio, João Pinto de Oliveira, Feliz Buneo de Oliveira, Pedro Lemes Cavalheiro, Francisco de Paula*; 1856 - *João Vieira, José Lopes Cardoso, José Frutuoso Soares, Bento Alves Barreto e Ana Maria, Francisco Antônio Ferreira, Luiz de Souza Faria, Manoel Antônio da Silva*; 1857 - *Antônio Alves Barreto e Ana Francisca Pereira*; 1860 - *Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição*; 1866 - *José Américo e Claudina*; 1868 - *Antônio Alves, Lucas Rodrigues de Almeida*; 1869 - *José Alves e Maria das Dores, Antônio de Almeida e Maria de Mello, Antônio Goes de Lima e Maria Lemes, Adão da Silva Pinto e Escolástica de Jesus, Manoel Coelho Colaço e Delfina da Conceição, Ignácio de Souza Tavares e Justina Maria de Jesus, Manoel Rosa e Ana Maria, Joaquim Valentino e Firmina de Oliveira, Vitorino de Oliveira e Cristina Rosa, João de Goes Lima e Maria da Conceição Pompeo*.

Bairro da Boa Vista

1856 – Daniel Fortunato da Palma, Manoel Ribeiro de Castro, Maria Rita Pedroso, João Pinto de Siqueira, Antonio José de Ávila

Bairro do Rio Feio

1853 – Pedro José da Silva, Paulino Aires de Toledo, José Antunes Maciel, Cândido Silvestre Domingues e Paulina Maria da Conceição, Antônio Ribeiro Bueno e Maria das Dores (ou da Conceição), 1856 - João Florentino Soares, José Cardoso da Silva, Antônio de Mascarenhas Camello (sesmeiro), Policarpo José Gomes, Gertrudes Dias, José Silvestre Domingues, Salvador Ribeiro, Manoel Ribeiro, Joaquim Liberto, Antônio Marques, Antônio Lopes de Almeida, José Teodoro Martins, Mariano José de Melo, Antonio Manoel de Oliveira, Amaro Rodrigues de Oliveira, Candido Proença, Manoel Leite Colaço, Vicente Ferreira de Oliveira, Joaquina Maria, Joaquim Naoel Rodrigues, Manoel Machado Alves, José Lopes, Gertrudes Maria, Bernardino José de Camargo, Henriques de Oliveira, André José de Oliveira, José de Arruda, Joaquim Maria de Camargo, Vicente José Lemes, José Machado Alves, José Celestino, Pedro de Proença,



João Teófilo de Oliveira

Vicente Fonseca de Oliveira, José Manoel de Medeiros, Vicente Leite de Moraes, José Gabriel Arcanjo, Francisco Machado de Oliveira, Antônio Gabriel, Felisberto Manoel de Proença, Gertrudes Machado, José de Arruda Ribeiro, Antonio Leite, Vicente José Leite, Francisco Firmino Ferreira, João Lopes, Jesuíno de Albuquerque, José Manoel Ribeiro, Antonio Joaquim; 1867 - Ignácio Xavier de Freitas e Maria da Purificação; 1868 - Vicente Camargo e Gertrudes Maria da Conceição, Raimundo Antônio de Oliveira e Maria Gertrudes, Antônio Rufino da Silva e Gertrudes Maria da Conceição, Antônio Pires Guerreiro e Maria Rita do Espírito Santo; 1869 - Antônio José Fernandes e Escolástica Maria da Conceição, Ricardo Pinto de Camargo e Joaquina Maria, Zacarias de Paula Rodrigues; 1871 - Joaquim do Amaral Camargo, Bento de Arruda, José Ferraz; 1874 - Antônio Lopes Cardoso, José Manoel de Proença e Ana Maria da Conceição, Florentino Manoel de Campos e Francisca Maria, Luciano Soares de Arruda e Custódia Maria, Martinho Leme e Ana Joaquina, João de Campos Leite e Felisbina Pereira Falcão, Manoel Branco de Miranda e Maria Luiza; 1875 - Antônio Manoel da Silva e Gertrudes M. da Anunciação (ou Gertrudes Martins Fiuza), João

Antônio da Silva e Guilhermina Maria, Francisco Alves e Ana Maria, Salvador José da Silva, Francisco Alves Agapito e Ana Maria Rodrigues, Ignácio Pereira Leme e Maria da Conceição, Francisco Ribeiro do Prado, Antônio Calixto Barreto; 1876 - Rafael do Amaral Camargo e Idalina Maria, Francisco Silvestre Domingues e Rosa da Conceição, João Florentino de Almeida e Maria Belarmina, Antônio Florentino Soares e Maria da Conceição; 1877 - Bento Manoel João e Maria da Conceição, Mariano José de Mello e Gertrudes Maria, Vicente de Oliveira e Maria de Paula; 1878 – José Gregório de Nascimento Motta, Francisco Martins; 1880 – Feliciano do Amaral Camargo, Antônio Manoel de Oliveira e Francisca Maria da Conceição; 1882 - Francisco de Arruda Ribeiro e Joaquina Maria, José Antônio de Oliveira André, Firmino Ribeiro Correa, João Batista de Camargo Barros; 1884 – Boaventura Antônio de Lima; 1885 – Roberto Silvestre Domingues, Francisco do Amaral Camargo, Antônio do Amaral Camargo; 1887 - Luiz Antônio de Oliveira e Maria da Conceição; 1888 - João Mariano Leite e Benedita Candida da Conceição; 1889 - Mariano José de Mello, Veríssimo do Amaral Camargo e Ignácia Maria da Conceição; 1890 - Antônio Silvestre Domingues e Idalina Maria.

Bairro do Saltinho

1887 - José Xavier de Freitas;

Bairro do Rio do Peixe

1839 - Joaquim Barbosa; 1840 - José de Arruda, Antônio de Almeida, Manoel Fogaça e Gertrudes Maria; 1842 - Luiz Antônio da Silva, Pedro Leme e Maria Joaquina; 1843 – Joaquim Pereira e Escolástica Maria; 1844 - Joaquim Leite e Florisbela Maria, João Pinto de Siqueira e Manuela Pedroso, Manoel Lemes e Ana(Josefa) Maria; 1854 – Antônio Manoel de Moraes, Albino José de Freitas, André José Leite, Salvador Januário, Miguel Januário, José Leite, José Antonio de Siqueira, Antônio Pinto, Pedro Ferraz, Antônio Prado, Gertrudes do Prado, Ana do Prado, Floriano José Bernardo, Joaquim de Campos Paes, Adão Alves Barbosa, José Mariano da Silva, João Lopes de Moraes, Francisco Pinto, Adão de Oliveira Pinto, Fortunato de Oliveira Pinto, Damásio Rodrigues, João de Lima; 1856 – Ignácio Xavier de Freitas, Antônio de Mascarenhas Camello, Maria Leite, Henrique Dias, Antonio Felix da Costa, José Silvestre Domingues e Cândido Silvestre Domingues, José Pinto; Antônio Lourenço Marques, Jesuíno Antunes Fogaça, Francisco de Paula Vieira, Maria Felipe, Balduino Ignácio; 1857 - Policarpo José de Oliveira; 1869 - Claro José Fragoso e Firmina Maria Francisca; 1870 - Francisco Xavier e Gertrudes da Mota

Bairro do Moquém

1855 – Joaquim Sutil de Oliveira, João Lopes de Moraes, Francisco Antônio Rodrigues; 1856 – João Antonio Modesto, Manoel Ribeiro do Prado, Manoel Ribeiro Fraga, João Gomes, Antonio de Oliveira, Maria de Souza, Luiz Antônio Rodrigues, José de Arruda Ribeiro, Pedro Machado, Francisco Leite de Paula, Maria Ribeiro do Prado, Joaquim da Costa, Antônio Felipe da Costa e Joaquina Costa, Vicente Pereira, Domingos Furtado, José

Mendes; 1868 - Felipe de Arruda e Maria Justina; 1869 - Salvador Gomes da Silva e Maria Luiza, José Mathias Leite e Maria das Dores, Vicente Leite; 1870 - Pedro Pereira de Camargo; 1876 - José Antônio de Siqueira; 1883 - José Ribeiro do Prado e Ana da Conceição

Bairro Aleluia

1856 - Joaquim de Almeida Leite, Antônio Leite, Ignácio Pinheiro; 1866 - Joaquim Carneiro da Silva Lobo e Antônia Carneiro da Cunha Lobo; 1869 - Francisco Pires de Campos e Maria Escolástica Mascarenhas; 1871 - Elias Lopes de Oliveira e Maria das Dores

Bairro da Serrinha

1869 - Antônio Soares e Ignácia Maria, Salvador José Soares e Idalina Maria do Espírito Santo; 1872 - Antônio Rodrigues

Bairro do Rio Bonito

1866 - José Pedroso e Luiza da Conceição; 1868 - Manoel Pedroso Garcia e Isabel Maria da Conceição; 1870 - Zacarias de Paula Rodrigues; 1880 - Joaquim Gonçalves da Silva, Joaquim de Almeida Bastos, Bernardino Soares da Silva, José Antunes do Prado, José Antônio de Medeiros, Francisco Lopes Machado, Clemente Soares de Almeida e José Rodrigues da Silva

Bairro do Rio das Pedras

1869 - Antônio Bueno e Ana Maria, Elias Antônio da Silva e Matildes da Rosa, Joaquim Gomes da Silva e Maria da Conceição, Manoel José de Oliveira e Felicidade Maria da Conceição; 1887 - Manoel Leite Colaço e Alexandrina Maria da Conceição

Bairro do Ribeirão de Dentro

1869 - José Bráulio de Camargo (foi sub-delegado de polícia em Passa Três) e Adelaide Alves de Camargo

Bairro do Ribeirão da Vargem

1840 - José Antônio Lima, Pedro Pires e Gertrudes de Jesus; 1842 - Joaquim de Oliveira e Cláudia Maria de Jesus; 1843 - Pedro Leme da Silva e Joana Maria, José Pereira de Araújo e Ana Bruna, Antônio de Toledo e Maria Gertrudes; 1868 - Benedito Teodoro e Gertrudes Maria da Conceição; 1870 - Firmino de Miranda

Bairro dos Nunes - 1900

Ignácio Nunes da Silva e Francisca Maria Xavier; Ozório Nunes da Silva e Maria das Dores Diniz Vaz; Feliciano Nunes da Silva e Ângela Diniz Vaz; Frederico de Paula Leite e Alexandrina Maria Delfina; João Crisóstomo Barreto e Gertrudes Maria Luiza; Antônio Lemes da Rosa e Maria Nunes da Silva; João Pedro de Arruda e Balbina Nunes da Silva; José Nunes da Silveira e Maria Escolástica da Conceição; Jorge Ignácio de Ramos - desde 1877; Luiz Antônio Rodrigues - desde 1890; Antônio Domingues de Arruda - 1897; Fermio Ribeiro Correa - desde 1896; Francelino Leite de Moura - desde 1899; Francisco Antônio de Oliveira Cubas - desde 1899; José Joaquim Fernandes - desde 1899; Cristovam Diniz Vaz - desde 1900; Joaquim Luiz Rodrigues, Antônio

Antunes Correa, Manoel da Rosa Lima, José Ribeiro do Prado, Luciano Diniz Vaz, José Cleto, João Francisco de Paula, Manoel Guedes Pinto de Mello (proprietário da Fazenda São Martinho)

Bairro dos Mariano - 1899/1900/1905

João Nunes da Silva e Ana Maria Ribeiro; José Nunes Ribeiro e Constancia Maria da Conceição; Francisco Nunes da Silva e Felisbina do Amaral Castro; João Mariano da Silva e Balbina Maria da Conceição; Marcolino Florentino Soares e Jesuína da Conceição; João Batista Nunes e Clotilde do Amaral Castro; Alexandre Nunes da Silva; Pedro Ribeiro Correa e Maria Nunes da Conceição; Olímpio José Mariano da Rocha e Gertrudes Maria Rita; Francisco Antônio de Oliveira Cubas; Joaquim de Oliveira; Ignácio Fiúza de Camargo Castanho; Antônio Silva; João Mariano Leite; Francisco Antônio dos Reis, João Antônio dos Reis, João Antônio de Arruda, João de Arruda Sobrinho, Juvêncio de Arruda, José de Arruda,

Moradores do Rio Bonito (Bofete) e Tatuí, com interesses no Rio Feito (Porangaba):

Bofete

1840 - Francisco Pinto de Lima, Carlos Pinto, Custódio de Souza Pinto; 1858 - Salvador José de Oliveira e Senhorinha Maria

Tatuí

1834 - Francisco de Oliveira Falcão e Ignácia Maria Leite; 1835 - Ignácio Nunes da Silva e Marinha (ou Martinha) de Jesus; 1836 - João Nunes da Silva e Ana Gertrudes; 1844 - Ignácio Manoel de Oliveira e Gertrudes Maria da Conceição; 1845 - Pedro José e Maria Francisca; 1856 - Segismunda dos Santos Fonseca (Segismunda Machado); 1857 - Francisco Xavier de Miranda e Gertrudes Maria da Conceição; 1859 - Antônio do Amaral Camargo e Ana Coelho de Oliveira; 1860 - Joaquim de Oliveira Falcão e Ana Vieira de Siqueira; 1865 - Salvador Gabriel do Amaral; 1869 - Eliodoro do Amaral Camargo ; 1871 - Rafael do Amaral Camargo

3.3 O ÍNDIO BRASILEIRO

3.3.1 Histórico

Antes do descobrimento do Brasil, os índios já tinham descido pelos flancos da Cordilheira dos Andes e habitavam as terras que viriam formar o solo brasileiro. Ocorreria, então, a migração de tribos aguerridas - os tupis guaranis. Antes deles, já tinham chegados os tapuias, um povo mais atrasado, que não conhecia cerâmica, não cozinhava os alimentos, não conhecia os rudimentos da agricultura, não tecia e não construía embarcações. Para se ter idéia do tempo decorrido, essas migrações foram anteriores à vinda dos Incas

ao Peru, fato que aconteceu quatro séculos antes do nosso descobrimento. Os tupiás foram empurrados pelos tupis e se refugiaram nas regiões centrais do nosso país, entre os rios Xingu e Tapajós, mas restaram algumas tribos do lado do oceano Atlântico. E qual seria a origem dos índios? ⁶ Uns, acreditam que vieram pelo Pacífico; outros, pelo Atlântico. Existem inúmeras hipóteses. Eram povos itinerantes; grupos que se subdividiam e emigravam. Os grupos tupis praticavam a caça, a pesca, a coleta de frutas, a agricultura. Já derrubavam árvores e faziam queimadas, técnica que foi incorporada pelos colonizadores. Plantavam feijão, milho, abóbora, mandioca (principalmente), cuja farinha tornou-se um alimento básico no período colonial. A economia era basicamente de subsistência. A chegada dos portugueses representou uma verdadeira catástrofe para os índios, embora resistissem fortemente aos colonizadores, principalmente quando sentiram a ameaça de escravização. Os que se submeteram, sofreram a violência cultural, as epidemias, as mortes. Desse contato, resultou a população mestiça que mostra, até hoje, sua presença silenciosa na formação da sociedade brasileira. Na colonização e no povoamento do território nacional, em todas as suas fases, a presença do índio sempre foi destacada e entrou no sangue de nossa nacionalidade.

3.3.2 A presença do índio em Porangaba

Mesmo com a escassez de documentos comprobatórios, mas baseado mais nas histórias da conquista do “sertão”, é certo que tribos indígenas viveram ou transitaram pelas terras que viriam formar o município. Vestígios ainda hoje são encontrados, especialmente objetos líticos. Os possíveis descendentes, na zona rural, os mamelucos - que os historiadores chamavam um novo tipo étnico em formação, já poderiam ter vindo de outras comunidades, na época em que se consolidava o povoamento rural. Os documentos pesquisados, referentes à presença do índio na região “sorocabana”, permitem concluir que enquanto viveram ou transitaram por aqui, com raras exceções, não foram molestados pelos povoadores e colonizadores. É certo, ainda, que os bandeirantes não transitaram pelas terras porangabenses, pois a literatura existente não mostra nenhuma rota que tivesse passado pelo “sertão” do Rio Feio.

⁶ Quanto à origem do homem americano: “Pesquisas arqueológicas recentes realizadas em Monte Verde, a cerca de 800 quilômetros ao sul de Santiago, mostram que há 12.500 anos já haviam homens vivendo na região que hoje corresponde ao sul do Chile. A descoberta confirma os argumentos a favor da teoria de que a origem do homem americano é bem mais antiga do que os cerca de 12 mil anos citados nos tradicionais manuais de arqueologia – Jornal - O Estado de São Paulo – 12/02/97”.

Como explicar, então, a ausência de índios na nossa região, já na segunda metade do século 19? Como ocorreu a saída? Quais os motivos da retirada? Existem diversas suposições: a) o meio ambiente local (na superfície que corresponde hoje ao município) não favorecia à fixação, pois se existia caça em abundância, a pesca não era atrativa; b) faltavam grandes rios; c) a água sempre foi ruim (salobra); d) as tribos eram nômades e não permaneciam por muito tempo no mesmo local.

Quanto à presença confirmada de indígenas na região “botucatuense” e imediações, não podem ser desprezados os informes do historiador Hernâni Donato, na “História de Botucatu”:

- a) *“no século 17, os oitis habitavam os campos entre Campos Martins e Rio Bonito (Bofete); os caiuás, ora pacíficos, por vezes enfurecidos, habitavam o outro lado da Serra de Botucatu;*
- b) *as terras dos Jesuítas, da Fazenda de Botucatu, foram confiscadas pelo Marques de Pombal - o todo poderoso ministro de Portugal, no ano de 1759 - e também as benfeitorias (currais e ranchos rústicos), escravos, cabeças de gado e cavalos; os índios catequizados fugiram, assim como muito gado escapou para a generosidade do sertão;*
- c) *ao citar as divisas territoriais entre as vilas de Tatuí e Botucatu, em 1859: “para o norte a divisa natural era o Rio Tietê; para o oeste o sertão imenso e despovoado, onde os grupos de penetradores acuavam os últimos bugres”;*
- d) *em 1861, até 1866, as áreas rurais do município de Botucatu - não muito distante das terras que formariam o futuro município de Porangaba, ainda eram atacadas pelos índios selvagens” que por ali viviam ou transitavam.*

Com base nos estudos antropológicos sobre a formação da população indígena paulista, por analogia, vestígios e objetos encontrados, os índios que viveram ou simplesmente transitaram pelas terras daqui, eram do grupo tupi. Seriam *os carijós*, parentes dos tupis, pertencentes ao grande tronco dos guaranis, ou, simplesmente, dos tupiniquins. Eram de índole mansa, singelos e inocentes. O padre Manoel da Nóbrega a eles se referiu: “não há neles vício algum, a não ser de guerream entre si”. Conversamos com o sertanista Orlando Vilasboas que, gentilmente, nos falou sobre os índios carijós, confirmando inteiramente a candura e a ingenuidade dessa gente; contou inúmeras passagens históricas..

A propósito, o historiador Aluísio de Almeida, na obra “Achegas à História de Sorocaba, escreveu:

“Que povo habitava esta planície e as vertentes destes morros? Isto já é pré-história. Uma pergunta curiosa. Pelos menos no século 16, eram da raça tupi-guarani os habitantes destas regiões, a julgar pelos vestígios deixados nas denominações geográficas. Provavelmente começava por estas imediações o “habitat” da grande tribo dos carijós, que se estendia desde Itanhaém até o Guairá e o Rio Grande do Sul. Pobres criaturas, foram os primeiros escravos e, em proporção tão grande, que, até no século 18 se chamavam carijós os escravos da raça vermelha de um modo geral. Haveria uma ou mais aldeias por aqui, ou apenas passavam em tropel para a caça e a pesca? A priori, pode se responder que muitas vezes os povoados brasileiros nasceram de aldeias indígenas, mesmo porque os selvagens tinham como um sexto sentido, a boa localização, a geografia. Os primeiros documentos, já do século 17, falam em paragem de Sorocaba. Note-se, também, que nos fins do século passado, foram descobertos sinais de provável aldeia, ossos, igaçabas, instrumentos de barro, etc...”

Complementando, o historiador José Monteiro Salazar, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e da Academia Sorocabana de Letras, no caderno especial do jornal “Diário de Sorocaba”, de 03/03/1993, assim se referiu sobre os “antigos donos da região”:

“Se pudéssemos olhar a região de Sorocaba ali por 1500, época em que o Brasil era descoberto, iríamos vê-la povoada por várias aldeias de índios. Muitos querem dizer que foram os primeiros habitantes da terra. Não é verdade, pois muito tempo antes deles já havia atividade humana em toda região. Tanto em Sorocaba, como em Boituva e em outras cidades da região foram achados artefatos de pedra, classificados como autênticas ferramentas da “pedra polida” e sua idade dada como de uns 1.100 anos, visto que foram fabricados ali por 800 AD. E mesmo antes deles, que não podem ser chamados de indígenas na concepção que fazemos dos índios e antes dos “homens da pedra polida”, houve os da “pedra lascada”. De forma que a região já teve muitos donos. Mas quando os primeiros desbravadores por cá chegaram, ali pelo último quartel do século XV, encontraram indígenas e sua influência ainda hoje ressaltam-se pelos vários nomes de lugares, nitidamente palavras da Língua Tupi, como o próprio nome “Sorocaba”. E que índios eram esses? Houve por muito tempo divergências entre os historiadores, sobre qual nação indígena imperava em toda esta região. Há autores que dizem serem os índios brasileiros apenas de dois grandes grupos: o Tupi e o Guarani. As diversas tribos (Tupinambás, Tupiniquins, Tamoios, Carijós, Aimorés, etc.) não constituíam propriamente nações independentes e sim grupos que se separavam e ganhavam dos outros índios como que apelidos devidos as práticas que adotavam e as características que adquiriam. (...) a

língua era a mesma (...). Assim, os índios teriam um mesmo modo de vida, quase que a mesma língua, os mesmos hábitos. (...) Não obstante as tribos viverem errantes, deslocando-se conforme as condições da terra ou do clima, é certo que quando aqui chegaram os primeiros desbravadores, o território era constituído por elementos da tribo Tupiniquim”.

Certamente, já na metade do século 19, mais ou menos, quando cresceu o povoamento na área que tornar-se-ia o município de Porangaba, os índios já teriam emigrado, pois não são encontradas referências nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. Nos obituários consultados, a partir de 1823, principalmente, não encontramos também nenhuma menção aos nativos que viveram por aqui. A verdade é que quando os primeiros povoadores chegaram à região do rio Feio e áreas adjacentes, somente encontraram vestígios da presença indígena.⁷ É a conclusão mais lógica, não desmerecendo, porém, os interlocutores e contadores de “causos”, que dizem, por ter ouvido dizer, que, mais ou menos, no último quarto do século 19 ainda eram encontrados índios por aqui.

Um deles, chamar-se-ia Baltazar e morava numa choça atrás da capela; era curandeiro com suas ervas, cobras, amuletos e poções mágicas. Falavam os mais velhos. Vale como registro, mas não existe prova documental e quem me contou, por ter ouvido falar, foi o saudoso Carlos Lemes, filho da Dórica, irmão do Marinho Sapateiro.

3.3.3 Descendentes

Quanto à presença de descendentes de índios no município, procuramos ouvir as pessoas mais idosas e obter informações à seleção de nomes. Nomes citados por unanimidade pelas pessoas inquiridas:

Lourenço Paulino da Silva - *O Lourencinho, cujo porte e características físicas eram bem assemelhadas aos nossos nativos. Dizem que era neto de índios escravos, já marcados pela*

⁷ O “Yby soroc”, “terra rasgada, terra sagrada”, era nos seus primórdios uma região povoada pelos índios tupiniquins, cujos restos arqueológicos, milenares, são até hoje ali encontrados. Há informações históricas referentes a quase cinco séculos atrás sobre um caminho lendário que levava às terras do oeste e do sul, trilha que orientou as primeiras incursões e aventuras para a conquista da terra desconhecida e fascinante no início do povoamento da colônia recém-descoberta. Nessa época, a região de Sorocaba representava “uma encruzilhada aonde convergiam, por onde viajavam e se limitavam, os tupis do Tietê, os tupiniquins e guaianases de Piratininga, os carijós dos campos de Curitiba, os guaranis do Paranapanema e outros guaianases, talvez, das nascentes desse rio, tendo a cidade nascido nessa encruzilhada pré-cabralina..Livro João de Camargo de Sorocaba – Carlos de Campos e Adolfo Frioli - pag.59

miscigenação; que pertenciam ao Capitão Roxo de Tatuí. Podemos afirmar que é impossível montar sua biografia, pela falta de documentos e registros de seus ascendentes. Trabalhador, formou uma das mais tradicionais famílias porangabenses, sendo seus descendentes renomados artistas. João Paulino da Silva (filho), músico de destaque; Lázaro Nogueira da Silva (Pingo) (neto), maestro e professor do Conservatório Musical de Tatuí; Martins de Porangaba (bisneto) – artista plástico de renome internacional; Hudson Nogueira (bisneto) – músico, arranjador, do Conservatório Musical de Tatuí. Dentre os seus descendentes, alguns membros chegaram a apresentar traços marcantes de origem índia, como sua filha Luiza, casada com Inocêncio Clemêncio, e o seu neto Agostinho. Hoje, ainda notamos familiares (netos e bisnetos) com vestígios bem acentuados.

Satiro Antônio Garcia - *Formou importante família. Veio de Ibiúna, ainda menino, com o tropeiro Valêncio Augusto da Silva e morava no bairro do Varzeão. Tinha características bem fortes de sua origem índia. Filho de Luiz Antônio Garcia e Maria Gertrudes, casou-se com Maria Clementina de Moraes, filha de Clemente Manoel Fraga e Escolástica Francisca. Seus filhos: Benedito, Mariano, Luiz, Vicente, Antônio, Elisa (esposa do saudoso Cornélio Manoel Rodrigues - Cornélio Leme), Francisca, Isabel, Augusta, Olímpia, Paula e Zubina. Alguns de seus descendentes apresentam ainda traços nítidos de origem indígena.*

Nhá Cláudia – *Filha de Ricardo Pinto de Camargo (Ricardinho), cunhada do português Manoel Izidoro Brenhas, um dos fundadores de Porangaba; foi casada com Francisco Lourenço Ribeiro – conhecido como Chico Correa. Segundo as pessoas mais idosas que a conheceram, com destaque para o testemunho do Lazinho do Valêncio, era uma autêntica índia pela postura, comportamento e aspecto físico. Os ancestrais de seu pai Ricardinho eram certamente índios ou mamelucos de primeira geração.*

Dinarte Leite Cassimiro - *Patriarca de tradicional família porangabense, apresentava características marcantes, com traços definidos. Os seus descendentes diretos também mostravam claramente a origem nativa pelo aspecto físico, especialmente os filhos Maria (mãe do Beraldo), Justina (mulher do Napoleão), Antônio e Ditinho. Dentre seus netos e bisnetos, alguns ainda mostram sinais marcantes de descendência indígena.*

Família Cubas do Amaral - *existem outros nomes que merecem uma análise mais profunda, principalmente na zona rural, mas vamos destacar um ramo da família Cubas do Amaral, cujos descendentes ainda vivem nos bairros dos Ferreira, Água Choca e Miranda. São bem marcantes as características indígenas dos membros desse grupo, até hoje, notadamente pela pele, cabelo e aspecto físico. As mulheres se destacam pela beleza nativa. Conhecemos o Joaquim Roque, e convivemos com seu filho José Maria, nosso colega no curso ginásial em Tatuí, e ambos apresentavam traços bem nítidos da descendência índia ou mameluca.*

Família Pinto (Serrinha) –



O patriarca teria sido Joaquim Pinto (artesão), agricultor, que sempre viveu no bairro, avô do conhecido **Salvador Pinto (Vadô Pinto)**, pessoa popular que se destaca pelo porte físico (um verdadeiro índio) e simplicidade. Filho de Cesário Pinto e Marcília, que trabalhavam na Fazenda São Martinho, possivelmente cafusos, solteiro, sempre viveu e ainda vive isolado na sua casinha, no caminho do bairro da Serrinha , onde conserva as tradições culturais de seus ancestrais e o modo característico de falar, misturando palavras antigas e sotaques próprios da língua portuguesa arcaica. Sempre se mateve às custas de pequenos serviços e de atividades artesanais na confecção de utensílios de bambu (como cestos, covos, balaio, etc.).mas hoje, como orgulhosamente conta, está aposentando.

Outros casos

Outra figura interessante foi a negra Angelina, filha de Ignácia, do bairro Aleluia, que trabalhou na casa do sr. Dassás Vieira de Camargo. Seus traços e porte físico eram típicos de “cafuza”; a forma de falar, andar e de se comportar.

O sr. Amâncio Amaral, do bairro dos Arruda, conforme relato de antigos moradores, apresentava, também, características indígenas acentuadas.

Existem outros descendentes na zona rural,

principalmente, que merecem um estudo mais detalhado. É bastante temerário posicionar a origem sem a devida comprovação, mas, certamente, pelo biótipo dos indivíduos é possível que sejam encontrados traços de indígenas ou mamelucos em membros das famílias a seguir relacionadas: Oliveira (Boqueirão), Canhambora, Oliveira Pinto, Manoel Rodrigues (Leme), Paulino Teles, Rufino (Ruivo), Valeiro, Nunes, Cândido, Ribeiro Bueno, Mendes, Miranda, Amaral, Fogaça, Soares, Machado, etc.

3.4 O NEGRO

3.4.1 Histórico

A leitura dos textos seguintes possibilita perceber claramente o que ocorreu com os negros que, sob a forma de escravos, libertos ou descendentes, chegaram ao povoado de Santo Antônio do Rio Feio no último quartel do século 19 e no início do século seguinte.

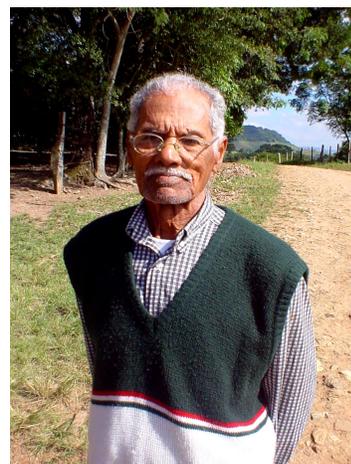
“As formações sociais dos forros cresceram na sociedade brasileira desde o século 18 e adquiriram maior proporção ao longo do 19, especialmente a partir da lenta derrocada do regime escravista. As formas pelas quais os alforriados integraram-se no universo de homens livres foram diversas. Como assinalou Borges Pereira, após a Abolição os negros distribuíram-se por um espaço social comum a outros grupos étnicos da sociedade brasileira. Nas zonas rurais, nos amplos espaços da economia de sobrevivência ou gravitando em torno de monocultura, as populações negras mesclaram e confundiram-se com largas camadas de populações nacionais já mestiçadas com o elemento índio e com o próprio negro, aderindo ao universo de valores e estilo de vida dos homens livres. A territorialidade negra se manteve em bairros rurais originários de doações de parcelas de terras aos libertos, algumas delas anteriores à Abolição, em grupos remanescentes de quilombos ou simples ocupantes das terras e, principalmente, nos agrupamentos existentes na cidades brasileiras”.

(História da Vida Privada no Brasil - Vol.3, págs.50/55)

“A análise das condições de vida dos ex-escravos que permaneceram nas zonas rurais se confunde na mescla dos tipos sociais que organizaram suas vidas em torno de culturas de subsistência. A adesão aos padrões da organização social e modo de vida dessa população heterogênea pelos egressos da escravidão oscilou com certeza nas diferentes regiões, condicionada principalmente pelas diferentes vias de substituição do trabalho escravo. Por exemplo, nas áreas cafeeiras de São Paulo, onde os imigrantes estrangeiros eram

numericamente abundantes e puderam suprir as necessidades das plantações, os trabalhadores negros foram relativamente dispensados; aderiram-se ao modo de vida caipira, caboclo, empregando-se, esporadicamente, ou dispersaram-se em direção às cidades. Os estudos realizados sobre essa camada social que se espalhou pelas mais variadas regiões geográficas, composta de tipos distintos e variados, que iam desde pequenos proprietários a arrendatários, a simples ocupantes das terras, agregados, parceiros, meeiros, trabalhadores ocasionais e diaristas, têm indicado uma certa regularidade nos padrões de sua organização. Costuma-se dizer que viviam em torno de mínimos vitais; uma economia voltada para a produção de gêneros necessários para o consumo e para a formação de pequenos excedentes, obtida basicamente por meio do trabalho familiar; uma sociabilidade que se estendia das células familiares às relações de vizinhança e aos grupos condensados em torno de unidades sociais um pouco mais amplas, pequenas vilas, arraiais, bairros rurais, no geral de população rala”. (Idem, Vol.3, págs. 60/61)

3.4.2 O Negro em Porangaba



Mantino da Serrinha

Quanto à participação do negro na formação da sociedade porangabense, as referências são globais, genéricas, sendo praticamente impossível identificar a procedência inicial dos grupos e elementos. O que é óbvio - são descendentes de africanos - uma afirmação simples, que pode dizer muito, mas a pesquisa exige mais.

Brasil Bandecchi, ao escrever sobre o negro na revista do Arquivo Nacional, citou Edison Carneiro (Sabedoria Popular), que afirmava:

“ O desconhecimento do negro brasileiro começa das suas origens. De onde procediam os escravos chegados ao Brasil? Sabemos vagamente que vinham da África, mas talvez não possamos apontar exatamente no mapa a situação geográfica desta ou daquela tribo. Na verdade, poucos dentre os brasileiros terão a noção das divisões tribais que existiam entre os escravos”. Supunha-se que os negros aqui chegados fossem de uma massa uniforme, mas não era bem assim e se sabe, através de estudos antropológicos, que vinham de vários grupos. Por exemplo, para melhor entendimento, vamos citar alguns clãs: os cabindas - robustos, dóceis, sendo as mulheres excelentes amas e cozinheiras; os angolas - vivos, pacíficos, trabalhadores, sensuais; os benguelas - desdentados; os fulos - raivosos e resmungões; os efãs - vingativos e conhecidos como “caras pintadas”, etc.

O que sabemos com segurança é que a população negra sempre foi pequena, mesclada de escravos e descendentes que vieram principalmente de Tatuí, ou de outras províncias como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A partir de 1860, mais ou menos, os “africanos”, como eram chamados, já começavam a se espalhar pelos sítios e fazendas em bairros polarizados por Tatuí, cujas terras mais tarde passariam a pertencer ao município de Porangaba. Ainda, no último quarto do século 19, sempre em pequeno número, vieram mais negros (escravos, descendentes e libertos) de Sorocaba, Itu, Parnaíba, Araçariguama, Campinas, Ibiúna, São Roque, Porto Feliz, Fábrica de Ipanema, Campo Largo, Bragança, Itapetininga e do Vale do Paraíba. Mesmo assim, em 1900, a população negra ainda era pequena em relação ao número de brancos. Curiosamente, a grande maioria de negros sempre esteve presente ou passou pelo bairro do Matão (na parte sul do atual município, próximo à divisa com a Quadra), e somente um reduzido grupo ficou na cidade. Outros, em menor número ainda, eram vistos, dispersos em outros bairros como Aleluia, Capuava, Lopes, Florentino, Partes, Moquém, Rio do Peixe. No bairro da Serrinha, onde está a Fazenda São Martinho, houve o afluxo de escravos, mas, também, não foi considerável.

Portanto, a concentração de negros no Matão pode ser explicada pelo fato de ser área próxima aos bairros da Aleluia e Quadra, onde estavam os grandes sítios e fazendas de café de Tatuí, com mão de obra agrícola predominantemente escrava. É possível que com a abolição da escravatura, parte dos libertos dessas fazendas tivesse se deslocado para o Matão. É bom lembrar que tudo pertencia a Tatuí e, somente, 40 anos depois é que ocorreu a emancipação política de Porangaba e foi desenhada

a nova configuração geográfica que englobou parte daquelas terras tatuieenses. Pode-se deduzir, também, que alguns negros já tinham se tornado proprietários muito antes, quando foram alforriados. Poucos permaneceram com as terras e a maioria emigrou para centros maiores. Os que ficaram, integraram-se facilmente na comunidade, embora sempre existisse preconceito. Formaram famílias importantes e ocorreram casamentos com brancos. Outros, continuaram na zona rural, na lavoura, como empregados, mais ou menos isolados, em núcleos que até hoje abrigam seus descendentes. Concentram-se nos bairros dos Pinto, Lopes, Florentino, Capuava e Matão. Concluindo, ainda hoje o conjunto de negros é pequeno no município; existem algumas células na zona rural e um pequeno núcleo urbano, com tendência à extinção total, fenômeno que fortalece a tese de branqueamento da população brasileira, pela permanente mistura racial. Curiosamente, nos últimos anos, chegou até a aumentar a população negra na cidade em decorrência da vinda de algumas famílias emigrantes dos Estados do Maranhão e Minas Gerais.

*No dizer do conterrâneo Roque Miranda, no livro “**Porangaba e Meus Parceiros**”, embora tivéssemos escravos por aqui, o que emancipou Porangaba da cultura escravista foi o seu isolamento geográfico. O povo pioneiro da região, que veio formar o município, isolou-se das primeiras levas emigradas do seio dos desbravadores e aqui foi criado um caipira especial, de religião simples inspirada no cristianismo. Depois comungaram com os imigrantes que buscavam a paz perdida no seu mundo de origem. Criou-se uma mentalidade de fácil convívio social. Não haviam grandes fazendas de café, nem grandes engenhos e, também, não havia sinhô...!*

Famílias

O ideal seria listar a maioria das famílias de negros e descendentes que viveram em Porangaba, mas é uma missão praticamente impossível, daí lembrarmos alguns nomes somente:

1. Família Nascimento

Conhecidos como os Piragibu. O casal Manoel José do Nascimento e Catarina Maria de Moraes (Nhá Catarina), veio do bairro Piragibu, da região de São Roque. Foi uma espécie de matriarcado.

Filhos:

- *Dionísio Bertoldo do Nascimento - solteiro, faleceu em 1948, com 69 anos de idade;*
- *Pedro José do Nascimento - (Nhô Pedro), casado com Ana Maria da Conceição; faleceu em 16/08/1963 com 80 anos de idade. Filhos: Castorino José do Nascimento casado com Maria Lázara; Dionísia casada com Henrique Custódio de Arruda; teve dois filhos: Leandro e*

- Eunice; Leontina casada com João Rosa;
- José Maria do Nascimento - (José Piragibu) - casado com Bertulina Maria da Conceição; a filha Delfina foi casada com Jaime Antônio Cesário (filho de Nhô Geraldo e Benedita);
- Bastião Preto;
- Benedita Maria do Espírito Santo - casada com Geraldo Antônio Cesário (Nhô Gerardo). Filhos: Narciso, Jaime, Maria Lázara, Ana Rosa, Malvina e Benedito (Dito Preto). Nhô Gerardo, descendente de escravos, filho de Antônia do Carmo, natural de Sorocaba, veio do bairro da Água Comprida, do Rio Bonito, e foi criado por Nhana Vicente, proprietária de vastas áreas de terras naquela região. Nasceu com defeito nos dedos do pé e nunca pode usar sapato ou botina.
- Juvência - solteira;
- Maria - casada com Marciano, que veio de São Roque;
- Brasílio - solteiro - (morreu assassinado)
- Generoso - solteiro - (morreu assassinado por Larico, outro negro, filho de Jerônimo e Maria Mulata);

2. Rosa Maria da Conceição (Rosa Preta)

Filhos:

Adolfo Rosa - casado com a portuguesa Joaquina;

João Rosa - casado com Leontina Nascimento (Piragibu).

Filhos: **Maria Inês**, Francisco (Quico), Antônio (Tonho) e José (Zé).



3. Gerônimo Antônio da Costa (Gerônimo)

Natural de Rezende, RJ, foi casado com Maria Jacinta da Conceição – (Maria Mulata ou Maria Gerônimo); trabalhou na fazenda da Serra Amaral.

Filhos:

Virgília - foi casada com José Sebastião Correa, (José Caxangá), irmão da Maria Caxangá, natural de Minas Gerais, filho de Felícia Rita da Conceição. Faleceu em 18/05/1942. Não tiveram filhos.

Augustinha - casada com o tropeiro Tibúrcio, filho de Marcos, natural de Ibiúna, do bairro dos Lopes ;

Dionísia Maria da Conceição - (Dionísia Preta), casada com Francelino Cardoso Machado, com os seguintes filhos: Cornélio, Letícia, Nôia, Anésia, Francisca,

Alicinha, Lucido, Leni;

Larico -

Deolindo -

4. Maria Cotó

Vivia com o Joaquim Baiano, figura bastante popular. Corria o boato de que Joaquim Baiano se transformava em lobisomem e as crianças ficavam assustadas quando ele passava, mas tratava-se de homem simples, humilde e trabalhador. “Coisas” da Porangaba Antiga...

5. Boaventura Bueno de Moraes-Tropeiro Ventura

Casado com Francisa (Nhá Chica), irmã da Maria Cotó, teve os seguintes filhos:

Tomázia (Amásia) - casada com Nestor Antônio de Oliveira (Nestorzinho), Lazinha, Marica, Quito, Ernesto

Filhos da Tomázia e Nestor: Elce, Maria, Olga, Ondina, Deocacir, Irene, Nadir, João e Rute

6. Maria Caxangá

Írmã do Zé Caxangá, mãe do Miro Caxangá, viveu com Avelino Albino. (O companheiro era figura popular, lembrado pelas estripulias que fazia pelas ruas da cidade com o seu cavalo, chamado de PRP, em homenagem ao partido político dominante na época).

- Benedito Caxangá -

7. Juvenal Manoel Antônio –

filho de João Luiz e Natália Maria, casado com Virgilina Maria – Bairro do Rio Bonito.

8. Dito Floriano e Maria Floriano

9. João Herculano e Aparecida;

Outros membros: Rosa Herculano, Ernesto, Jacira, João, Mingo e Sílvio (bairro dos Florentino).

10. Salomão Soares

(conhecido por Felemon), filho de Salvador Soares de Miranda e Benedita Soares de Miranda, do bairro dos Florentino, natural de Tatuí, casado com Belmira Soares, faleceu em 23/10/1950 com 85 anos de idade. Deixou os seguintes filhos: Sizenando (Nande), Domingos (Mingo), Benedito (Dito), Aristides (Tidinho), Carlina, Evangelina (Titica), Gabriela (Titora) e Jorgina (Jorja). (bairro dos Florentino).

11. Nhô Nito - Benedito Vieira de Goes

Natural de São Roque, do bairro Saraçará. A primeira mulher foi Nhá Lina, com quem teve uma filha de nome Benedita. A segunda mulher foi Otilia Maria da Conceição, natural do bairro da Serrinha. Viveu grande parte no bairro dos Lopes/Fogaça. Filhos: Dirceu, Simeão, Walter.

12. Mateus Horácio -(bairro da Serrinha)

13. Gabriela - bairro das Partes

Foi casada com Palito; filhos de ex-escravos de Cândido Silvestre Domingues, e criados pela viúva Rosária Maria

da Conceição (2a. esposa).

14. Amâncio Preto - bairro dos Florentino.

15. Roque Fautino e Lázara - bairro do Matão,
Maria Lázara Paes da Silva - filha de Euclides Paes de
Oliveira e Onídia Soares.

16. Mané Reginardo - Manoel Bento

Foi casado com Maria. Filhos: Maria, Dito e João.

17. Tirda (Clotilde) e família.

Filhos: Mário, Armelina Correa de Oliveira (Nêga), Liba
e Percídia. Seu irmão foi Juventino, figura folclórica, que
costumava dizer: “vive, quem vive, morre, quem morre,
feijão!”, expressão que se popularizou na cidade. Outros
irmãos: Mingo Leme e Custódio

18. Francisco Prudente

Viveu no bairro da Boa Vista; presbiteriano.

19. Família Moraes

João de Moraes casado com Maria Umbelina..
Presbiteriano. Filhos: Maria de Moraes; Luiza Moraes de
Souza, casada com João de Souza; Diniz de Moraes,
casado com Placidina Marcelino de Moraes; Jaime de
Moraes, casado com Lázara dos Santos Moraes e
Manassés de Moraes, casado com Iracema de Moraes.

20.. Antônio Coelho de Oliveira – filho de
Francisco Coelho de Oliveira e Liberalina Benedita
– presbiteriano. Do bairro da Boa Vista, onde foi
Inspetor de quartelão.



21. Angelina - bairro da Aleluia.

Filha de Ignácia, trabalhou na casa de Dassás Vieira de
Camargo.

22. João e Nhá Antônia - bairro dos Poli.

João Pernambuco ou João Cigano, casado com Maria
Antonia da Conceição (Nhá Antonia). Filhos: Laudelino
Trajano (figura popular) e Manoel Trajano.

23. João Roberto Rodrigues - bairro da Serrinha.

Filho de Francisco Rodrigues dos Santos (Bofete) e Maria
Romana (natural de Rezende-RJ).

24. João Bento - bairro dos Poli.

Filhos: Ditinho, Bia e Alice.

Obs. Bia (Anísio Paulino de Miranda) morou em Tatuí,
onde foi destacado jogador de futebol, atuando no
tradicional XI de Agosto como titular absoluto. Faleceu
naquela cidade com mais de 70 anos de idade.

25. Negro Matias

(Baleado pelo Inocencio Pereira).

26. Família Xavier de Freitas - bairro dos Lopes

Chico Xavier,

João Xavier de Freitas, casado com Maria Francisca
Xavier, pais do Ditinho da Luz;

José Xavier, filhas: Arminda e Florisbela.

27. Zulmira - do bairro do Matão.

Mulher valente, de vida fácil, não fugia de briga e tornou-
se assassina.

28. Julião

Filhos: Eugênio, Palmiro (gago), Eudóxia.

29. Messias

Tropeiro, trabalhou com Nhô Jango Mendes

30. Joaquim Preto

Tropeiro, trabalhou com Nhô Jango Mendes.

31. Mantino - bairro da Serrinha.

Amantino Wenceslau Domingues, com mais de 90 anos de
idade, nasceu na Fazenda São Martinho, filho de Abílio
Dionísio Ramos e Vitória Maria da Conceição. Seu pai
veio menino para Porangaba, com seus avós paternos:
Dionísio Martins de Brito e Maria Ramos dos Santos, de
Feira de Santana (Bahia). Seus pais casaram-se em
Porangaba e seu avô materno foi Antônio Vieira.

**32. Benedito Pinto da Silva e Alice Mendes da
Silva,**

pais do Luiz Preto e da Elisa (casada com o Ico de Tatuí)

33. Dito Chato

34. Mâncio Preto - bairro Aleluia:

35. Luiz Mathias (Lobo) –

veio do bairro Guaraná, ainda menino, para o bairro
dos Fogaça -

36. João Pinto,

37. Nhá Joaquina - mãe do Nízio Lourenço.

38. Augusto Preto - bairro dos Mariano

39. Bairro do Matão:

Chico e Firmo Preto (Firmão) - filhos da Ambrosina;
Pedro Abílio

40. Bairro da Serrinha:

Francisco Adão; Zé Tomé

41. Bairro da Boa Vista:

Amantina da Conceição - mulher do Chico Vicente ou Chico Aleluia - natural de Angatuba.

42. Bairro dos Lopes:

Tibúrcio Barbosa Carneiro - filho de Paulino e Amantina - natural da Quadra.

43. José Alfredo Ferreira

filho de Manoel Ferreira, natural de Porto Feliz.

44. Joaquim da Costa Leite - Bairro dos Mariano:

filho de Nhá Clídia - figura popular, homem muito forte e prestativo, conhecido em quase todos os bairros do município; carregava sempre um relógio despertador no bolso.

45. Orestes de Moura

servente das Escolas Reunidas de Porangaba.

46. Bairro da Capuava

Lázaro Soares;

Isaura Maria da Conceição - viúva de Abílio Manoel Luiz, filha de Justiniano Pinto e Laurinda Soares

47. Juvenal Grande e irmão

bairro do Camilo de Moraes

48. Estevam Alves de Oliveira

filho de Francelino Alves de Oliveira e Francelina Maria.

49. Benedito Pedroso

filho de Benedita Maria, casado com Maria de Jesus, filha de Joaquim Antônio de Medeiros e Francelina Maria da Conceição

50. Severino Paes

filho de Eslabão Paes de Oliveira e Isolina Maria da Conceição, casado com Francisca Vieira Pinto, filha de Ignácio Vieira Pinto e Benedita Vieira Ferreira

51. Benedito Napoleão - (pedreiro)

filhos: Dirce e Otacílio;

52. Dalina

mãe da Líbia, que foi casada com Ismael Capitão.

53. Churrasco

veio de Tatuí, motorista e destacado jogador de futebol nos anos 40

54. Vadô Preto**55. Nhô Elídio e Dorva;**

Dote, Bilu e Nésia, Gumercindo (filho de Nhô Elídio) e Zoraide;

56. Roque Sapo (Roque Faustino)

casado com Maria Lázara;

57. Benedito Camargo (Areias);**58. Benedito de Oliveira (Ditinho)**

Filho de João Bento de Oliveira, foi administrador da Fazenda São Martinho e Inspetor de Quarteirão no bairro da Serrinha (1948/59).

**59. Dionísio Lourenço – filho de Benedito Lourenço e Joaquina Vieira****60. José Luiz de Souza – veio de Guareí****61. Francisco Pinto e Domênica Penha**

Filha : Maria Benedita Pinto

62. Abílio Dionísio - filho de Dionísio Martins e Maria Ramos, casou-se 2 vezes: 1º. com Vitória Maria da Conceição e 2º. com Maria de Oliveira.**63. Maria Rita – professora primária, lecionou na zona rural.****64. Biziu – do bairro do Matão – viveu em Tatuí e foi jogador de futebol****65. Antônio Victor – Serrinha****66. Silvéria – companheira do italiano Serafim Corsi – Serrinha****67. Negro Capuchaba - bairro do Varzeão****68. Genésio Palmeira – sobrinho Palmeira Velho****3.4.3 Escravos em Porangaba**

Qualquer indagação sobre a existência de escravos em Porangaba, sempre foi respondida com pouca segurança. A maioria dos interlocutores - pessoas mais idosas – acreditava que sim; ouviu dizer, não sabia precisar datas e nomes, ficando tudo envolto por boatos e dúvidas, mas as respostas são aceitáveis pelos seguintes motivos:

- a) o tempo decorrido;
- b) a falta de documentos;
- c) a concentração em Tatuí do maior grupo de escravos negros, comprovada através de documentos da paróquia daquela cidade;
- d) a pequena população negra remanescente, no início do século 20, pouco mais de cinquenta famílias dispersas no povoado e bairros, formadas por ex-escravos, libertos e descendentes;
- e) a maior concentração de negros e descendentes no bairro do Matão, pela proximidade dos bairros da Aleluia, Capuava, Quadra e Areia Branca, áreas onde os ricos fazendeiros tatuienses tinham grandes propriedades rurais e muitos escravos.

Mas, como o povoado do Rio Feio foi “bairro” de Tatuí, a simples pesquisa nos livros da igreja daquela cidade, a partir de 1823, permite constatar que também tivemos escravos. É verdade, que em quantidade bem menor que a Quadra e o bairro da Aleluia. Apresentamos a relação parcial de alguns sitiantes e fazendeiros escravocratas, a localização por bairro, embora muitos desses proprietários tivessem domicílio em Tatuí.

Bairro do Rio Feio

João Machado da Silva; Segismunda dos Santos Fonseca (conhecida por Segismunda Machado); Ignácio Xavier de Freitas; Maria Joaquina de Moraes; Cândido Silvestre Domingues; Rosária Maria da Conceição; Antônio Pires de Camargo; Antônio Augusto Martins; Rafael do Amaral Camargo; Geraldina do Amaral Camargo; Francisco do Amaral Camargo

Bairro do Moquéim

Vicente Leite

Bairro da Serrinha

Manoel Antônio da Silva; João Guedes Pinto de Mello; Manoel Guedes Pino de Mello

Bairro Aleluia

Domingos Carneiro da Silva Braga; Antônio Rodrigues da Rocha; Francisco Pires de Camargo; Maria Escolástica Mascarenhas; Carlota Carolina Carneiro; José Vieira de Miranda; Antônio Albano de Oliveira Rosa, Fortunata Maria de Oliveira; Felipe de Campos Bicudo

Bairro do Ribeirão de Dentro

José Bráulio de Camargo e Adelaide Alves de Camargo

Bairros das Areias

Salvador Gabriel do Amaral; Feliciano do Amaral Camargo; Antônio do Amaral Camargo e Geraldina do Amaral Camargo

Bairro do Rio do Peixe

José Borges

Bairro do Ribeirão das Conchas

Policarpo José Gomes; Francisco Lopes da Motta

Tatuí

Francisco José Domingues

3.4.4 Óbitos de Escravos

Analisando os registros nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí, desde 1823, selecionamos alguns assentamentos de óbitos de escravos, cujos senhores viveram ou tiveram fazendas no Rio Feio.

Luciana - escrava de José Borges, no bairro do Rio do Peixe, faleceu em 18/06/1843, com 20 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Maria - escrava de Ignácio Xavier de Freitas, no bairro do Rio Feio, faleceu em 11/05/1867, com 30 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Maria - escrava de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 11/01/1867, com 30 anos de idade e foi sepultada em Tatuí;

Maria Perpétua - escrava de Manoel Leite, no bairro do Moquéim, faleceu em 27/11/1869, com 80 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

José - escravo de João Machado da Silva, no bairro do Rio Feio, faleceu em 02/06/1870, com 80 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

América - escrava de Francisco Lopes da Motta, no bairro do Ribeirão das Conchas, faleceu em 15/08/1871, com 25 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

André - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 17/01/1872, com 60 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Simão - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 28/11/1872, solteiro, foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Rafael - escravo de Feliciano do Amaral Camargo, no bairros das Areias, faleceu em 14/02/1873, com 60 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Manoel - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 26/02/1875, com 46 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Vicente - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 26/07/1875, com 40 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Luciana - escrava de Fortunata Maria de Oliveira, no bairro Aleluia, faleceu em 14/09/1875, com 40 anos de idade e foi sepultada no cemitério do Rio Feio;

Venâncio - escravo de Cândido Silvestre Domingues, no bairro do Rio Feio, faleceu em 04/12/1875 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Joaquim - escravo de Manoel Antônio da Silva, no bairro do Rio Feio (Serrinha), faleceu em 24/12/1879, com 70 anos de idade e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Maria - com 5 anos de idade, faleceu em janeiro/1888 no bairro do Rio Feio, filha de Valentina, escrava de Rafael do Amaral Camargo; sepultada no cemitério do Rio Feio.

Vicente - escravo de João Guedes Pinto de Mello, no bairro da Serrinha, faleceu em fevereiro/1888 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Ignácio - Ignácio Xavier de Freitas - escravo de Antônio Albano de Oliveira Rosa, no bairro Aleluia, faleceu em 08/09/1888, com mais de 100 anos de idade e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Benedita - escrava de Domingos Carneiro da Silva Braga, no bairro Aleluia, faleceu em outubro/1888 e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Gabriela - escrava de Francisco do Amaral Camargo, no bairro do Rio Feio, faleceu em 27/02/1889, com 26 anos de idade e foi sepultada no cemitério do Rio Feio;

Adolfo - filho de Rosa, escrava de Feliciano do Amaral Camargo, no bairro do Rio Feio, faleceu em 04/06/1889 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio.

3.4.5 Casamentos de escravos e descendentes

Encontramos nos livros de casamentos da Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Tatuí, e no Cartório de Registro Civil de Porangaba, alguns assentamentos referentes aos anos de 1871 a 1894:

Aos 25 de janeiro de 1871, casamento de Venâncio e Maria - escravos de Cândido Silvestre Domingues; ele, filho de Joaquim e Tereza, escravos de Maria Vieira; ela, filha de Tibúrcia, escrava de Joaquim de Oliveira, ambos, naturais e batizados na Diocese do Rio de Janeiro. Testemunhas: José Silvestre Domingues e Joaquim Januário Ribeiro. Casamento realizado em Tatuí.

Manoel Prudente, filho de Benedito (escravo de Escolástica Maria do Amaral) e Maria Benedita, liberta, casou-se com Joana Antunes, filha de Escolástica Maria; ele, natural de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e ela de Porto Feliz. Casamento realizado em Tatuí, na Igreja Matriz, no dia 18/02/1871. Foram testemunhas: Manoel Eugênio Pereira e Joaquim do Amaral Camargo.

Casamento de Prudente e Rosa; ele, com 55 anos de idade, filho de pai incógnito e de Maria, escrava de José Coelho Pereira, de Porto Feliz; ela, com 40 anos de idade, viúva de Anvelino, escravo de Antônio do Amaral Camargo. O casamento foi feito na Capela de Santo Antônio do Rio Feio no dia 10/11/1886.

Alexandre Manoel Domingues casou-se com Laurinda Maria do Espírito Santo; ele, filho de Luciano e Hermenegilda, ex-escravos de Joaquim Leonel Ferreira. Casamento realizado na Capela

de Santo Antônio do Rio Feio em 1888.

O casamento de Severino e Bárbara, realizado em 03/06/1888; ele, com 28 anos de idade, filho de Benedita (ex-escrava de Domingos Carneiro da Silva Braga) e ela, com 14 anos de idade, filha de Maria (ex-escrava de Francisco da Silveira Garcia).

O assentamento do casamento de Honório e Felicidade, realizado em 21/06/1889, na Capela de Santo Antônio do Rio Feio, na Freguesia da Bela Vista de Tatuí; ambos libertos, brasileiros, ex-escravos de Otaviano de Tal. Ele, lavrador, com 21 anos de idade, filho de Manoel e Joana; ela, doméstica, viúva de Ignácio, com 30 anos de idade. Testemunhas: Francisco Correa Pires e João Lemes de Farias.

Casamento de José Martins e Maria Soares de Miranda realizado no dia 08/05/1894, no Cartório da Bella Vista; ele, filho de Lourenço e Porfíria, ex-escravos de Bento Martins de Araújo; ela, filha de Salvador e Benedita, ex-escravos de João Francisco Soares

3.4.6 Batismos de filhos de escravos

Nos livros de batizados da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí, encontramos:

Batizado do menino Adão, com 19 dias, filho de Maria, solteira, escrava de Francisco Xavier de Camargo, realizado na Igreja Matriz de Tatuí, no dia 21/11/1856. Foram padrinhos: Salvador e Brígida - escravos de Segismunda dos Santos Fonseca (Segismunda Machado).

Batizado da menina Maria, filha de Conceição, escrava de Salvador do Amaral Camargo, em 1862 na Igreja Matriz de Tatuí. Testemunhas: Francisco Alves e sua mulher Ana Joaquina.

Batizado de Rita, filha de escravos de João Machado da Silva, em março de 1865, na Igreja Matriz Tatuí.

Batizado do menino Belarmino, filho de pai incógnito e de Tereza, escrava de Policarpo José Gomes, do bairro do Ribeirão das Conchas (Ferreira), realizado na Igreja Matriz de Tatuí, no dia 26/12/1868. Foram padrinhos: Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição.

3.5 A IMIGRAÇÃO

3.5.1 Histórico

Tudo começou com a imigração⁸ para a Província de São Paulo, a partir de 1870, com a chegada dos europeus para substituir a mão de obra escrava. Muitos vieram nessa data, mas a vinda ininterrupta de italianos começou mesmo, para valer, a partir de 1882. Passamos a ter a imigração subvencionada, com grande êxito, cujo sucesso foi atribuído aos esforços de Queiroz Teles, Visconde de Parnaíba, que mais tarde (1886/87) assumiu a presidência da Província de São Paulo. Incentivou a formação de um novo órgão promotor de imigração, construindo na cidade de São Paulo a hospedaria de imigrantes, com dormitórios, refeitórios, enfermaria e lavanderia, onde os recém chegados poderiam alojar-se gratuitamente por uma semana, até que fossem distribuídos para as fazendas. No ano de 1888 chegou a acomodar 4000 pessoas e insistiu com os fazendeiros para que oferecessem habitações limpas e saudáveis aos seus colonos. Se, até mais ou menos 1895, a maior parte da imigração de classe inferior era subvencionada e destinada às fazendas, como explicar de onde vinham os estrangeiros que, de 1870 a 1890, já apareciam como operários, têxteis, engraxates, vendedores ambulantes, artífices e trabalhadores manuais? Existem duas situações, assim colocadas:

- **Primeira:** *o sistema de colonização exercido pelos fazendeiros era capitalista e de tipo urbano; dava ao imigrante transporte e satisfação das necessidades vitais, mas mantinha intacta a grande propriedade; o colono, uma vez cumprida as suas obrigações, estava livre para se mudar para onde quisesse, pois não possuía terra e, caso tivesse vindo de área urbana de seu país de origem, poderia mudar-se para a cidade, já que eram enormes as disparidades entre as oportunidades rurais e urbanas;*
- **Segunda:** *muitos imigrantes que vieram subvencionados ficavam nas cidades e, já no ano de 1887, por exemplo, as*

autoridades brasileiras decidiram evitar a vinda de negociantes e artistas italianos de Genova para São Paulo, preferindo as famílias de agricultores. O europeu de classe inferior (aqueles que vinham exclusivamente para a lavoura), que fosse empreendedor, descobria que a sociedade paulistana oferecia considerável oportunidade econômica e social. Uma via comum para progredir era o comércio de “mascate”. Carregado de mercadorias baratas e de quinilhariarias da cidade, (se fosse próspero, conduzindo uma ou duas mulas), o mascate percorria fazendas, vendendo ou fazendo trocas. Sonhava em conseguir o capital suficiente para abrir um pequeno armazém de artigos generalizados (secos e molhados) numa estrada movimentada do interior, numa cidade ou povoado, e progredir. Por volta de 1880, os italianos, principalmente os oriundos da Calábria, monopolizavam o comércio de mascates, mas logo seriam deslocados pelos espertos sírios. O influxo dos italianos na capital paulista, em 1897, chegou a superar numericamente os brasileiros na proporção de dois para um.

A cultura brasileira recebeu, ao longo do tempo, as mais variadas influências de diferentes povos. Primeiramente, alguns aspectos da cultura dos índios, com suas crenças, hábitos e costumes, foram assimilados em nossa alimentação, na música e em nosso idioma, enriquecido com expressões de nomes indígenas, sem falar do folclore, repleto de lendas protagonizadas por personagens curiosos. Mais tarde, no período das grandes navegações, portugueses, holandeses e franceses desembarcaram nas terras da colônia, trazendo práticas e conhecimentos que até hoje podem ser percebidos na arquitetura de diversas cidades espalhadas pelos país e também na culinária. Com a chegada da mão-de-obra escrava, africanos trouxeram usos e costumes ainda presentes na comida, no modo de vestir, na música e na formação religiosa do brasileiro. A partir do final do século XIX e início do século passado, o país passou a receber um grande número de imigrantes vindos de países europeus, principalmente Itália, Alemanha e Espanha, asiáticos e do Oriente Médio. Esse movimento acrescentou à nossa cultura novas perspectivas, que, além de influenciar comportamentos sociais, teve reflexos na música, na dança e, mais uma vez, na cozinha brasileira, com as massas, pizzas, sushis e esfihas, hoje incorporados ao rico cardápio nacional, dividindo a mesa e a preferência com o tradicional arroz e feijão. Formada pela mistura de muitos povos que aqui já estavam ou que vieram em busca de uma vida melhor, nossa sociedade estabeleceu, a partir de valores e costumes distintos, uma cultura sigular e diversificada. Por exemplo, no começo do século XX, São Paulo era conhecida como **a cidade dos italianos**, cujos integrantes exerceram grande influência na maneira de falar, de festejar e de cantar, e que transformaram a culinária brasileira para sempre. O ingleses, além dos bifes com batatas, trouxeram para o Brasil grande empreendimentos como as estradas de ferro, o transporte urbano, a urbanização planejada, residências em subúrbios, etc. Os portugueses são responsáveis por uma de nossa maiores festas populares – o carnaval, que é parente do entrudo, comemoração introduzida no Brasil no final

⁸ *A saga de levas de imigrantes que se deslocaram de seus países de origem, por razões históricas que muitos não chegavam a entender, das aldeias européias oitocentistas, para a terra desconhecida, atraídos com promessas que logo se tornaram decepções, possibilitou o contato com lugares, gentes e culturas diferentes e, principalmente, o surgimento de um novo brasileiro pela surpreendente mistura aqui ocorrida.*

História da Vida Privada no Brasil – vol.2

do século XVII, quando os foliões brincavam de se molhar com latas cheias de água.

Fonte – Memorial do Imigrante – A Influência Cultural

Imigração Européia - via porto de Santos - 1882/1891

Italianos	Portugueses	Espanhóis	Alemães
202.503	25.925	14.954	6.196

Fonte: Richard M. Morse - 1953 - Da Comunidade à Metrópole

Leitura

“No processo de imigração é preciso destacar: de um lado, a Europa expulsora e, de outro, a América ávida por povoadores. Nessa época é que populações inteiras, cujo horizonte estava circunscrito às aldeias nativas e o comportamento pautado por regras seculares, que passavam de pai para filho pela via oral, viram-se atiradas num vasto mundo de anônimos. Povos, portadores de culturas e hábitos diferentes, passaram a conviver entre si, obedecendo regras não controladas pelas comunidades a que pertenciam, mas por autoridades invisíveis como as do Estado, da burguesia e dos novos patrões nas terras de adoção. O choque foi inevitável, refletindo nos hábitos de morar, de cuidar da higiene pessoal, de se alimentar e ainda nas práticas religiosas, educacionais e sanitárias, bastante diferentes daquelas de seu mundo natal. O Brasil era um atrativo para essas famílias mais pobres e que para cá se deslocaram em virtude do quadro de atração de mão de obra para o nosso país. Foi a atitude tomada pelo Governo Imperial, após a abolição dos escravos, com o objetivo de atrair e não deixar faltar trabalhadores, principalmente em São Paulo, onde a multiplicação dos cafezais depois de 1870 passou a exigir mais mão de obra. É preciso entender porque houve essa maciça imigração:

- por existir na Europa, já na segunda metade do século 19, a idéia do mundo imaginário de um Brasil gentil, onde tudo se multiplicaria à larga;
- a passagem do sistema de produção feudal para o da produção capitalista trouxe profundas modificações naqueles países e, à medida que foi implantado tal processo, houve a liberação do excedente de mão de obra que a industrialização tardia da Itália e da Alemanha não absorveu;
- crescimento demográfico da Europa;
- desenvolvimento tecnológico que permitiu a substituição do homem pela máquina;
- a melhoria dos transportes, que liberou para o mercado camponeses sem terra e desocupados.

Tudo contribuiu para uma confusão generalizada, que gerou fome e miséria, primeiro nas cidades, onde vivia uma multidão expulsa da agricultura, principalmente nos países industrializados, e depois no campo. Emílio

Franzina, na obra “La Grande Emigrazione”, página 191, cita que na Itália, na região do Vêneto (que participou com 30% do total de imigrantes para o Brasil) os observadores da época extasiavam-se pelo fato de que ali “podia-se morrer de inanição e que a única alimentação da classe rural não passava de polenta, uma vez que a carne de vaca era um mito e o pão de farinha de trigo totalmente inacessível pelo seu alto preço”. Imigrar foi a solução, já que o panorama combinava com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Brasil e Argentina, cujos governos iniciaram um grande movimento para atrair imigrantes para suas terras. Muitos vinham pensando em conseguir dinheiro e voltar e, quando a vida aqui no Brasil não lhes possibilitou conseguir o pedaço de terra almejado, começaram a se movimentar dentro do território brasileiro na busca de melhores salários para que pudessem concretizar o anseio. Transferiram-se de fazenda em fazenda, buscando sempre melhorar as condições de vida. Muitos procuraram atividades mais compatíveis com suas experiências anteriores de vida; as diversas profissões que tinham exercido no seu país natal foi o que possibilitou uma certa ascensão, pois permitiu abandonar o trabalho na lavoura e trabalhar como pequenos artesãos na cidade. Outros, quando surgiu a oportunidade, chegaram a imigrar para países diferentes”.

(História da Vida Privada no Brasil, Nicolau Sevcenko, pág. 216)

3.5.2 O Imigrante Italiano



Ursulina Meucci Maraccini

A imigração italiana para São Paulo somente se intensificou a partir de 1870; antes, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Espírito Santo já tinham recebido italianos. São Paulo não teve jamais uma colonização como ocorreu nos estados do sul. O italiano veio para substituir o braço escravo nas atividades agrícolas, no final do século 19, quase que exclusivamente. Os paulistas não aceitavam o italiano como operário, artífice, etc., mas unicamente como mão de obra agrícola. Esse movimento migratório teve em São Paulo, como consequência, estreita ligação com a abolição da escravatura dos negros. Ao final da segunda década

do século 20 começou o declínio da imigração italiana para o Brasil e houve uma verdadeira debandada à Argentina, em decorrência dos incentivos e de uma política mais agressiva nos recrutamentos. É importante citar que muitos imigrantes eram totalmente inadequados ao trabalho agrícola e se recusavam, logo que chegavam, a rumar para as fazendas. Esse foi, portanto, o resíduo que veio formar o proletariado imigrante urbano, que buscava ofícios mais simples, leves, como engraxar sapatos e vender bilhetes de loterias, etc. Ao contrário de outros grupos de imigrantes, os italianos se espalharam por todo território paulista, tanto na zona urbana como rural. No interior, além da agricultura, do comércio e do artesanato, dedicaram-se também à atividade industrial e introduziram fábricas de adubos, colas, peneiras, pregos, massas alimentícias, tecidos, indústrias domésticas, etc. A influência italiana também se fez notar nas construções urbanas, a partir de 1880, através de um tipo de edificação trazido pelos mestres-de-obras, com destaque especial para as fachadas das casas e que chegou a alterar a fisionomia das cidades. Fundaram também escolas e bandas musicais.

Carlos Penteado Rezende, historiador, na obra “São Paulo, Terra e Povo”, destacou:

- *“Em pleno Império, as bandas de música desfrutavam por toda parte de imensa popularidade. A tradição vinha de longe. As banda militares já nos tempos coloniais e depois as bandas civis (corporações, liras, filarmônicas, etc.) concorreram para o desenvolvimento musical na província, apresentando-se garbosamente nas festas, procissões, retetas. Para a consagração popular dessas bandas é de justiça realçar que a imigração italiana, incrementada após a república, forneceu apreciável dose de entusiasmo e pessoal habilitado”.*

3.5.3 Os Imigrantes em Porangaba



Clementina Camerlingo

A chegada de imigrantes europeus na “Bella Vista de Tatuhy” aconteceu, certamente, a partir de 1880 e com maior intensidade nos primeiros anos do século passado. No início, vieram exclusivamente como mão de obra agrícola, embora existissem exceções principalmente entre os portugueses, os primeiros a chegar. Manoel Isidoro Brenhas, um dos fundadores do povoado e o capitão Francisco da Silva Cardoso, o segundo intendente, eram portugueses. O mesmo ocorreu com os italianos⁹, cuja maioria veio para a lavoura de café. A verdade é que muitos viajaram também por conta própria, como voluntários, estabelecendo-se no comércio e também na lavoura; outros como artistas e artesãos. Muitos chegaram pelo sistema de subvenção, (mesmo alguns portugueses) como a maioria dos italianos que veio para a Fazenda São Martinho.

Curiosamente, muitos homens vieram antes, na frente, sozinhos, para depois trazer o restante da família, mas alguns não conseguiram concluir o sonho, pois viriam a falecer quando já trabalhavam na lavoura de café, acidentados ou atacados por venenosas cobras que existiam na região. Tivemos, também, casos de imigrantes que chegaram via América do Norte e Argentina, onde trabalharam temporariamente. Buscavam novas oportunidades, melhores condições de vida, pois a situação econômica nos países europeus era difícil e recessiva. Até a suspensão da subvenção em 1927, o maior grupo recebido foi o italiano, vindo depois o

⁹ *Com a abolição da escravidão, começaram a chegar os italianos para as lavouras de café. Graças ao acordo firmado entre os Governos do Brasil e Itália, embarcavam nos portos de Nápoles ou Gênova e vinham até Santos. A viagem chegava a durar um mês. Dali, por ferrovia até São Paulo e Conchas. Seguiam para a Bela Vista, onde chegavam a cavalo, no lombo de burro, trole, carroça, etc. Era a caminhada dos trabalhadores italianos até aqui, marcada pelo desconforto, dor e sofrimento. (Imigrantes – Curta História – Urbano de Miranda)*

português, o espanhol e outros. Portanto, a influência do europeu na nossa cultura foi enorme, alterando alguns hábitos e costumes, interferindo nos métodos de trabalho na lavoura, na culinária, na construção civil, no artesanato, na educação, na música, no esporte, na linguagem, etc.



Dina Bechelli de Oliveira - a última imigrante italiana viva em Porangaba; chegou em 1924 com 6 meses de idade. Maio/2006

A Fazenda São Martinho, que pertenceu à Família Guedes de Tatuí, foi a propriedade rural daqui que mais recebeu imigrantes - principalmente italianos, pois as atividades agro-industriais ali desenvolvidas exigiam mão de obra direcionada à lavoura e, ainda, para operar máquinas a vapor, caldeiras e serraria. Existiu uma outra fazenda, na divisa com Bofete, no bairro da Boa Vista, que pertenceu a Antônio Brenhas e João Koch (alemão), área cafeeira, que também recebeu imigrantes. Um dos administradores foi o italiano Giuseppe Colombara, que, depois, fixou-se em Porangaba e formou tradicional família.

3.5.4 Italianos

A influência dos italianos na vida sócio-econômica de Porangaba é um fato inquestionável. Como reconhecimento, tentaremos relacionar o maior número possível de famílias pioneiras:

José Gorga (padre), João Gorga e Maria Ricco, Archanjo Gorga e Virginia Del Giudice Gorga, Luigi Gorga e Pascoalina Pássaro, Agostinho Cassetari e Florinda Lazzuri, Paulino Cassetari e Teresa Cassetari, Adolfo Cassetari, Constantino Cassetari e Maria Cassetari, Carlos Cassetari, Décimo Cassetari, Rafael Cassetari, Ângelo Cassetari e Georgina Magnani Cassetari, Santino Cassetari e Maria Rocchicoli, Domingos Vangioni, Ângelo Vangioni, Jacinto Gussi, Luiz Livania, Agostinho Guaseli, Guilherme Russi, Raphael Foterni, João Pescatori e Hercília Pescatori, Luigi Rondó e Maria Rosário Calló, Carmela Rondó, Luigi Camerlingo e Enriqueta Citarella, Giuseppe Camerlingo, Domenico (Domingos) Camerlingo e Rosa Rondó, Rafael Camerlingo e Rosa Alpaio, Horácio Camerlingo, Clementina Camerlingo, Carmine Alpaio, Giuseppe Colombara e Maria Pasinato, Luigi Biagioni e Maria Bechelli, Ângelo Biagioni, Giocondo Biagioni, Ângelo

Santino Biagioni e Ítala Magnani, Efísio Magnani e Ana Magnani, Nazareno Tavante e Magdalena Tavante, Zelindo Tavante, Giovane (João) Bassoi e Helena Fillipi Bassoi, Felipe Bassoi, Eduardo Bassoi e Antinesca Bassoi, Giuliano (Julião) Bassoi, Ângelo Bechelli e Concheta Bertoncini, Dina Bechelli, Pedro Bechelli, Carlo Attedeschi, Domingos Frudelli, Família Juliani, Ângelo Baldassim e Adelaide Belini, Família Bertin, Família Merlin, Domingos (Domenico) De Bonis e Maria Rugeri, Sebastião Pérsio e Tomazza Pérsio, Higino Nordi, Família Del Vinha, Família Bertolini, José Perciani, Adalberto Provensani Perciani, Vicente Bertoni e Marianina Bertoni, Giocondo Rossi, Francisco Brasile (Chico Carmo), filho de Carmine Brasile, Luigi Solimene, Carmo Solimene, João Nuchera (Carmelo) e Teresa Penachini, Domenico Valário, Paulo Valário e Maria Penachini, Jácomo e Angela Brizzaco, Cristina Maurizzi, Cezare Maurizzi (Cezário Maurício) e Virgínia Antulini, Família Avallone, Luigi Angelini e Rosa Cassetari, Francesco Angelini, Rafael Pássaro e Custódia Pástina, Aquiles Chierici, Henriqueta Chierici, Henrique Neri, Mariano Capuano, Augustinho Lunardi, Eduardo Simonato e Amabile Costa, Baptista Rossi e Carolina Rossi, José Cecchi e Maria Cecchi, Carlo Rondina, José Brasile, Adolfo Vanduchi, Foramilo Luigi, Serafim Corsi, Luigi Corsi, Gaspar Richi, Demócrito Ferracini, Alfredo Fallosi, Benedito Fallosi, Tranquilo Ferraresi, Fermichi Ferraresi e Maria Dorzana, Mário Capone, José Malama e Lúcia Malama, Franciso Barbanti, Jesuino Capanga, João Nacabo e Carolina Maffa, Pedro Zonta, José Zonta e Luíza Floriano, Vitorio Montini, Ângelo Montini e Aristéia Sganzela, José Losette, Vicente Adlário e Terezinha Rissocoze, Giuseppe Carlini, Dario Sbrana e Emma Sbrana, Elídia Sbrana, Gaspar Songania, Tereza Songania, Giacomo Ballarini e Luíza Gallo, Giulio Meucci, Ursulina Meucci Maracini, Antulini Andrea e Maria Francisconi, Rossini Antulini, Júlia Antulini, Antônia Antulini, Santo Romagnolo e Sestília Antulini, Francisco Penachini e Josefina Alfredo, Antônio Galovatti (ou Gavalotti) e Antônia Muzacchi, Gaspar Bortola e Maria Bonini, Luigi Livania, Aurélio Andrioli, Ângelo Lodi e Luíza Pogati, Marigo Santo e Alexandrine Rosa, Giuseppe Alexandrini e Maria Bombecini, Lorenzo Baldo, Família Ghabestini, Francisco Argentó, José Botto, Família Buzzolan, Família Antonelli, Silvério Bonini e Catarina Bonini, José Maimá e Lúcia Cassote, Ângelo Grolla e Pascoalina Morgante, Domingos Ferragioni,



Itala Magnani e Santino Biagioni

João Casarino e Ângela Sinti, Lucídio Quinato e Tereza Delaneze, Lourenço Ghabertin, Demétrio Rossini, Ângelo Zago, Bortolo Marson, Genoveffa Marson, João Lazzo, Domingos Tonelli, Domingos Ferrari, José Ferrari e Emília Búmia, Aquiles Geminiane, Pedro Zanatta, Pietro Galbiatti, Francisco Janetti, Pedro Bertoncini, João Jerroti, José Bertolini, Giovanetti Francisco e Maria Cassetari, Antônio Rochicioli, Natale Asti, João Geroto, Aurélio Andreolli, José Bartoloni, Nicola Ferragento, Benedito Melchiorre e Domingos Melchiorre, Maria Augusta Simon, Henrique Neri, Padre Horácio Lembo, Padre Antônio Dragone, etc

Estrangeiros em Porangaba em 1901

Fonte: Jornal "Cidade de Tatuí"

Nacionalidades	Quantidade
Italianos	96
Portugueses	08
Alemães	01
Espanhóis	10
Austríacos	04
Norte-americano	01
Árabes	08

3.5.4.1 – Os Angelini

(Transcrito do Jornal La Garfagnana, Edição Ano 111, nº 3, março/1992, Castelnuovo Garfagnana, Itália)

Uma recente viagem ao Brasil me fez entender a importância do apelo endereçado aos leitores do jornal local pelo diretor Gian Mirola. Era preciso trazer um pouco de luz sobre a vastíssima imigração que quase esvaiu Garfagnana, com, pelo menos, alguma matéria sobre o tema.

“Um imigrante entre tantos

Atendo, então, o apelo com um artigo sobre Luiz Angelini, de Pieve Fosciana. Nascido em 1887, com pouco mais de 20 anos, como tantos outros jovens de sua época, teve que enfrentar a grave crise econômica que assolou a Itália. Sua terra natal não apresentava mais oportunidades e, sem alternativa, teve que imigrar. A vila vivia até aquele momento, exclusivamente, do comércio e que, hoje, está totalmente extinto, como na vizinha Emília. A Pieve era famosa por seus artesãos, sapateiros, carpinteiros, alfaiates, pedreiros (como os seus comerciantes para a provisão de óleo de Lucca e de vinho), a quem recorriam, também, os “lombardos” da montanha “modenense e reggiana”, os quais mandavam para a Toscana: trigo, gado e objetos de madeira. Luiz sonhou em “fazer a América” e de “ficar rico”, como tantos outros. Partiu para Nova York e lá ficou três anos.

Rumo ao Brasil

Em Pieve, porém, Rosa Cassetari o esperava. Nascida a Col Maschio sull’Alpe di San Pellegrino, já havia antes emigrado com a família para o Brasil, mas, ainda criança, havia retornado à Itália. Luiz voltou, casou-se, e quis levá-la para a América. Mas qual América? Era o ano

de 1912. O desembarque em Santos já fazia parte da epopéia vivida pelos seus ancestrais. Rosa estava grávida. Arrumar emprego estava difícil. Nem em São Paulo, nem em outro lugar encontraram ajuda. Foram, então, para Conchas, há duas centenas de quilômetros de Santos, a convite de uma tia de Rosa. Ali, abasteceram-se de roupas e um conterrâneo de Síllico, Eduardo Bassoi, acompanhou o casal, um pouco a pé, outro pouco de carroça, até Porangaba. Rosa já conhecia o povoado, onde vivera antes. Estavam confiantes, mas as esperanças eram tão poucas que Luiz deixou a bagagem em Conchas, a única mala dos dois imigrantes.

Porangaba

Como os pais de Rosa, os primeiros Cassetari que ali chegaram, vindos das encostas de San Pellegrino, teriam descoberto aquele lugar. Porangaba, palavra indígena que significa Bela Vista, foi povoada por brancos a partir de 1860. Tornou-se município, separado de Tatuí em 1927. Nos primeiros decênios do século passado era uma vila agrícola, sem luz, sem escola, sem médico. A ordem pública era precária e, não raramente, as festas acabavam com muita bebida e tiros de revólver. Luiz e Rosa chegaram ao anoitecer. O seu primeiro acorder foi preocupante para Luiz, que tinha a perna coberta de carrapatos. Levou um mês para livrar-se deles. Mas, precisava trabalhar, já que estava próximo a chegada do primeiro filho. Lembrando-se de suas aptidões artesanais, começou a trabalhar como alfaiate, a costurar roupas novas, talvez não muito elegantes, mas, certamente, a última moda porangabense. Com a ajuda de esposa Rosa, conseguia fazer roupas simples, no prazo de duas horas, para atender, principalmente, os viajantes. Enquanto os fregueses jogavam cartas ou descansavam, a roupa ficava pronta. Foi incentivado pelos patrícios e, mesmo dispondo de carta de apresentação à pessoa influente da comunidade, que muito facilitaria a mudança de sua atividade comercial, jamais a utilizou. Orgulhoso, trabalhou incessantemente e sozinho, até conseguir montar um estabelecimento comercial, um armazém de secos e molhados. Ali vendia de tudo.



Família Angelini

A família cresce

A família já tinha aumentado e Rosa usava toda a sua criatividade e recursos disponíveis para a alimentação dos filhos, inclusive com os “pratos garfagnanos” e, até hoje existe um tacho guardado pelos descendentes, onde era feita a deliciosa polenta. A tradicional feijoada brasileira seria bem mais tarde incluída no cardápio. Agora, já eram 5 filhos e, dentro da cultura italiana, a prioridade maior seria educá-los; teriam que estudar. Os negócios haviam crescido bastante e os meios permitiam. Iriam para uma cidade maior; as moças para o colégio particular. Por volta de 1940, mesmo com a crise atingiu o algodão e o café, produtos agrícolas essenciais, o comerciante Luiz Angelini soube atender as necessidades dos sitiantes, produtores agrícolas, dando lhes crédito e o suprimento necessário, até a colheita. Sabia o que significava a escassez e a miséria. Sempre foi lembrado por muitos como um verdadeiro pai da pobreza. Os filhos, por outro lado, passaram a se destacar nas atividades sócio-culturais da pequena cidade. O clube local, as associações, a paróquia, a biblioteca, o esporte, sempre contaram com o apoio e participação dos Angelini. Os três filhos homens, hoje já mortos, foram homenageados pela comunidade e emprestam seus nomes ao: Estádio Municipal Agostinho Angelini, Ginásio Estadual Aldo Angelini e Grupo Escolar Renato Angelini, na vizinha Torre de Pedra.

A descendência

Atualmente, dentre os descendentes, algumas dezenas, saíram de Porangaba: professores, bancários, engenheiros, advogados, etc. Fazem parte da classe média brasileira, tão importante, onde se firma as bases que sustentarão o futuro desenvolvimento desse imenso país. Relembro de muitos, mas dois merecem citação especial: Antônio Francisco, filho de Elvira, o que redescobriu os parentes e a Itália, um Cristovão Colombo ao contrário; e o padre Ernani Angelini, filho do Aldo, pároco na Diocese de Sorocaba. Participamos de uma inesquecível eucaristia na zona rural, onde notei negrinhos descalços com meninos loiros (tão raros nos trópicos e, para minha surpresa, descendentes de italianos de Trevigio), diante de um modesto altar. Uma missa profundamente sentida e celebrada com alegria, que faz sentir a Igreja brasileira, que quase superou o racismo, a esperança de vitória sobre os enormes desequilíbrios sociais do país.

*Agora, Luiz Angelini (1887-1952) e Rosa Cassetari (1889-1968) descansam no cemitério de Porangaba, ao lado de flores tropicais e distantes dos ventos gelados de **Castelnuovo Garfagnana**. Repousam com os seus filhos depois de ter dado à sociedade uma contribuição que jamais será esquecida”*

(Lorenzo Angelini)

3.5.5 Portugueses

Foram os primeiros a chegar, não tão numerosos como os italianos que vieram depois, embora o fluxo regular da imigração lusitana tivesse iniciado no Brasil já em 1840. Foram pioneiros e

passaram a ter maior peso na formação do povo porangabense, pois, além dos oriundos, participaram especialmente os descendentes dos colonizadores representados pelos caboclos e mestiços, a geração mameluca, formada a partir do século 16, pela grande miscigenação que houve no período colonial. De raça predominantemente branca, trabalharam na lavoura e no comércio. Foram, também, os primeiros artífices, marceneiros, ourives, pedreiros, carpinteiros, relojoeiros, ferreiros, funileiros (latoeiros), oleiros, etc. Atuaram em todas as atividades sócio-culturais e recreativas da comunidade; a grande maioria professava o catolicismo. Portanto, a tese mais confiável é de que as primeiras famílias que para aqui vieram eram de raiz portuguesa. Os próprios portugueses continuaram a chegar voluntariamente e, a partir de 1870 até o final do século, o fluxo migratório diminuiu consideravelmente quando foi substituído pelos italianos. É importante registrar que nunca houve quaisquer restrições à vinda de portugueses e o movimento migratório lusitano cessou mais por desinteresse que por proibição.



Amândio Luiz Fernandes

Famílias

Alguns nomes: Manoel Isidoro Brenhas (fundador), Francisco da Silva Cardoso (o segundo Intendente), Manoel da Silva Cardoso, Antônio Maria Tricta (administrador da Fazenda São Martinho) e Maria Justina Tricta, Manoel Francisco Cardoso, Antônio Medeiros, Antônio Boava, João Boava, Francisco São Pedro Martins, Manoel Ignácio São Pedro e Luiza Rodrigues, Francisco Ignácio São Pedro, Elisa de Jesus Miranda, Domingos da Cruz São Pedro, Manuel Emílio São Pedro (Nelo), José Antônio São Pedro(1), Maria dos Anjos São Pedro, Leontina Helena do Amaral, Francisco Patrocínio São Pedro, Abílio São Pedro, Ana Maria São Pedro, Maria da P. São Pedro, Claudina São Pedro, Francisco São Pedro, José Antônio São Pedro(2), Manoel São Pedro, Manoel Luiz Fernandes e Maria do Céu, Laurentino Fernandes, Amândio Luiz Fernandes, Laurinda Fernandes, Olívia Fernandes, Martinho Pires, Pe. Antônio Augusto, Pe. Antônio Joaquim Pereira, Pe. Antônio Henrique Pereira, Manoel Soares da Silva (Silva

da Jardineira) e Alzira Otão Silva, Manoel Secco Fernandes, os Granjeiro, os Medeiros (Colaços), José Alves, Antônio Alves Antunes, Manoel Alves Antunes (Manélito), Xavier Alves, Maria Ascensão Alves (filha de Emília da Encarnação), Maria dos Anjos Ferreira (filha de Antônio Ferreira Secco), José Alves Antunes, Francisca da Glória Alves (filha de Antônio Alves), Eduardo Marques, (Jardineiro), filho de Alexandre Marques, Gustavo de Almeida Barbosa (Bar), Manezinho Português, Agostinho Português, Agostinho Gonçalves, Antônio Joaquim Gonçalves (Antônio Português), Manoel Vaz, José Augusto Magueta, Manoel Maia, Gonçalo Dias da Silva e Ana Costa Ramalho, Paulino Valente, Miguel Valente, Manoel Euzébio e Maria Francisca, Adolfo Vicente e Agostinha de Jesus, José Lutero e Josefa Joaquina, Manoel Antônio Coutinho, Bernardino Monteiro e Patrocínia Adelaide, Augustinho de Assumpção Moreno e Mária do Rosário Moreno, Alfredo de Amorim e Águida Maria Meirelles, Antônio Martins e Maria Bastos, Antônio Joaquim Ferreira, José Dias da Silva e Guilhermina Silvéria, etc.

Obs. Muitas famílias porangabenses são de descendência portuguesa, dentre as quais se destacam: Lopes de Moura, Generoso, Antunes do Espírito Santo, Domingues, Alves Barreto, Pereira Falcão, Diniz Vaz, Oliveira, Soares da Silva, Mendes, Telles, Nunes da Silva, et..

3.5.6 Espanhóis

Vieram em menor número, voluntariamente ou como imigrantes, dedicando-se à lavoura, ao comércio, etc. Não foram muitos, mas se integraram facilmente e formaram famílias tradicionais. Alguns nomes:

Miguel Rodorat, Juan Garcia Esteves e Dolores Frias, Carolina Garcia Esteves, Maria Júlia Garcia, Antônio Garcia, Dionísio Parga e Ramona Ramirez, Julian Gonzales Bilan (Julião), José Thomé (Pepino), Manoel e Diogo Thomé (filhos de Francisco Tomé), Antônio Candido Ares (Antônio Salgado), Pedro Martins Garcia e Ana Marino Fernandes, Domingos Martins, José Martins, Nilo Martins, Dionísia Martins, Luiz Sola Ares (filho de Dionísio Sola Cruz), Ciro Alonso (filho de Luiz Alonso), Nicola Ortega, Família Santiago, Miguel Serrano, Lúcio Nicola, José Ignácio Cassafedo, José Sanches Muntia, Rafael Gonzales, etc.

3.5.7 Judeus da Península Ibérica

São os Sefarditas ou cristãos novos. Existem hoje livros que explicam a trajetória desse povo da Antiguidade até a expulsão da Península Ibérica. Na Espanha, a expulsão (e a pena de morte em caso de desobediência) se deu por ordem dos reis católicos Fernando e Isabel, em 1492, como punição aos costumes judaizantes dos cristãos novos. Em Portugal, essa expulsão, que começou em 1497, se estendeu por anos e anos e, enquanto não se concretizava, foi entremeada por tentativas de catequização e ataques sangrentos a cidadãos judeus,

culminando com uma inquisição instaurada em 1536. Muitos desses nomes são bastante comuns no Brasil, como Silva, Souza, Cardoso e Oliveira. Outros, como os derivados de nomes de animais e árvores referem-se certamente a sobrenomes de cristão novos. Os nomes do sefaradis – que engloba os judeus da Península Ibérica e os judeus cristianizados que percorreram o mundo – podem ser:

Toponímicos: são os nomes derivados de pontos geográficos. Exemplo: França, Fonseca, Tedesco, Toledo, etc.

Patronímicos: sobrenomes derivados de nomes próprios masculinos: Abravanel (Abraham), Antunes (Antônio), Domingues (Domingos), Duarte (Eduardo), Fernandez (Fernando), Perez (Pedro), etc.

Ocupacional: nomes derivados de profissões: Calderon (fabricante de painéis), Ferreira (ferreiro), Matarazzo (fabricante de colchão), etc.

Característica Pessoal: descrevem características física de caráter, de origem ou sociais: Crespim (de cabelo crespo), Gentile (gentil), Habib (querido), Mansur (vitorioso), Medina (da cidadela), etc.

Artificiais: nomes inventados, sem origem específica. No caso dos sefaradis são, normalmente, referentes a animais ou árvores: Coelho, Cardoso (erva com espinho), Lobato (lobinho), Oliveira, Pinheiro, etc.

Fonte – Dicionário Sefaradi de Sobrenomes – Faiguenboim, Campagnano e Valadares – Lançamento Fralha – Sistema Anglo de Ensino – 2003

3.5.8 Alemães

O grupo de alemães também foi reduzido, representado por poucas famílias; embora alguns germânicos aqui tenham se fixado em definitivo. Destacamos os seguintes nomes: Henrique Harlich, José Sommerhauser, Stefan Maier (filho de João Mayer), José Wagner (filho de Roberto Wagner), Pedro Horchs, Firmino Momberg, Pe. Ambrósio Marks, Pe. Herman José K. Von Wolff, Famílias Offa, Kunts, Hessel, Holtz, Chrischener Muzel, Falkenbach, Hamberg, Gribeler, Shantz, Strombeck, Hort, Hoffman, Jacob, Hescs; etc.

3.5.9 Árabes



Família Fadel Fadel

Foram poucos os que vieram para Porangaba. Alguns nomes de imigrantes e descendentes: José Calil, João Farah, Joaquim Farah (Joaquim João Arab), José Abib Hissa, José Abuchain, Felício José, Jorge Abud, Moises Abud, Rachid Abud, Fuad Abud, Abrão Abud, Felício Izzar e Zahia Izzar, Rachid Sallum, Zacarias Abrão, Jorge Abrão, Alfredo Izzar (Alfredinho Turco) e Sandt Izzar, Pedro Izzar, João Cutait, Emílio Hadad (sírio, filho de Abrão Simão Hadad), Cecílio Abdalla Boneder, libanês, (filho de Abdalla Hanna Boneder), casado com Anice Calil Boneder, libanesa, filha de Calil Chibid, Anis Boneder, Felix Zacca, Elias Fadel Fadel (libanês), Jorge Assef Amad, Jorge Rachid, Georges Chammas, Nagib Calixto, etc.

Leitura - *Os libaneses sobreviveram e prosperaram graças às suas relações livres com o resto do mundo, pois a sua terra natal, apesar das belezas, era restrita e árida, desprovida de riquezas naturais como o ouro e o petróleo. Como cita Georges Buis em La Barque: “Este País nada produz além de seus habitantes, mas que príncipes da mente”. Os libaneses, confundidos com os “turcos”, começaram a chegar ao Brasil no final do século 19, fugindo das dificuldades econômicas em seu país de origem. Vieram, principalmente, para o Estado de São Paulo. Dedicaram-se ao comércio, no início como mascates, percorrendo com suas mercadorias as ruas das grandes cidades, fazendas e pequenas cidades do interior. Aos poucos, abriram suas próprias casas comerciais, tornaram-se industriais, subindo os degraus da mobilidade social. Seus descendentes, então, já diversificaram suas atividades, com notável concentração na medicina, engenharia e atividades políticas. País com uma diversidade natural, religiosa e cultural enorme, contou com a participação de diversos povos na formação de sua história. Primeiramente, os fenícios, hábeis navegadores que criaram o alfabeto. Libaneses ou turcos? Por que os primeiros imigrantes árabes eram assim chamados? Dominados pelo Império Otomano, os libaneses conheceram as privações e a pobreza. Só podiam viajar com passaportes de autoridades turcas; o passaporte do opressor naquela época. Os libaneses foram então chamados de turcos, de acordo com o passaporte e ficaram marcados pejorativamente. Embora fosse desprestígio, muitos aceitaram naturalmente o apelido, não ligaram e, com o tempo, tudo foi esquecido. Com a queda do Antigo Império Otomano, a Turquia tornou-se um país moderno e progressista. Por outro lado, hoje, os sírios e libaneses orgulham-se de suas origens e não se sentem desprestigiados quando chamados de “turcos”.*

(Internet)

3.5.10 Outras nacionalidades:

José Hoffer, filho de José Hoffer e Marta Nemit, natural de Gguxm, Hungria; Stefan Ianoski e Francisco Stefanoski (descendentes de poloneses), Agostinho Cassetari (Sobrinho), Maria Catarina Cassetari (casada com Giocondo Rossi), Romão Diciano - ítalo-argentinos; padre Ângelo Lemarchand e Louis Choupot (franceses).

3.5.11 Censo Demográfico de 1890

A Capela de Santo Antônio do Rio Feio foi elevada à freguesia em 1885. Em 1891, com a criação do Distrito da Bela Vista de Tatuí, passou a ser chamada também de Capela de Santo Antônio da Bela Vista. O **primeiro censo demográfico no regime republicano** (o 2º censo na história do Brasil), iniciou-se em 31/12/1890. Foi um processo deficiente, demorou para ser publicado devido a complexidade dos questionários e, mesmo assim, incompleto e cheio de falhas. O nosso povoado também participou. A Freguesia de Santo Antônio do Rio Feio (ou Santo Antônio da Bela Vista) teve a sua **Comissão Censitária**, que era formada pelos seguintes membros: *João Guedes Pinto de Mello (que foi substituído por Benedicto Novaes), João do Amaral Camargo e Francisco da Silva Cardoso.*

3.6 FAMÍLIAS

3.6.1 Introdução

Identificar e relacionar, neste capítulo, o maior número possível de famílias que viveram, formaram-se, ou tiveram ligações com Porangaba seria o ideal, porém, a busca tornar-se-ia exaustiva, extensa e morosa diante do volume de nomes. A omissão de alguns ramos familiares seria também inevitável.

Considerando que o povo porangabense formou-se, basicamente, dos elementos geradores da raça brasileira, com predominância para o branco, poderemos avaliar as dificuldades que teríamos pela frente para identificar os descendentes de negros e índios.

Levando em conta, ainda, os nomes dos primeiros moradores, reconhecidamente aceitos e relacionados no Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio e, também, os informes obtidos junto aos órgãos de imigração e outros documentos correlatos em cartórios (óbitos, casamentos, escrituras, etc.), além dos depoimentos de descendentes, etc., é

possível relacionar, num documento à parte, (o que será feito oportunamente) um grande número de famílias.

Mas, na sequência, citaremos somente quatro ramos familiares – **Domingues, Camerlingo, Nunes da Silva (1) e Nunes da Silva (2)**, (ligados à ascendência do autor), ainda que incompletos, mais para conhecimento e que comprovam o grande grau de dificuldade.

Sem pretensão de comparar com o que existe na história da genealogia brasileira, lembramos que Pedro Taques e Jaboatão, autores das duas primeiras obras genealógicas nacionais, não foram poupados por Silva Leme, que, também, foi criticado e corrigido. Os críticos costumam dizer que o “genealógico” não passa de um paciente e teimoso catador de dados sobre famílias, para organizar as difíceis e trabalhosas séries, sempre incompletas. José Saramago, por sua vez, refere-se ao “genealogista” como “o excêntrico pesquisador de miudezas históricas de excassa relevância”. (in “Todos os Nomes”).

3.6.2 - Relação parcial de Famílias que se formaram, viveram ou tiveram ligações com PORANGABA

Alves, Arab, Almeida, Amaral, Arellano, Arruda, Alegre, Albuquerque, Ávila, Agapito, Andrade, Alexandrini, Antunes, Assis, Assumpção, André, Ayres, Ares, Alfredo, Adlário, Avallone, Antulini, Angelini, Arloca, Algodoal, Andrioli, Andreolli, Araújo, Affa, Abbud, Alonso, Antonelli, Amaro, Abreu, Alba, Antonio, Amad, Adão, Alvarenga, Ayeta, Argento, Almino, Amparo, Albino, Azevedo, Aló, Alpaio, Abrão, Albertoni, Augusto, Amâncio, Asti, Azar, Abuchain, Attedeschi, Alia

Brenhas, Barreto, Borges, Bonfim, Barros, Bento, Barrasa, Branco, Branquinho, Brito, Bastos, Bueno, Botto, Braga, Balangio, Brando, Boqueirão, Barbosa, Bassoi, Burg, Bechelli, Boneder, Boava, Bicudo, Billan, Bonis, Bertoncini, Baldacin, Biagioni, Brizzaco, Bertoni, Bossolan, Bussolan, Basile, Brasile, Barbanti, Bertin, Bonini, Biondo, Belluci, Badilho, Badin, Barbosa, Basílio, Baz, Benedito, Benedicto, Bonomo, Bordon, Borlina, Bertolini, Bortola, Baldo, Bernardo, Brandão, Bazzo, Baz, Bonato, Biancat, Burnia, Bartalo, Bernardes, Barcala, Bascala, Bastorica, Belchior, Buchala, Bonadia, Balarini, Bitencourt, Boas, Borba, Bimbati, Bronze

Camargo, Cardoso, Campos, Cavalheiro, Carneiro, Caldeira, Correia, Candido, Correa, Carmo, Cesar, Cuba, Cubas, Casemiro, Cleto, Colaço, Coração, Constante, Claro, Capanga, Canhoto, Cassafedo, Calil, Chammas, Cassetari, Camerlingo, Camillo, Cassote, Corsi, Coelho, Capuano, Colombara, Capone, Chierici, Carlini, Citarella, Cuchera, Choupot, Cecchi, Coimbra, Castro, Cassiano, Costa, Canto, Carvalho, Cruz, Cunha, Casarino, Chrichener, Canhambora, Cezário, Cláudio, Cava, Canhoto, Carriel, Coque, Claudino, Chrochik, Cordeiro, Cerineo, Campina, Constantino, Catani, Cidade, Caló, Cutait, Coutinho, Camacho, Carlos, Capoava, Calassi, Catel, Crespo, Cardia

Diniz, Domingues, Dinarte, Dias, Donatti, Dionísio, D’Orta, Dorzana, Delaneze, Demétrio, Delvecchio, Del Vinha, Del Bem, Dutra, D’Utra, Davi, David, Dionísio, Duarte, De Laura, Damasco, Diciano

Espírito Santo, Euzébio, Eloi, Esteves, Eburneo, Estevam, Estanislau, Espúlia,

Falcão, Ferreira, Ferraz, Fernandes, Florentino, Fonseca, Fogaça, Fraga, Freitas, Fiuza, Fidêncio, Freire, Furtado, Fadel, Fadel, Farah, Ferraresi, Furlan, Fallosi, Foramillo, Francisconi, Frudelli, Ferracini, Falkenbach, Fraletti, Fillipi, Ferragone, Festa, Figueira, Felix, Fazzio, Feliciano, França, Fortunato, Fortunata, Fudolli, Florianio, Faloí, Felizardo, Faria, Fragoso, Flores, Florence, Florêncio, Formigoni, Filietaz, Fieri, Frias, Florenzano, Ferrari, Felício, Firmino, Foterni, Fagundes, Ferragone, Fratta, Fidelis

Garcia, Granjeiro, Guerreiro, Graça, Gomes, Gonçalves, Gonzales, Geraldini, Gregório, Godinho, Godoi, Goes, Gavião, Gaspar, Gorga, Galavotti, Greibeler, Grolla, Ghabertin, Grasioli, Galvão, Galbiatti, Galera, Gica, Ghabestini, Gianotti, Generoso, Guambi, Gabriel, Grazziano, Guimarães, Gobbo, Germano, Geminiane, Guaseli, Grilo, Gutierrez, Gussi, Gerotto, Gallo, Gondim, Guiné

Hamberg, Henrique, Henriques, Hessel, Hertz, Holtz, Hescks, Harnich, Hoffer, Horchs, Hoffman, Hissa, Hadad,

Iilha, Ianoski, Izzar, Ipanema, Iwamizu,

Juliani, Jesus, João, José, Job, Jacob, Juvêncio, Justino, Jurgens, Janetti, Jerroti

Kuntz, Kruger, Kovac, Kitahara

Lima, Lobo, Lopes, Luzia, Lagoeiro, Lemes, Leme, Lemos, Leite, Losseti, Lordelo, Luizão, Lodi, Lunardi, Livania, Luzio, Luz, Lourenço, Liberto, Leal, Luiz, Lisboa, Lazzo, Leonelli, Lameu, Livania, Larrey, Laquintine, Lutero, Lazano

Moraes, Morais, Mimim, Maia, Miranda, Maraccini, Maciel, Monte Carmello, Montini, Marques, Melchior, Machado, Maracajá, Mendes, Moura, Mota, Monteiro, Miguel, Momi, Martins, Medeiros, Mascarenhas, Mariano, Mello, Moreira, Matos, Marins, Menck, Maimá, Migliati, Maurizzi, Muzachi, Meucci, Magnani, Malama, Marson, Muzel, Maier, Minhoto, Menino, Merlin, Maffa, Morgante, Mairene, Militão, Marcelino, Mantovani, Momberg, Marcovici, Macedo, Mathias, Mufa, Meneses, Marcolino, Mavigo, Muntia, Magueta, Messias, Mainarde, Moreno, Meireles, Manzini, Marasato, Molinari, Muniz, Melchiorre, Muller

Novaes, Nappo, Novais, Neves, Nordi, Nunes, Nascimento, Nogueira, Norberto, Nuchera, Nacabo, Nicola, Napoleão, Nobre, Nobrega, Novack, Néri

Oliveira, Onofre, Offa, Ortega, Otaño

Pereira, Pérsio, Padilha, Prata, Pádua, Pupo, Paz, Paulino, Pontes, Prado, Pinto, Poli, Paula, Proença, Paes, Pedroso, Pedrozo, Pires, Perdiz, Palmeira, Pacheco, Piragibu, Pedrotti, Pinheiro, Pompeo, Perciani, Provencani, Penachini, Pavan, Paes, Pássaro, Pástina, Parga, Pescatori, Pasinato, Picanço, Peres, Picchi, Palma, Pogati, Pavanelli, Peixoto, Pedrosa, Pedro, Paixão, Pasquini, Palomar, Penha, Portela, Paixão, Pinotte, Perpetuo, Pourdão, Parise, Parussolo, Perrotti, Polidori

Queiroz, Quebra, Quinato, Quevedo, Quadra

Ribeiro, Rosa, Roiz, Roberto, Ruivo, Reis, Rodrigues, Rabelo, Rufino, Reginaldo, Rihbani, Rocha, Rondó, Rissocone, Rossi, Rossini, Rodorat, Ruivo, Ramos, Ramon, Ruggeri, Rondina, Rachid, Ricchi, Rangel, Remondini, Ricco, Ramirez, Rudi, Raphael, Rolim, Russi, Ramalho, Rochicioli, Reale

Suptil, Subtil, Soares, Silva, Silvestre, Santos, Silveira, Serrano, Siqueira, Saldanha, São Pedro, Spinola, Sganzela, Simonato, Strombeck, Shantz, Sawczen, Sbrana, Siaca, Songania, Sartori, Solimeno, Solimeni, Santiago, Sommerhauzer, Seraphim, Serafim, Salles, Sinti, Salgado, Souza, Sonoda, Steffen, Sá, Sicari, Scaglioni, Sodrê, Sampaio, Seabra, Santana, Sant'Anna, Schorr, Scatola, Signorini (Segnorine), Simão, Sarubo, Segal, Sallum, Stape, Sefanoski, Stahl, Sanches, Simon

Telles, Tavares, Távora, Tricta, Tozelli, Theófilo, Torolho, Toledo, Tomé, Thomé, Torrezan, Tuvica, Trindade, Torres, Thomaz, Teodoro, Tonhã, Tereza, Terullo, Turri, Tonelli, Trevisano, Teixeira, Tamera, Topasso, Tavanti

Vaz, Vieira, Valário, Valle, Verardi, Vangioni, Valeiro, Vanduchi, Valentino, Valente, Vieites, Vicente, Venâncio, Viganó, Vicentini, Viegas, Vilasboas,
Wagner, Werblarsch

Xavier, Xavier de Freitas,

Yamasaki, Yamamoto

Zago, Zanata, Zanato, Zonta, Zacca, Zicari

3.6.3 Família Domingues

Cândido Silvestre Domingues, (conhecido como Cândido Velho ou Cândido Rico), fazendeiro, escrivocrata, natural de Tatuí (ou Itapetininga), filho de Manoel Domingues e Rita Maria. Nasceu em 1822, mais ou menos, e faleceu em Santo Antônio do Rio Feio em 24/03/1887, onde foi sepultado. Casou-se duas vezes:

1º casamento - em 25/02/1840 (Tatuí), com Paula (Paulina) Maria da Conceição, filha de Pedro Manoel de Proença e Ana Hilária, de Campo Largo (Araçoiaba da Serra). Paulina faleceu com 45 anos de idade, em 13/01/1876, no Rio Feio, onde foi sepultada;

2º casamento - em 26/04/1877 (Tatuí), com Rosária Maria da Conceição, filha de Antônio Ribeiro Bueno e Maria das Dores; Rosária faleceu em 04/05/1943 no bairro das Partes, com 95 anos de idade, sendo sepultada em Porangaba.

Filhos do Primeiro Casamento:

1. **Antônio (1)** - faleceu em 1841, com 10 dias de vida, no bairro Congonhal (Tatuí);
2. **Antônio (2)** - batizado o segundo filho, com o mesmo nome, em 18/09/1842. Trata-se de Antônio Paulino Silvestre, que casou em 27/02/1865 com Ana Francisca, filha de André José de Oliveira e Ana Francisca. Faleceu em Botucatu, mais ou menos, em 1866.
3. **José** - José Silvestre Domingues, que casou em 12/11/1867 com a cunhada Ana Francisca, viúva de seu irmão Antônio.

4. **Ana** - batizada em 1845, na Igreja de Tatuí, com dois dias de idade.
5. **Manoel (1)** - faleceu com 1 mês de vida, em 29/06/1853; sepultado em Tatuí.
6. **Alexandrina** - faleceu com 7 meses de idade, em 09/11/1854; sepultada em Tatuí.
7. **Manoel (2) - Manoel Cândido Silvestre**. Casou-se em 25/07/1875, na Igreja Matriz de Tatuí, com Maria Cândida, filha de Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição. Faleceu em Porangaba, no dia 20/09/1940, com 82 anos de idade, onde foi sepultado. Nasceu, mais o menos, em 1858.
8. **Bento** - Bento Silvestre Domingues - Faleceu em 16/05/1913, com 48 anos de idade, em Porangaba, sendo sepultado no cemitério local. Nasceu, mais ou menos, em 1865. Casou-se em 07/04/1883 com Antônia Maria da Conceição, filha de Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição..
9. **Rosa Maria da Conceição** - casada com Francisco Roberto; faleceu com 66 anos de idade.
10. **Ana Maria da Conceição** - casada com João Antônio Rodrigues; faleceu em 05/07/1893, com 23 anos de idade.
11. **Rosa da Conceição** - casou-se em 29/09/1874 com Francisco Silvestre Domingues (primo), filho de Manoel Antônio Silvestre e Maria das Dores.
12. **Felisbina Maria** - casou-se em 25/09/1880, na Capela de Santo Antônio do Rio Feio, com Alexandre Paulino Teles, filho de Henrique José Fernandes e Ana Maria Francisca. Faleceu em 29/01/1882, em decorrência de parto, com 15 anos de idade.
13. **Francisca** - batizada na Igreja de Tatuí, em 04/04/1859, com 1 ano de idade.

Filhos do Segundo Casamento:

1. **Francisca** - Francisca Maria da Conceição - nasceu no Rio Feio, aproximadamente, em 1878; casou-se com João Silvestre Domingues e faleceu em Paranapanema, com 85 anos de idade.
2. **Leopoldina** - Leopoldina Maria da Conceição - nasceu no Rio Feio, mais ou menos, em 1879; casou-se em 1891 com Leopoldino Antônio de Oliveira; faleceu em 25/10/1929, com, mais ou menos, 50 anos de idade.
3. **Antônio** - faleceu em 25/04/1881 em decorrência de febre; durou 4 dias.
4. **Rita** - Rita Maria do Rosário - nasceu no Rio Feio, mais ou menos em 1882; casou-se com

- João Ribeiro Bueno (primo), filho de José Ribeiro Bueno e Firmina Maria.
5. Virgília - Virgília Maria do Rosário - nasceu no Rio Feio, aproximadamente, em 1886; foi casada com Simão Antonio de Oliveira - (Simão Boqueirão), filho de Antônio Marcelino Lemes e Gertrudes Maria de Jesus. Faleceu em 11/02/1947 com 59 anos de idade.
 6. Isaias - Isaias Silvestre Domingues, nasceu o Rio Feio, mais ou menos em 1885 e faleceu em 31/03/1950, com 65 anos de idade; foi casado com Carlota Maria da Conceição, filha de Antônio Joaquim de Oliveira e Gertrudes Maria de Jesus.
 7. Justina - Justina Maria de Jesus, casada em 1904 com Luiz Antônio de Oliveira, filho de Antônio Marcelino Lemes e Gertrudes Maria de Jesus (irmão do Simão Boqueirão).
 2. Francisco Manoel Domingues - nasceu em 05/06/1907 e faleceu em 06/06/1956 em Porangaba; solteiro, sepultado no cemitério local.
 3. Doralina Domingues Freire - nasceu em Porangaba em 14/08/1908. Foi casada com Antônio Freire de Souza (05/11/1898 – 23/10/1949), natural de Pereiras; faleceu em São Paulo em 09/07/1990, sendo sepultada em Porangaba.
 4. Luiz Manoel Domingues - nasceu em 18/09/1911 em Porangaba. Faleceu em 09/05/2001 na cidade de Tatuí, sendo sepultado em Porangaba. Casado com Anunciata De Bonis Domingues, filha de Domingos De Bonis e Maria Ruggeri (25/05/1912 – 22.05.1994).
 5. Horácio Manoel Domingues - nasceu em 20/05/1913 em Porangaba e faleceu em 21/05/2000 na mesma cidade, onde foi sepultado. Casado com Irma Nunes Domingues, filha de Antônio Nunes da Silva e Gertrudes Zulmira da Conceição.

Filhos de Manoel Candido Silvestre e Maria Cândida

1. Silvério Manoel Domingues - nasceu em 1876, aproximadamente, e faleceu em 29/01/1921, com 45 anos de idade, em Porangaba, sendo sepultado no cemitério local. Foi casado com Maria Antonia de Jesus, filha de Antônio Pedro Fernandes e Antônia Maria de Jesus.
Filhos:

1. Ernestina – Ernestina Maria Angélica (Anesta), casada com Orelindo Antonio Martins (Poli).
2. Domingos - Domingos Silvestre Domingues - casado com Maria Luíza de Siqueira.
3. Francisca – (Tica), casada com: 1º) com Atenógenes de Oliveira, filho de Francisco Aurélio de Medeiros e Rosa de Oliveira; 2º) com José Persiani.
4. Nicanor – solteiro, assassinado em Abadia dos Dourados – Patrocínio, MG - mais ou menos em 1933/34.
5. Braz – casado com: 1º) com Leopoldina Maria ; 2º.) com Maria Izídia de Melo.
6. Amando – (Armando Cândido); casado com Francisca Maria da Silva ou Soares da Silva.

2. Bento Manoel Domingues (conhecido como Bento Cândido) - nasceu em 23/06/1879 em Porangaba e faleceu em 06/09/1963, com 84 anos de idade, na mesma cidade, sendo sepultado no cemitério local. Foi casado com Clementina Camerlingo Domingues, filha de Luigi Camerlingo e Maria Grácia Amadore, natural de Nápoles, Itália, que nasceu em 23/12/1887 e faleceu em São Paulo no dia 23/12/1978, sendo sepultada em Porangaba.

Filhos:

1. Maria da Graça - nasceu em Porangaba e faleceu em 03/12/1906, com 4 ½ meses de idade; sendo sepultada no cemitério local.

6. Maria Engrácia Domingues Biondo - nasceu em Porangaba. Casada com Luciano Felício Biondo, filho de João Biondo e Maria Justo, natural de São Manoel; faleceu em São Paulo em 2003, sendo sepultado no Cemitério do Araçá

7. Acácio Domingues - nasceu em Porangaba. Casado com Genny Coimbra Domingues, natural de Aguai, filha de Ernesto Coimbra e Maria Manaia Coimbra. A esposa nasceu em 11/10/1914 em Aguai e faleceu em São Paulo em 23/08/1982, sendo sepultada em Porangaba.

3. Deolindo Silvestre Domingues - nasceu no ano de 1881 em Porangaba. Faleceu, na mesma cidade, no dia 29/01/1921, com 40 anos de idade, sendo sepultado no cemitério local. Foi casado com Inocência Antunes da Siqueira, filha do capitão Francisco Antunes de Siqueira e Balbina Maria da Conceição. Deixou 9 filhos:

1. Francisco - Francisco Silvestre Domingues - (Chico Cândido) - casado com Carlota Maria da Conceição
2. Odair – casado com Jandira (1ª.esposa) e Antonia (2ª. Esposa)
3. Lázara - casada com Simão Luiz Machado
4. Durvalina – casada com José Antônio de Oliveira (Zé Tônico – 2 ° casamento dele); ele, filho de Antônio Marcolino de Oliveira (ou Lemes) e Gertrudes Maria de Jesus.
5. Augusta – casada com Vaz Florentino
6. Palmira - primeiro casamento: com Antônio Soares da Silva (ou de Almeida) (pais da Georgina, casada com o Ernesto Silva); segundo

casamento: com José Antônio de Oliveira - não teve filhos.

7. Florisia – Florisa Antunes de Siqueira – casada com Manoel Pereira Rodrigues, filho de João Francisco de Paula e Maximília Maria da Conceição
8. Maria Engrácia – casada com Horácio Antônio de Oliveira (filho de Zé Tônico)
9. Ermelinda - Ermelinda Domingues de Siqueira casada com Damásio Gabriel de Camargo, filho de Joaquim Gabriel de Camargo e Francisca Maria de Almeida, natural de Monte Mor

4. Maria Domingues (1) – nasceu em novembro de 1882 e faleceu em 21/09/1883, com 10 meses de idade;

5. Maria Domingues (2) – nasceu em 25/09/1884 e faleceu no mesmo dia (febre);

6. Ermelinda Domingues - nasceu em 09/12/1885 e faleceu em 15/12/1885, com 6 dias – febre;

7. José Domingues – nasceu em 08/03/1888 e faleceu em 09/0/1888 – um dia – febre;

8. Mario Silvestre Domingues - faleceu em 21/05/1899, com 19 dias; sepultado em Porangaba;

9. João Silvestre Domingues - faleceu em 15/12/1900; durou 5 horas, sepultado em Porangaba.

3.6.4 Família Camerlingo

Luigi Camerlingo - natural de Nápoles (Giuliano in Campagnia), nasceu, mais ou menos, em 1848. Casou-se duas vezes: 1º. casamento: com Maria Grácia Amadore; 2º casamento: com Henriqueta Citarella. A primeira esposa faleceu na Itália e a segunda faleceu em Buenos Aires, Argentina, ente 1948 a 1950.

Filhos do primeiro casamento

Raphael Camerlingo casado com Rosa Alpaio, filha de Juvenal Alpaio e Henriqueta Citarella. O casamento realizou-se em Porangaba no dia 07/05/1904, ele, com 27 anos de idade; ela, com 16 anos de idade. Ele, faleceu em Buenos Aires, entre 1948 a 1950. Ela, deve ter falecido antes de 1947. Filhos: Francisco, Luis, Graciana, Sílvio, Carmela e Clementina.

Francesco Camerlingo - casou-se na Argentina em 1904. Casou-se duas vezes; a 1ª. esposa foi Savéria Celano e a 2ª. esposa foi Justa Correa. Filhos: Luis (engenheiro – viveu em B.Aires e Coquim (Córdoba)), Maria Grácia (viveu em B.Aires), Raphael (viveu em Córdoba) e Ernesto (viveu em B.Aires)

Domingos Camerlingo casou-se com Rosa Rondó, filha de Luiz Rondó e Maria Rosário Caló; casamento realizado em Porangaba no dia 25/06/1905, ele, com 21 anos de idade e ela com 15 anos. Filhos: Luiz Rondó Camerlingo, nasceu

em Porangaba, casado com Helena Sanson; Horácio Camerlingo – viveu em Ipaussu; Domingos Camerlingo Caló – viveu em Ourinhos, onde foi prefeito municipal; José Camerlingo (Juca), viveu em Ourinhos; Maria – casada, viveu em Sorocaba.

Giuseppe Camerlingo, casado com Carolina Meucci Cionoli, viveu em Ipaussu; o casamento foi realizado em Laranjal Paulista. Filhos: Francisco – faleceu em Campinas; Rafael (Lino) (maestro) – morreu em São Paulo; Luiz (engenheiro) – faleceu em Rio Claro em um desastre aéreo; Hermínia, Clóvis – faleceu em Ipaussu, Basto – vive em Londrina (Paraná); Eunice, Galerana – faleceu em Ipaussu; Aparecida – vive em Cornélio Procópio; Maria Antonieta, faleceu em Ipaussu.

Clementina Camerlingo casada com Bento Manoel Domingues, viveu em Porangaba. (Ver Família Domingues)

Filho do segundo casamento:

Orazio Camerlingo (Horácio) – (viveu em Porangaba na infância e faleceu em Buenos Aires, na Argentina.), casado com Adela Doméstico Camerlingo. Filho: Luiz Horácio

Enteados - filhos de Henriqueta:

Rosa – casou-se com Rafael Camerlingo; Carmine Alpaio – voltou para a Itália.

3.6.5 Família Nunes da Silva (1)

Francisco Nunes da Silva - Faleceu com, mais ou menos, 45 anos de idade (morte repentina) em 08/09/1844 em Tatuí, onde está sepultado. Casado com Ana Maria do Espírito Santo, que também faleceu em Tatuí no dia 06/12/1867, com 70 anos de idade.

Filhos:

1. José Nunes da Silva - casou-se em 29/08/1843, em Tatuí, com Rita Alves, filha de José Alves de Oliveira e Escolástica Antunes, naturais de Tatuí.

2. Ignácio Nunes da Silva - nasceu em Tatuí em 20/01/1829 e faleceu em 17/12/1900, com 71 anos de idade. Casou-se duas vezes. primeiro casamento: - em Tatuí no dia 09/11/1849 com Maria Angélica, filha de Luiz Antônio de Queiroz e Francisca de Paula. Maria Angélica faleceu no dia 28/02/1855, com 28 anos de idade; segundo casamento :- em Tatuí no dia 01/10/1864, com Francisca Maria Xavier, filha de José Francisco Xavier e Gertrudes Maria do Espírito Santo. Ela, faleceu em Porangaba no dia 12/02/1905, com 65 anos de idade.

3. Antonio Nunes da Silva - nasceu em Tatuí e casou-se com Benedita Ribeiro, filha de Roberto Alves e Ana Ribeiro, no dia 04/01/1846. Casamento realizado na Capela de Tatuí

4. João Nunes da Silva - nasceu em Tatuí e foi batizado

em 11/06/1832. Casou-se em 22/06/1853 com Ana Maria Ribeiro, filha de José de Arruda Ribeiro e Maria Santana, também de Tatuí. Faleceu em 20/07/1910, com 85 anos de idade, no bairro do Rio Feio. Ana Maria Ribeiro faleceu em 15/11/1913 em Porangaba, com 78 anos de idade.

5. Escolástica - batizada em Tatuí em 23/11/1834.

6. Bento Nunes da Silva - batizado em Tatuí em 26/04/1837; casou-se em 03/10/1871 com Ana Maria, filha de José Joaquim de Oliveira e Maria Gertrudes.

Filhos de Ignácio Nunes da Silva e Francisca Maria Xavier :

1. José Nunes da Silveira - assassinado em 14/03/1901, com 21 anos de idade; era casado com Maria Escolástica da Conceição, filha de Martiniano Celestino de Oliveira e Escolástica Maria da Conceição; não teve filhos.

2. Ozório Nunes da Silva - casado com Maria das Dores Diniz Vaz., filha de João Diniz Vaz e Segismunda Pereira Falcão - casamento realizado no dia 20/02/1886.

3. Alexandrina Maria Delfina - casou-se com Frederico de Paula Leite, filho de Joaquim Leite Fernandes e Maria Alves Barreto - casamento realizado no dia 07/01/1885.

4. Gertrudes Maria Luiza - casou-se em 25/04/1888 com João Crisóstomo Barreto, filho de Antônio Alves Barreto e Ana Francisca Pereira, do Rio Bonito. Nasceu em 1874.

5. Feliciano Nunes da Silva - faleceu em 31/03/1938, com 70 anos de idade; nasceu em 1868. Casou-se em 08/01/1889, na Capela de Santo Antonio do Rio Feio, com Ângela Diniz Vaz, filha de João Diniza Vaz e Segismunda Pereira Falcão; ele com 21 anos e ela com 15 anos. Tiveram 13 filhos:



Antônio Nunes da Silva

1. **Antônio Nunes da Silva** - nasceu em 08/03/1892 e faleceu em 07/04/1938 com 46 anos de idade; casado com Gertrudes Zulmira da Conceição, filha de José Nunes Ribeiro e Constância Maria da Conceição; Gertrudes nasceu em 28/06/1895

e faleceu em 30/07/1991 em Sorocaba, sendo sepultada em Porangaba

2. Maria da Conceição Nunes da Silva - casada com o Benedito de Oliveira Moraes (Dito Sinhoca), filho de Leandro de Moraes e Silva e Firmina Maria de Oliveira
 3. Luiza Nunes da Silva - casada com José de Paula
 4. Quirino Nunes da Silva - casado com Paulina Maria Luiza
 5. Pedro Nunes da Silva - casado com Cornélia Filomena de Miranda (Cubas)
 6. Ignácio Nunes da Silva - casou-se com Lázara de Almeida, filha de Tonico de Almeida - 1º. casamento; casou-se com Ana Lina de Campos e Silva, filha de Arlindo de Oliveira Campos e Maria Brígida Vieira - 2º. casamento.
 7. Angelino Nunes da Silva - solteiro
 8. Eugênia Nunes da Silva - casada com José Bueno de Miranda
 9. Avelina Nunes Diniz - casada com João Firmino de Oliveira, faleceu em 16/02/1945
 10. Isabel Nunes da Silva - casada com Olímpio Sebastião de Miranda
 11. Isaura Nunes da Silva - casada com Roque Ribeiro Maciel, filho de Joaquim Rodrigues Maciel e Francisca Claudina da Conceição
 12. João Nunes da Silva - casado com Ebrantina de Oliveira Moraes, filha de Leandro de Moraes e Silva e Firmina Maria de Oliveira. - pais do Silvério Nunes da Silva Primo (Silverinho), que foi casado com Alcina (Alécia) dos Reis.
 13. Domingos Nunes da Silva - casado com Rosa da Conceição. Ele, nasceu em 20/12/1897 e faleceu em 14/08/1936; ela, nasceu em 01/06/1897 e faleceu em 13/02/1990.
6. Maria Nunes da Silva - casada com Antônio Lemes da Rosa, filho de João Batista da Rosa e América Maria da Conceição - casamento em 29/07/1894

7. Balbina Nunes da Silva - casada com João Pedro de Arruda, filho de João Antônio de Arruda e Catarina Maria; casamento em 29/07/1894. Faleceu em 22/04/1922, com 47 anos de idades; deixou 9 filhos.

3.6.6 Família Nunes da Silva (2)

João Nunes da Silva - casado com Ana Maria Ribeiro. (ver - Família Nunes da Silva (1))

Filhos :

1. José Nunes Ribeiro, natural de Tatuí (Porangaba), faleceu em 27/10/1920, com 63 anos de idade. Nasceu em 1857. Foi casado com Constância Maria da Conceição. Filhos:

- *Maria Leopoldina - casada com Francisco Cubas de Miranda (2ª.esposa)*
- *João Nunes de Matos - casado com Ana Evaristo de Camargo, filha de Calintro Alves de Camargo, faleceu em 04/02/1941, com 55 anos de idade, e deixou 6 filhos: José, Maria, Isabel, Isaura, Margarida e Antônio;*
- *Joaquim - casado com Maria Francisca da Conceição (Cotinha), filha de João Mariano de Deus e Silvéria Maria da Conceição; mudaram-se para Santa Cruz do Rio Pardo;*
- *Apolinário - casado com Aurora Miranda:*
- *Francisco - solteiro;*
- *Jesuína - solteira;*
- *Rosa da Conceição - casada com Domingos Nunes da Silva;*
- *Gertrudes Zulmira da Conceição - casada com Antonio Nunes da Silva, nasceu no dia 28/06/1895, em Porangaba, e faleceu em 30/07/1991, em Sorocaba, com 96 anos de idade. Sepultada em Porangaba. Filhos: Irmã, Maria, Luiz, Horácio, Elias, José*

2. *Andalécio Nunes da Silva - faleceu em Porangaba, em outubro de 1896, solteiro, com 23 anos de idade.*

3. *João Batista Nunes - casado com Clotilde do Amaral Castro, filha de José Felipe de Arruda e Maria da Conceição - casamento em 29/07/1899.*

4. *Francisco Nunes da Silva - casado com Felisbina do Amaral Castro, filha de José Felipe de Arruda e Maria da Conceição - casamento em 29/07/1899.*

5. *Balbina Maria da Conceição – faleceu em 09/05/1924 com 60 anos de idade; foi casada com João Mariano da Rocha e não deixou filhos.*

6. *Joaquim Nunes da Silva , casou-se em 28/02/1861 com Joaquina Maria da Conceição, de Sorocaba, filha de José Manoel de Siqueira e Maria Gertrudes Gonçalves.*

7. *Francisca Maria Gonçalves - casou-se em 1865 (?)*

8. *Maria de Jesus - casou-se em 19/12/1877 com Rubens A. Correa, filho de Francisco Antunes Correa e Josefa Maria da Conceição.*

9. *Gertrudes Maria Rita - casou-se em 25/04/1883 com Olímpio José Mariano da Rocha, filho de José Mariano da Rocha e Antonia Maria de Jesus. Obs. deve ter falecido em 1884.*

10 *Alexandre Nunes da Silva - casou-se com Benedita Maria dos Prazeres, filha de José Domingues de Arruda e Eduarda Maria, casamento em 06/11/1911.*

11. *Jesuína da Conceição – casada com Marcolino Florentino Soares.*

12. *Maria Nunes da Conceição - casada com Pedro Ribeiro Correa*

4. FILHOS ILUSTRES

Porangaba sempre foi honrada e privilegiada pelos seus filhos. Ocorreu no passado, repetese no presente e, certamente, será cada vez maior no futuro. Nos campos mais variados da atividade humana sempre encontraremos porangabenses. Logo, ao escrever a história de nossa gente, a grande preocupação foi identificar os que mais se destacaram. E foram muitos. Uns, por problemas diversos, migraram para outras paragens e, então, seria preciso encontrá-los e trazê-los de volta. Enumerá-los, todos, seria o objetivo maior, porém a relação seria muito extensa.

Leônidas da Silva Cardoso (Major)

Filho do capitão Francisco da Silva Cardoso e da professora América Kuntz Cardoso, nasceu em 16/08/1891. Ocupou cargo de vulto em Botucatu durante a Revolução de 1930, tomando parte ativa no Comando da Brigada Sul, sendo fundador da Legião Revolucionária daquela cidade. Recebeu a patente de “major” pelos serviços prestados. Foi prefeito municipal de Botucatu durante 18 meses, de 1931 a 1933, e realizou nesse curto espaço de governo o que não foi feito em 40 anos de república. Dentre as obras realizadas destacam-se: a reforma completa de 136 quilômetros de estradas municipais; colocação de sarjetas em inúmeras ruas, embelezamento de praças, construção de pontes, ajardinamentos, auxílios financeiros às entidades como o Leprosário Aimoré de Bauru, Hospital do Juqueri, Santa Casa de Misericórdia e Asilo. Na área educacional, criou escolas municipais. Faleceu em 18/04/1933. Casado, deixou filhos.

Epaminondas Melo do Amaral (Pastor evangélico)

“Em 1958, em Paris, foi apresentado como a personalidade máxima do Protestantismo Sul Americano e, sabedor do fato, paradigma de humildade, ficou mais que admirado, ficou constrangido” - Maria C. Cerqueira do A. Cebrian.

Nasceu no bairro da Serrinha, em 02/10/1893, filho de Salvador do Amaral Camargo e Maria Justina

de Mello Camargo. Frequentou o Seminário Presbiteriano de 1907/1914. Ministro evangélico. Foi professor da Escola de Teologia (1924/1929); Secretário Geral da Companhia Brasileira de Cooperação (1932/1934); da Confederação Evangélica do Brasil (1934/1938) e da União Cultural Editora desde o ano de 1943. Pastor da Igreja Cristã do Brasil. Foi casado com Romilda de Cerqueira Leite. Faleceu no dia 19/08/1962 e deixou filhos. Escritor, colaborador de jornais e revistas. Obras: “Magno Problema”, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Publicidade, 1946; “Cristianismo Intrépido”, 1940; “Religião Integral” e “O Protestantismo e a Reforma”.

Madre Angelina Maria da Sagrada Face 1898-1988

Histórico - A Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria foi fundada na cidade de Piracicaba, SP, aos 30/09/1900. A nova Irmandade, voltada à devoção, ao amor fraterno, à caridade e pelo desapego às coisas materiais, teve grande aceitação pelo testemunho de vida dos próprios fundadores - pessoas santas e carismáticas. Cresceu e se expandiu. Hoje, consolidada, já é centenária. Os fundadores: **Frei Luiz Maria (Benjamin Zucalli)** - “Um capuchinho alegre que nasceu na Itália e veio ser missionário no Brasil. Teve uma curta vida de 48 anos, dos quais passou apenas treze entre Piracicaba e Taubaté, aqui no Brasil. Seu nome, porém, ficou para sempre por causa de seus grande feitos espirituais, materiais e sociais”. **Madre Cecília (Antônia Martins de Macedo)**: “nascida em Piracicaba, aos 07/06/1852, desde jovem mostrou vocação religiosa, mas por interferência dos pais, casou-se e teve três filhos. Somente quando ficou viúva, poucos anos após o casamento, com a ajuda e orientação de Frei Luiz, fundou o “Asylo de Orfãos de Maria Nossa Mãe”, vindo pouco tempo depois a fundar a Congregação e tornar-se religiosa com mais seis companheiras. Como era membro da Ordem Terceira Franciscana, ao emitir os votos religiosos recebeu o nome de Irmã Cecília do Coração de Maria, que conservou ao fundar a Congregação. Conhecida por todos como “Mamãe Cecília”, por ser mãe biológica de seus filhos e mãe espiritual de uma infinidade de crianças, logo mostrou sua personalidade de mulher lutadora ao vencer dificuldades que pareciam insuperáveis para pôr em prática os seus objetivos criados de filantropia. Procurou sempre atender as comunidades, suprindo as carências sociais, dando assistência aos idosos, crianças e doentes das classes menos favorecidas. Com a organização, pôs em prática as atividades assistenciais



e missionárias em asilos, hospitais e creches. Era conhecida como “a mulher da bênção”, porque tinha a inspiração de abençoar todos com orações que improvisava. Logo após sua morte, despontaram os relatos de graças”. Na congregação sempre foi vivenciado o testemunho da fundadora no acolhimento e na prestação de serviços aos mais necessitados. Mamãe Cecília está na lista das Servas de Deus, que é o primeiro estágio do processo de beatificação. Suas seguidoras tinham-na como exemplo e modelo de vida, daí a grande motivação para as tarefas apostólicas serem realizadas, levando à humanidade sofredora a ternura do Coração da Mãe de Deus. Pelo exemplo de vida, outras tantas jovens foram sentindo desejo de consagrarse ao Senhor por esse caminho. Uma de suas sucessoras foi, então, a jovem **Maria Luiza Rachel Pescatori**.

Madre Angelina Maria da Sagrada Face (Maria Luzia Rachel Pescatori) nasceu em 11/11/1898 no distrito da Bela Vista de Tatuí (Porangaba), filha dos imigrantes italianos Giovanni Pescatori (comerciante) e de dona Ercília Lunardi (doméstica). Ali, fez os estudos iniciais, mas, ainda menina viajou com toda família à Itália, onde foi conhecer os avós e outros parentes. Ao retornar ao Brasil, os Pescatori estabeleceram-se em Botucatu, onde ela deu seqüência aos estudos. Com vocação à vida religiosa, ingressou na Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, Irmandade fundada pela Irmã Mamãe Cecília, perfazendo as seguintes etapas da formação religiosa: Postulado (28/09/1919); Noviciado (16/07/1920); Primeira profissão (23/07/1921); Profissão perpétua (06/01/1927). Por ser uma pessoa sensata e dotada de muitos dons, logo após concluir as etapas formativas, foi eleita mestra de Novícias, função exercida até abril de 1936. Em seguida, foi nomeada Superiora Local do Lar Escola Santa Verônica, em Taubaté, SP. No 9º Capítulo Geral (1939) foi eleita Conselheira Geral e no 10º Capítulo (1945) foi eleita Superiora Geral da Congregação, serviço esse que prestou com competência e zelo por 18 anos seguidos, ou seja, até janeiro de 1963. Graças aos seus esforços junto à Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, em Roma, durante os dois primeiros sexênios, conseguiu o Decreto de Louvor da Congregação (02/12/1945) e, sete anos depois, a Aprovação definitiva (06/12/1956). Durante seu governo, além de cuidar com grande zelo da vida apostólica da Congregação e das obras mantidas, conseguiu: a criação do Curso Ginásial (1945) e do Curso Normal (1950) à formação de professores no Colégio Ave Maria, em Campinas, onde funcionavam apenas os Cursos de Educação Infantil e Primário; concretizar a construção da sede geral da Congregação em terreno anexo ao Colégio; construir um grande prédio denominado Betânia Franciscana (Campinas), para residência das Irmãs doentes, idosas e a nova sede do Noviciado. Em 1952, por sugestão do Bispo, junto com outras

duas Conselheiras Gerais, esteve em Roma, sendo recebida pelo Santo Padre e pode conversar pessoalmente com o Papa Pio XII sobre a situação da Congregação. No Capítulo Geral de 1963, deixou o cargo Superiora Geral, mas foi eleita 1ª. Conselheira Geral com mandato até janeiro de 1969. Pela sua liderança, prudência, humildade, lealdade e reverência, no Capítulo Geral de 1969 foi novamente eleita Superiora Geral. Diante das mudanças propostas pela Igreja pós Concílio Ecumênico Vaticano II, solicitou à Santa Sé a nomeação de um Visitador Apostólico e convocou para julho de 1973 um Capítulo Geral Extraordinário, quando apresentou o pedido para deixar a função e que fosse nomeada uma nova Superiora Geral para encaminhar os trabalhos e compromissos assumidos. Seu pedido foi atendido e, no mesmo ano, viajou à Europa e visitou a Terra Santa. Teve a graça de celebrar seu jubileu de prata e de ouro de consagração religiosa, de participar das comemorações dos 50 e 75 anos de fundação da Congregação e de acompanhar de perto os últimos dias da vida da venerável fundadora. Bastante idosa, com 90 anos de idade e 67 anos de vida religiosa, mesmo com a saúde debilitada, manteve a lucidez até os últimos momentos de vida. Apesar do sofrimento, cultivou o amor à vida e à espiritualidade. Faleceu em sua Fraternidade – Betânia Franciscana, Campinas, SP, no dia 15/12/1988, sendo sepultada no Cemitério da Saudade, no Jazigo da Congregação. A Congregação lhe é muito grata por toda a sua dedicação durante os longos anos em que esteve à frente da Irmandade, pelo carinho e exemplo de vida. Madre Angelina incentivou sempre a fidelidade ao trabalho, o respeito e o acatamento aos superiores, dando continuidade à obra missionária da fundadora.

Francisco Pássaro (Professor/advogado)

Filho de Raphael Pássaro e Custódia Pástina, nasceu em 27/11/1908. Conhecido por “Chichilo”, fez o curso primário na Escola Isolada de Porangaba (1916/1919) e o curso de madureza no Ginásio do Estado, em Tatuí (1939/1940). Ali, cursou ainda, a Escola Normal Oficial, vindo, depois, para São Paulo, onde fez curso de especialização no Instituto de Educação Caetano de Campos. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade Fluminense. Foi professor primário em Sorocaba, tendo lecionado no Grupo Escolar “Árvore Grande” e no “Frei Gaspar da Madre de Deus”. Diretor do Grupo Escolar “Padre Leonardo Nunes”, de Itariri, no litoral, e do Grupo Escolar “Ademar de Barros”, de Araçoiaba da Serra

(Campo Largo). Foi Prefeito Municipal de Araçoiaba da Serra. Delegado de Ensino de Santo Anastácio e Botucatu. Amante do teatro, foi excelente ator e participou de diversos grupos cênicos, tanto em Porangaba como em Tatuí, junto com a esposa.



Foi casado com Amélia Verreschi Pássaro. Faleceu em Botucatu, no dia 02/07/1969 e deixou um filho. Jogou futebol e, como destacado goleiro, defendeu com brilhantismo o Esporte Clube Porangabense. Grande benfeitor, foi o maior incentivador à criação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba, com a doação do terreno e recursos financeiros. Poeta, teatrólogo, pedagogo. Fundou o primeiro jornal de Porangaba - “O Porta Voz”, em 1926. Foi redator do jornal “Operário” de Tatuí, em 1928. Obras: “Lágrimas”, 1941; “Conselhos”, 1962.

Antônio de Oliveira Pinto (Músico e maestro)

“Predestinado, dotado da aptidão exclusiva dos gênios musicais - o “ouvido absoluto”, que o diferenciava de todos os demais músicos porangabenses em todos os tempos” - Maestro Pingo

Nasceu em 09/12/1900, filho de Manoel de Oliveira Pinto e Claudina Maria da Conceição. Conhecido como Toninho Cristovão, chegou a cursar o primário e aprendeu música com Mestre Chico, destacado músico de Pereiras. Autodidata, estudou com o maestro João Tonhã, que veio de Guareí, e foi o seu substituto na regência da banda, onde se destacou, como músico e maestro, por mais de cinquenta anos. Participou de conjuntos musicais; fez parte de grupos teatrais e do coral da Igreja Católica, como maestro, organista e cantor. Chegou a tocar, por pouco tempo, na banda de Tatuí. Além de músico, trabalhou na lavoura, no comércio e por fim no serviço público, onde se aposentou. Ensinou a arte musical para a maioria dos músicos porangabenses. Foram seus discípulos: Roque Soares de Almeida, Cezarino Antunes Correa, André de Almeida Machado, Pedro Nogueira Filho e

Lázaro Nogueira da Silva. Tocava os mais variados instrumentos de sopro, além de piano e órgão. Deixou poucas composições, pois sempre preferiu ensinar. Caracterizou-se pela simplicidade e honradez. Faleceu em 16/10/1987. Foi casado com Malvina Proença e deixou um casal de filhos.

Epaminondas Moreira do Valle
(Advogado, Inspetor Geral da Alfândega do Rio de Janeiro)



Nasceu na Bella Vista de Tatuí (Porangaba-SP) em 07/03/1912, filho do pastor presbiteriano Isaac Gonçalves do Valle e da professora Maria Rosa Moreira do Valle. A prematura morte da mãe com somente 32 anos de idade, ocorrida em Porangaba em 27.01.1916, determinou a mudança da família para São Paulo, passando por Santos e, depois, para o Rio de Janeiro. Em São Paulo participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Epaminondas estudou, trabalhou e constituiu sua família na antiga Capital Federal. Advogado, formado pela Universidade Federal Fluminense (Niterói), fez carreira brilhante no Ministério da Fazenda Nacional, onde foi Diretor do Departamento Federal de Compras (1951-1959) e Inspetor Geral da Alfândega do Rio de Janeiro (1963-1967). Ocupou ainda outros cargos: fez parte do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda; foi redator da revista Observador Econômico Financeiro; participou da Comissão de Acordos de Washington durante a 2ª Guerra; participou da Conferência de Chanceleres Americanos em 1942; por indicação do presidente do Conselho Técnico de Economia do Ministério da Fazenda chegou a exercer a Presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool e foi Assessor da Receita Federal. Pelos relevantes serviços prestados ao País, foi condecorado com a Ordem de Rio Branco (1966). Presbiteriano, no Rio de Janeiro filiou-se à Igreja Episcopal, onde permaneceu como

membro ativo até o fim de sua vida. Faleceu em 23/07/2002 na cidade do Rio de Janeiro, onde está sepultado no Cemitério São Francisco Xavier. Foi casado com Marina Valle. Deixou esposa, filhos, netos e bisnetos.

Epaminondas Moreira do Valle, inspetor-geral da Alfândega do Rio de Janeiro era um fã do cinema brasileiro. Qualquer importação que viesse em benefício da atividade, ordenava ele a sua liberação imediata. O Cinema Novo muito deve àquele douanier, responsável inclusive pelo início de carreiras de realizadores mais moços É que boa parte das importações de materiais sensíveis lhes era doada pelo encarregado da difusão cinematográfica no Itamaraty (cf. Arnaldo Jabor, Antônio Carlos Fontoura e outros). O depoimento do sr. Arnaldo Carrilho, à Revista de Cinema, é elucidativo: “ Fui produtor de “Maioria Absoluta”, de Leon Hirszman, de “Integração Racial”, do Saraceni, “O Circo”, do Arnaldo Jabor, de “Marimbás”, de Wladimir Herzog, e do primeiro filme de Gustavo Dahl no Brasil, “Em Busca do Ouro”. Além disso, fui assistente do Geraldo Sarno no filme “Deus é um Fogo”, nos episódios de Lima e Riobamba. Durante o Cinema Novo, todo mundo se ajudava. Diziam: “Carrilho, quero uma câmera. Filme virgem.” Eu conseguia através do Itamaraty. **Havia um inspetor geral na alfândega do Rio de Janeiro, sobre quem eu quero escrever um dia, chamado Epaminondas Moreira do Valle, que liberava filme, negativos de som, mesa de montagem, câmeras, entre outras coisas, sempre que a gente confessava que era matéria-prima para o cinema brasileiro**”.

Arnaldo Carrilho , ex-diretor-presidente da Riofilme S.A. , ex-professor da UnB (Universidade de Brasília) e diplomata.

Carlos de Almeida Machado
(Artesão)

“Simplicidade, honestidade e trabalho marcaram sua vida e, com inata aptidão artesanal, tudo fazia doce e pacientemente com arte. Foi amado por todos que o rodearam”.

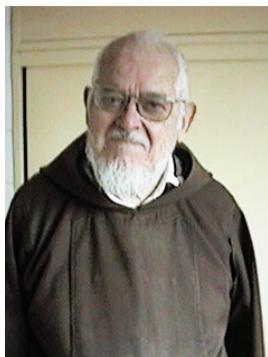
(Júlio M. Domingues)



Eis a imagem do Carlino Ferreiro, perfectivo, jovial, pai extremoso e, para nosso orgulho, porangabense. Nasceu no dia 22/12/1915, filho de

*Benedito de Almeida Machado e Júlia Antulini. Ainda menino, com a morte do pai, do qual seguiu a profissão, começou a trabalhar na oficina de ferreiro deixada, junto com seu irmão mais velho João. Ali, chegou a surpreender o italiano Ângelo Bechelli, amigo da família, uma espécie de mestre artesão, pela facilidade com que executava as mais complexas tarefas. Facilmente trabalhava o ferro na forja, moldando, criando, recuperando ferramentas e instrumentos agrícolas das mais variadas tâmporas, e atendia, indistintamente, a todos que o procuravam. Desenvolveu os mais intrincados serviços de ferreiro, com extraordinário poder criativo, produzindo facas, facões, canivetes, peças artesanais inigualáveis - verdadeiras raridades e muito requisitadas até hoje. Eclético, foi ainda carpinteiro respeitável e, também, por vocação músico. Logo cedo, era comum ouvir na pequena cidade, à distância, o malhar na bigorna, naquele trabalho pesado, árduo, desgastante, a ferro e fogo, e que, inegavelmente, lhe abreviou os dias. Ao **entardecer**, o som melodioso do clarinete do Carlino ensaiando valsas e dobrados. Iniciou na música tardiamente e parece que queria ansiosamente recuperar o tempo perdido. Além de músico, foi diretor da banda Santo Antônio. Pessoa respeitável pelo seu caráter e honradez, participou ativamente dos movimentos sócio-culturais e da política local. Casado com Cacília Martins, faleceu em 08/09/1971. Deixou filhos.*

P. Frei Timóteo Maria de Porangaba (Capuchinho)



Sacerdote da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, frei Timóteo de Miranda (Acácio Sérvulo de Miranda), filho de Joaquim Manoel de Miranda e Olívia Norberta de Oliveira, nasceu em 23/12/1914. Batizado na igreja de Porangaba em 25/12/1915 pelo padre Antônio Henrique Pereira. Crismado em 10/05/1916, na mesma igreja, por monsenhor Pascoal Ferrari, visitador da Diocese de

Botucatu. Recebeu a 1ª. eucaristia em 23/11/1923, ministrada por Frei Vigílio de Breguzzo. Fez os seus primeiros estudos em Porangaba. Vocação sacerdotal precoce, entrou em 07/08/1926 para o Seminário São Fidelis, em São Paulo. Fez o noviciado em Piracicaba, onde se tornou frade com 17 anos de idade e vestiu o hábito em 21/02/1932. Foram seus mestres Frei Felicíssimo de Prada e Frei Tiago de Cavédine. Fez os votos simples em Piracicaba, perante o Frei Jacinto de Prada, no dia 26/02/1933. Profissão solene em Mococa, perante o Frei Manoel de Seregnano, em 01/03/1936. Coursou Filosofia em Piracicaba e São Paulo (1933/34 e 35) e Teologia em Mococa (1936/1937) e São Paulo (1938/39). Primeira tonsura em São José do Rio Pardo, em 23/08/1937, por D. Alberto Gonçalves de Oliveira, bispo de Ribeirão Preto. Foi ordenado pelo bispo D. José Gaspar de Afonseca e Silva, na Catedral de Santa Ifigênia, em São Paulo, no dia 08/12/1938, quando tinha 23 anos de idade.

Celebrou missa em Porangaba no dia 11/12/1938. Terminou os estudos em São Paulo em 30/11/1939. Foi professor, pregador, confessor e missionário em Piracicaba (1939); vigário paroquial em São Paulo (1942). No ano de 1945 esteve no Convento São Sebastião do Rio de Janeiro; e em Manaus, para a Missão do Alto Solimões. Em 1946 foi Delegado Diocesano ao Congresso de Ação Católica no Rio de Janeiro e representante do Círculo Operário Amazonense no 5º. Congresso Nacional. Entre 1946 a 1968, passou pelas seguintes cidades: São Paulo, Piracicaba, Botucatu, Mococa, Penápolis, Pereira Barreto, São José do Rio Preto, Quatá. Capelão do Hospital Matarazzo, na Capital, no período de 1970/73. Superior e vigário do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Sapopemba, São Paulo (1978). Em 1981 - Superior e vigário paroquial - Fraternidade São Miguel, Marília; em 1982 - Seminário São Francisco de Assis - Nova Veneza - São Paulo; em 1986 - São Felix de Cantalício, Vila Guarani, São Paulo. Em 1993, Pároco em Anhembi, SP. Outras atividades: Professor de Antropologia; Diretor da Ação Católica Paroquial, da Cruzada Eucarística e da Ação Universitária de Manaus. Radialista, jornalista (formado em 1976 pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero de São Paulo), poeta e escritor, membro da Academia Piracicabana de Letras. Foi o primeiro sacerdote católico nascido em Porangaba. Em junho de 1993, internou-se no Convento da Imaculada Conceição, São Paulo, para tratamento de saúde, transferindo-se depois para Piracicaba, onde faleceu em 10/04/2004. Sepultado no Cemitério Municipal de Porangaba.

Joaquim Miranda da Silva**(Coronel)***Comandante da Guarda Civil do Estado de São Paulo*

Filho de Valêncio Augusto da Silva e Arminda de Almeida Miranda, nasceu em 26/04/1919. Fez o curso primário em Porangaba, onde também estudou música com o maestro Toninho Cristovão, chegando a fazer parte da Banda Santo Antônio. Ainda jovem, chamado à responsabilidade, ajudou o pai nas “lides tropeiras”. Prestou o serviço militar na Unidade do Exército de Itapetininga e seguiu depois para São Paulo, onde, no início, trabalhou como motorista. Ingressou no ano de 1942 na Guarda Civil do Estado de São Paulo, onde, com muita disciplina, estudo e liderança, fez brilhante carreira e alcançou o posto de Chefe Superintendente, o mais alto da corporação. A incorporação da Guarda Civil do Estado de São Paulo pela Polícia Militar, em 1969, não foi obstáculo para continuar sua destacada trajetória e por merecimento atingiu o posto de Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Faleceu em 29/03/1974 na cidade de São Paulo, num acidente automobilístico, sendo sepultado em Porangaba. Foi casado com Júlia Giomo Aranda e deixou filhos.

Roque Soares de Almeida**(Músico)**

*Nasceu em Porangaba em 16/08/1917, filho de Agostinho Fogaça de Almeida e Leopoldina Soares de Almeida. Discípulo de Toninho Cristovão, tocava clarinete, sendo respeitável arranjador e compositor. Começou na Banda Santo Antônio e depois passou à Santa Cecília, onde chegou à regência. Transferiu-se para a cidade de Bofete para reger a banda local e, depois, para Paraguaçu Paulista, com a mesma finalidade. Professor de música, tocava com requinte. Autodidata, dedicou-se também à leitura e era bastante politizado. Ainda em vida, em 1984, pelo trabalho desenvolvido em Paraguaçu Paulista, a banda musical passou a se chamar **Lyra Maestro Roque Soares de Almeida**, através de decreto municipal. Sua composição, o dobrado “Pracinha de Bofete”, para homenagear o pracinha Benedito Araújo, alcançou grande repercussão; obteve o primeiro lugar no concurso musical promovido pela Rádio Bandeirantes (São Paulo), sendo elogiado pelos críticos. Posteriormente, sua composição tornou-se prefixo musical de destacado programa jornalístico de emissora da Capital. Outra obra, a polca “Viva o Comendador Biguá” foi gravada pela Bandinha de Altamiro Carrilho, do Rio de Janeiro. Deixou centenas de composições. Além de músico, foi padeiro. Destacou-se ainda como jogador de*

futebol. Faleceu no dia 03/06/1992, em Paraguaçu Paulista, onde está sepultado. Foi casado com Eunice de Campos Almeida. Deixou filhos.

Cezarino Antunes Correa**(Músico)**

Filho de José Antunes Correa e Maria das Dores Moreira, nasceu no dia 01/01/1914 em Porangaba. Foi um músico admirável, extraordinário. Aluno de Toninho Cristovão, tinha preferência pela requinta, “a tão temida clarinete em mi bemol”, introduzida pelos italianos e que poucos ousavam tocar. Líder, com espírito perfectivo, tocava, ainda, bandolim e cavaquinho com mestria. Foi destacada a sua atuação à frente da Banda Santo Antônio, onde formou um grande número de músicos. Tocou, também, na Banda Santa Cecília. Arranjador e compositor, seresteiro, participou de conjuntos musicais. Chegou a fundar um “jazz-band” independente, o famoso Conjunto “Galho Seco”, que abrilhantava os bailes do antigo Clube 7 de Setembro. Além de músico, foi sapateiro. Infelizmente, deixou de tocar muito cedo. Faleceu em Porangaba em 04/02/1982. Foi casado com Maria José de Campos Correa; deixou filhos.

Persides Pires do Amaral**(Educadora e poetisa)**

Filha de Joaquim Pires de Godoy e de Gertrudes do Amaral Camargo, nasceu no dia 13 de abril de 1913, em Porangaba, no bairro Capuava. Perdeu os pais ainda criança e foi criada por familiares na cidade de Botucatu, onde estudou. Formou-se professora primária pelo Instituto de Educação “Cardoso de Almeida” daquela cidade (1932). Exerceu a função de educadora durante 30 anos, fato que lhe trouxe grande realização pessoal. Lecionou inicialmente na Escola Normal de Santa Cruz do Rio Pardo; a seguir ingressou ao magistério primário e como professora trabalhou nas Fazendas Redenção e Santa Valeriana, em São

Manuel; e nas cidades de Regente Feijó e Paulo de Faria. Afastou-se do magistério por alguns anos e, ao retornar, ingressou novamente por concurso público, sendo nomeada professora da escola estadual de primeiro grau da Fazenda Brasital S/A e, em seguida, da Fazenda Cana Verde, ambas na periferia de Itu. Trabalhou depois no grupo Escolar “Dr. Cesário Mota”, em Itu e na Delegacia de Ensino de Sorocaba; na Escola de Aplicação ao Ar Livre “D. Pedro I, São Paulo e lecionou até o final carreira no Grupo Escolar “Professor Joaquim Luís de Brito”, em Itaberaba, São Paulo. Oriunda de tradicional família evangélica era membro da Catedral Evangélica de São Paulo. Pessoa de grande competência, nas décadas de 50 e 60 do século passado, como escritora didática, escreveu e publicou a coleção de livros didáticos “Ensine com Êxito”, séries Matemática e Geografia, que teve grande aceitação. Como poetisa, publicou em 1996, o livro “Páginas Esparsas”, coletânea de poesias e preces que lega uma mensagem maravilhosa de altruísmo, de religião e de amor. Faleceu em São Paulo em 03 de outubro de 2002, onde está sepultada. Foi casada com Oswaldo Luiz Vagliengo e deixou uma filha, a médica Maria Gertrudes Vagliengo Focássio.

André de Almeida Machado (Músico)

Nasceu em Porangaba no dia 13/10/1918, filho de Benedito de Almeida Machado e Giúlia Antulini. Iniciou o aprendizado musical com Martinho Olímpio da Silva e, depois, com Toninho Cristovão, na Banda Santo Antônio. Excelente instrumentista, compositor, destacou-se no clarinete. Tocou, também, na Banda Santa Cecília. Em Botucatu foi regente da Corporação Musical “Dr. Damiano Pinheiro Machado”, no período de 1968/90. Teve dois irmãos músicos, o inesquecível Carlos de Almeida Machado (Carlino) e Nestor Machado. Além de músico, sempre se dedicou à lavoura. Foi o último maestro da Corporação Musical Santo Antônio. Casado com Leontina Martins Machado, faleceu em Botucatu no dia 31/01/2003. Deixou filhos.

ELIANA FADEL DOMINGUES (Professora, Diretora, Supervisora de Ensino)



- *Nasceu em Porangaba (SP) em 05.11.1942. Seus pais: Elias Fadel Fadel e Laurinda Mairacine Fadel. Faleceu em 22/04/2007 na cidade de São Paulo. Foi sepultada no Cemitério Municipal de Porangaba. Foi casada com Júlio Manoel Domingues. Deixou um filho: Júlio Manoel Domingues Júnior.*

Mulher de caráter marcante e extremamente produtiva em todas as áreas que atuou. Resoluta, querida esposa e mãe dedicada. Herdou do pai árabe a inteligência e a vivacidade, e da mãe, filha de italianos, a graça e a beleza. Orgulhava-se de sua gente que dizia ser a essência de sua firmeza. Mostrava nas suas virtudes o ecletismo e a plasticidade que recebeu de seus ancestrais italianos, do norte da Itália, principalmente da Toscana, daí a beleza e a harmonia exibida em seus trabalhos artísticos, manuais, pois a arte lhe era aptidão inata. Culta, adorava a música, a literatura e os trabalhos artesanais. Foi pedagoga, educadora de alto nível, uma guerreira que construiu a sua própria história e sempre enfrentou as dificuldades com galhardia. Católica, participava de movimentos assistências e de benemerência. Tinha fé, acreditava na vida e, principalmente, em Deus. Adorava a família, os amigos, a terra onde nasceu. Foi uma grande perda e jamais será esquecida. Uma filha ilustre de Porangaba.

Instrução:

- *Curso Primário: G.E.. Capitão Joaquim (Francisco de Miranda (Porangaba,SP) (1950-1953)*
- *Curso Ginásial – Ginásio São Vicente de Paulo – Laranjal Paulista - (1954-1957)*

- *Escola Normal Particular “Madre Hermeta” - (Laranjal Paulista, SP) (1958-1960)*
- *Curso de Aperfeiçoamento: Instituto de Educação : “Barão de Suruí” Tatuí, SP (1962)*
- *Licenciada e Bacharel em Pedagogia – USP – Universidade de São Paulo – (Bolsita) (1966-1969)*
- *Curso de Museologia – Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo – (1971)*
- *Licenciada em Estudos Sociais – Faculdade de Ciências e Letras “Geraldo Rezende”, Suzano, SP (1976)*
- *Curso de Árabe – Centro Cultural Árabe/Síria (1981)*
- *Curso de Inglês – União Cultural Brasil/Estados Unidos (2007)*

Atividade Escolar:

- *Professora Primária Substituta – Bairro de Moqué (Porangaba, SP)*
- *Professora Primária Substituta – Bairro dos Miranda (Porangaba, SP)*
- *Professora Primária Substituta – Bairro dos Ferreira (Porangaba, SP)*
- *Professora Primária Substituta – G. E. João Florêncio (Tatuí,SP)*
- *Professora de Pedagogia e Psicologia – Escola Normal Municipal de Porangaba SP (1963)*
- *Professora Primária Substituta Efetiva do Grupo Escolar de Porangaba, SP (1964)*
- *Aprovada no Concurso de Ingresso ao Magistério Primário (1964)*
- *Ingresso como Professora Primária Efetiva - G.E. Kosuke Endo – Cuiabá Paulista, SP (1964)*
- *Removida para o G.E. de Vila Jaguaribe – Osasco – SP – 1965*
- *Professora de Francês - CEART - Colégio e Escola Normal Estadual “Antônio Raposo Tavares” – Osasco – SP (1965)*
- *Removida para o G.E. do Bairro Pirajussara – 34ª. Delegacia (1969)*
- *Professora da EEPG “Renato Braga” - Vila das Belezas - 17ª. Delegacia da Capital (1976-78)*
- *Ingressa como Diretora – aprovada no Concurso para Provedimento de Cargos de Diretor de Escola (1979)*
- *Diretora do G. E. do Jardim Helena - Taboão da Serra , SP (1979)*
- *Ingressa como Supervisora de Ensino – Delegacia de Ensino de Itapetecica da Serra (1981)*
- *Removida para 14ª. Delegacia da Capital – DRECAP-3 (1983)*
- *Supervisora de Ensino designada para as funções de Supervisor de Equipe de Assistência Técnica da Diretoria do DRHU – da Secretaria da Educação (1983)*

- *Aposenta como Supervisora (1887)*

Martins de Porangaba (Artista plástico)

José Carlos Martins, filho de Felipe Martins e Olívia Alves Martins, nasceu no bairro da Serrinha em 20/04/1944. Mudou-se ainda criança para São Paulo e com seis anos de idade mostrou os primeiros sinais de sua vocação artística ao se interessar por desenho. Começou a pintar em 1962 e, no ano de 1967, ingressou na Associação Paulista de Belas Artes para estudar pintura. Foi aluno de Colette Pujol e conheceu pintores renomados como Mário Zanini e Menacho. Este último foi bastante importante na sua formação artística, sobretudo na pintura de paisagens urbanas e suburbanas da cidade de São Paulo.

A atual fase do trabalho de Martins se expressa em duas técnicas distintas e complementares. Uma delas se caracteriza pela diversificação das texturas e pela pesquisa da cor, linha essa que continua um filão no qual o artista trabalha, há muitos anos, e que o tornou muito conhecido e apreciado, no Brasil e no exterior. A outra técnica, muito recente, retoma seus antigos desenhos e apontamentos em nanquim sobre papel, dando-lhe uma nova dimensão de arte e sutileza. Combinando o uso da tinta nanquim com as cores diluídas da tinta acrílica, essas pinturas expressam o outro lado da arte de Porangaba: o lado recatado, intimista, misto de fluida caligrafia e de manchas polivalentes em tons pastel, contraponto onírico de equilíbrio e harmonia. Essa expressão resulta de pesquisas recentes que se consolidaram durante a participação dele no 11º Workshop Internacional, o qual reuniu artistas dos cinco continentes na grande garage histórica de locomotivas, em Brande, na Dinamarca, em julho de 2002.

Com a variedade de texturas e a pesquisa da cor, trabalhadas com pigmentos vários e tinta acrílica, aplicados sobre tela espessa em pinceladas largas, Porangaba expressa o lado forte, robusto e solto de sua personalidade. O artista intensifica agora a pesquisa formal, sendo as composições daí resultantes ora mais complexas que no passado, ora contrapondo formas livres e figurativas em estruturas mais claras. Todos os trabalhos em questão, em ambas as técnicas, são baseados em estudos sobre o circo realizados por Porangaba em 1987.

*José Neisten, PhD.
Executive Director Brazilian-American Cultural Institute
Washington/São Paulo
Membro da ABCA 2002*

Sua obra está representada em numerosas instituições, como: a Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Centro Cívico de Santo André, Divisão de Museus e Arquivos Históricos de Taubaté, Pinacoteca SANBRA, Pinacoteca Municipal de Piracicaba, Pinacoteca do Brazilian-American Cultural Institute, Spor I Gallery Remisen (Brande-Dinamarca), Forum Distrital de Porangaba, e em coleções particulares no Brasil, Alemanha, China,

Espanha, França, Inglaterra, Panamá, Portugal, Suíça, Estados Unidos, Venezuela e Dinamarca. Com mais de 30 exposições individuais, mais de 50 exposições coletivas, recebeu inúmeros prêmios e destaques. Escreveram sobre a obra de Martins de Porangaba os críticos Dominique Edouard Beachler, Enock Sacramento, Ivo Zanini, Jacob Klintowitz, José Neisten e Waldir Ayala.

Marcelo Florentino Borlina (Capitão do Exército Nacional)



A carreira militar é uma profissão além de nossas fronteiras, uma atividade firmada nos padrões de hierarquia, disciplina, e na disponibilidade permanente de servir a Pátria. Exige formação específica e aperfeiçoamento constante. A seleção é rígida, requer conhecimento, idoneidade e responsabilidade. Os militares formam um corpo seletivo de pessoas qualificadas, que professam valores morais e éticos. Tudo isso envolve patriotismo, dever, lealdade, probidade e coragem. Hoje, para a nossa alegria e, especialmente, à Família Borlina, temos um filho ilustre de Porangaba – o **Capitão Marcelo Florentino Borlina**, que passará para a história da comunidade como o primeiro conterrâneo a ingressar na **AMAN - Academia Militar de Agulhas Negras** – escola com referencial de excelência - das Forças Armadas, que forma oficiais do Exército e Bacharéis em ciências militares. É uma grande honra para todos nós capitalizar o seu sucesso e lhe desejar brilhante carreira que, certamente, já o elegeu como exemplo a ser seguido pelos jovens porangabenses.

Marcelo Florentino Borlina nasceu em Porangaba, SP, em 09/04/1976. Seus pais: Paulo Borlina e Yolanda Florentino Borlina. Fez os estudos iniciais – primário e secundário – na E.E.P.S.G. “Joaquim Francisco de Miranda”, Porangaba, (1983-1990) e o curso colegial (1º e 2º ano, no Colégio Objetivo de Tatuí, SP. Em 1992 foi aprovado no concurso nacional de admissão para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército, Campinas, SP e em 1993, como aluno, concluiu o curso colegial. Em 1994 continuou os estudos na AMAN – Academia Militar

das Agulhas Negras, em Rezende, RJ, e recebeu o título de Cadete do Exército. Em 1997 concluiu a sua formação na AMAN como Bacharel em Ciências Militares da Arma de Engenharia, sendo declarado Aspirante a Oficial. No período de 1998 a 1999 trabalhou no 6º Batalhão de Engenharia de Construção em Boa Vista, RR, na conclusão do asfaltamento da BR 174 – (Manaus – Boa Vista) e nas obras do aeródromo do BV8 (Paracaima, RR, fronteira com a Venezuela). Especializou-se em Operações na Selva, na área de combate, e participou de treinamentos na fronteira amazônica, inclusive da missão de reconhecimento para a ajuda humanitária à região de Maiquetia, Venezuela, em decorrência da catástrofe ocorrida em dezembro de 1999. Foi promovido a 2º Tenente em agosto de 1998 e a 1º Tenente em dezembro de 1999. Trabalhou, no período de 2000 a 2002, no 1º Grupamento de Engenharia de Construção em João Pessoa, PB, na fiscalização da distribuição de água às regiões carentes e no apoio às obras de construção dos Batalhões de Engenharia de Construção do Nordeste. No ano de 2003 especializou-se como Instrutor de Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército, Rio de Janeiro, RJ, e em dezembro do mesmo ano foi promovido ao posto de Capitão. Durante o ano de 2004 foi instrutor de treinamento físico militar na Escola de Instrução Especializada no Rio de Janeiro e iniciou os estudos no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Em 2005, foi aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), no Rio de Janeiro, e recebeu o título de Mestre em Operações Militares. Retornou em 2006 à região amazônica para o 8º Batalhão de Engenharia de Construção, em Santarém, PA, participando do gerenciamento de obras para melhorar o tráfego em importantes rodovias nacionais como a BR 163 (Santarém – Cuiabá) e BR 316 (Maranhão). Convocado pelo Ministério da Defesa, atualmente faz parte da Missão de Assistência para a Remoção de Minas na América Central, Nicarágua, com retorno previsto para outubro de 2008.

Therezinha de Oliveira Pinto (Artista plástica)

Nasceu em Porangaba no dia 03/02/1932, filha de Aparício de Oliveira Pinto e Armelina Maria Correa de Oliveira. Fez seus estudos básicos no Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda” (Porangaba) e no Instituto de Educação Barão de Suruí (Tatuí). Iniciou os estudos artísticos com a professora Maria José Bertin Alegre, ingressando, em seguida, na Faculdade de Educação Artística de Tatuí, onde concluiu sua formação acadêmica.

Estudou pintura em tela na Escola Industrial Salles Gomes de Tatuí. Foi aluna de Maurício de Oliveira Lima (linha concretista), dos Irmãos Marmo (fundamentos de desenho) e de Sônia Castro (pintura moderna). Estudou também desenho e pintura (giz pastel) no ateliê de Carlos Augusto Cardoso (Sorocaba). Ingressou na Associação Paulista de Belas Artes, em São Paulo, onde estudou desenho e pintura (linha acadêmica), e foi aluna de Colette Pujol. Estudou aquarela com Carlos Cabral, no Museu Lazar Segal e, também, desenho psicodinâmico-motor. Foi aluna de Magda Petroff (São Paulo) e estudou aquarela, mais na linha acadêmica. Estudou aquarela e acrílico, no curso de arte moderna, com o professor Carlos Zeminian (São Paulo). Além de pintar e participar de exposições, dedica-se ao ensino de desenho e pintura, mantendo o seu próprio estúdio e escola em Tatuí. Auto se define como errante, transitando pelas mais variadas nuances do ecletismo, sem, ainda, um estilo definido, marcante, mas mostra a disposição de adotar o que prefere e lhe agrada diante das diversas linhas pictóricas, sem a preocupação de escola ou idéia.

Exposições:

Tatuí – SP - Casa da Cultura, Banco do Brasil, Biblioteca Municipal, CATI-SESI;

São Paulo - Faculdade Santa Marcelina, Clube Espéria, Câmara Municipal, Assembléia Legislativa;

Marabá - Pará - Hotel Del Príncipe;

Campo Grande - Mato Grosso do Sul - STARTE, Galeria de Arte;

Cuiabá - Mato Grosso - STYLU, Galeria de Arte;

Suzano - SP - Prefeitura Municipal;

Agen - França - Galerie Costes Cité Leon Blum;

Miami - USA, Coral Arti Galeria;

Cusco - Perú - Salão Inca.

Premiações

Menção honrosa:

Galeria Momento D' Arte, Goiânia, Goiás;

Galeria Livorno, Exposição UNIONE, Sardenha, Itália;

Exposição "Dream Art Show" - Dania - Florida, USA;

Medalha de bronze:

Secretaria de Esportes e Turismo, São Paulo;

Centro Cultural José Martí, Cidade do México, México;

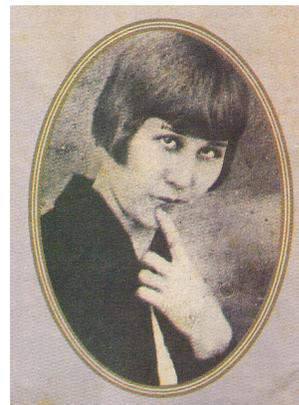
Medalha de prata

KOGER Executive Center, Miami, USA;

Medalha de ouro

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí.

Georgina Ayres Bernardi (Atriz, jornalista e radialista)



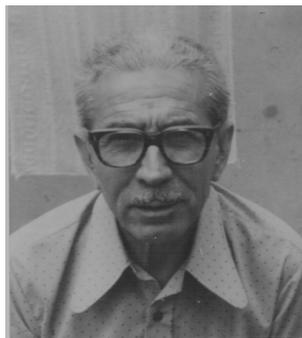
Filha de José Justino Ayres e Maria Umbelina de Arruda, nasceu em Porangaba em 1905. Viveu em Tatuí e Sorocaba. Auto se definia como idealista, feminista e oposicionista. Foi a primeira atriz sorocabana, a primeira repórter radiofônica e a primeira mulher a desbancar a hegemonia masculina no campo político partidário. Sua vida foi marcada por muita persistência, uma série de vitórias sobre os tabus e preconceitos que atingiam as mulheres. O seu primeiro emprego foi na Fábrica Scarpa, no período noturno, pois durante o dia estudava no Externato Daniel Verano. Como professora leiga lecionou no bairro Ituvuvú. Trabalhou, também, na Companhia Telefônica e na Laranjim Suprema. Iniciou no teatro no Grupo do Teatro São Luiz, liderado por Avelino Argento e, depois transferiu-se para o Grupo Vicenta, dirigido por João Adade. Foi radioatriz na PRD.7, Rádio Difusora de Sorocaba, quando a radionovela virou moda. No ano de 1929, ainda ligada ao rádio, ingressou no jornal "Cruzeiro do Sul" e, durante a revolução constitucionalista de 1932, tornou-se a primeira repórter feminina do jornal e da cidade. Casou-se com o jornalista Luiz Caetano Bernardi e passou a residir em Votorantim, onde se dedicou mais a filantropia e deixou a carreira artística. Foi presidente da L.B.A - Legião Brasileira de Assistência e uma grande ativista na campanha de emancipação daquele distrito, na década de 60. Cognominada a Primeira Dama do Teatro Sorocabano, faleceu em 18/08/1994.

(Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, 11/04/94 - Rita Bragato e Marinaldo Cruz)

Aldo Angelini
(Comerciante, músico)

Filho de Luiz Angelini e Rosa Cassetari, nasceu em 27/11/1914. Fez o curso primário em nossa cidade e complementou os estudos na Escola de Comércio de Itapetininga. Desde cedo dedicou-se ao comércio, trabalhando ao lado do pai, e manteve também durante muitos anos uma pequena empresa de torrefação de café que comercializava o famoso “Café Angelini”. Pessoa de elevado caráter, educado, caracterizava-se pelo respeito e consideração que dedicava indistintamente a todos. Autodidata, músico, seresteiro, ator amador, destacou-se também na política, sendo vereador e presidente da Câmara Municipal por diversas gestões. Na parte social, foi diretor da Banda Santo Antônio, presidente do Clube Recreativo 21 de Abril e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba. Foi casado com Maria Amália Miranda Angelini e faleceu, prematuramente, aos 43 anos de idade, no dia 10/04/1957; uma perda lamentável para nossa comunidade. Deixou filhos, dentre os quais o estimado e querido padre Ernani Angelini. A Escola Estadual de 1º e 2º Grau de Porangaba recebeu o seu nome, como homenagem póstuma, pelos relevantes serviços prestados ao município de Porangaba.

Onozor Pinto da Silva
(Poeta, músico e artesão)



Filho de Clemêncio Pinto da Silva e Alexandrina da Silva, nasceu em 13/04/1918. Começou a trabalhar cedo; foi pedreiro, padeiro, mas se destacou como carpinteiro. Fez somente o curso primário, mas, autodidata, estudou os princípios básicos da filosofia, religião e política. Romântico e de sensibilidade impar, mostrou logo tendência para a

música e poesia. Músico, foi discípulo de Antônio de Oliveira Pinto e tocou na Banda Santo Antônio. Desde cedo, começou a escrever os primeiros versos dedicados à vida da cidade, cantando os costumes e

o cotidiano do povo porangabense. Pode ser classificado como o primeiro poeta autêntico que louvou os tropeiros, carreiros, carroceiros, as festas tradicionais, as alegrias e tristezas, os aspectos urbanos e rurais e, especialmente, a beleza da mulher porangabense. Nostálgico, mostrou com brilhantismo inigualável o romantismo do nosso povo. As duas obras que publicou constituem um extraordinário legado cultural. Casado com Eugênia Correa da Silva, faleceu em Tatuí no dia 18/07/1996; deixou filhos. Obras: “Orvalhos e Granizos de Minh’ Alma” (1979), e “Enquanto um Poeta existir, o amor não morrerá” (1991).

Antônio Valêncio de Oliveira
(Padre)

Filho de Marcílio José de Oliveira e Olímpia da Silva Oliveira, nasceu em 11/08/1935. Fez os seus primeiros estudos na terra natal e, ainda menino, em 1950, ingressou no Seminário Menor São Carlos Borromeu de Sorocaba. Estudou filosofia em Viamão (RS) e concluiu seus estudos em São Paulo. Ordenou-se sacerdote em 08/12/1963 e, no início de 1964, assumiu como coadjutor na paróquia de Angatuba. Trabalhou como pároco até 1969, época em que construiu o Salão Paroquial, hoje Centro Comunitário, com a participação e trabalho voluntário do povo. Em 1969 deixou o sacerdócio e constituiu a sua família, mas, como leigo, jamais abandonou o espírito de cristão, sua inabalável fé em Deus e o amor ao próximo. Continuou seus estudos e dedicou-se ao magistério secundário. Lecionou filosofia e literatura nas faculdades de Itapetininga e Tatuí. Foi vereador na Câmara Municipal de Angatuba de 1977/82, sendo o presidente da edilidade por duas vezes. Fundou o jornal “A Verdade” naquela cidade, fechado durante a ditadura militar. Dotado de grande cultura pela sua formação humanista, sobretudo em filosofia, tinha o dom da palavra, destacando-se pela eloquência, fluência e clareza – o maior orador porangabense. Faleceu em 18/02/1997 na cidade de Sorocaba, sendo sepultado no cemitério de Angatuba. Tinha 61 anos de idade.

Urbano de Miranda
(Advogado e economista)

Nasceu em Porangaba no dia 25/05/1922. Seus pais: Domingos Manoel de Miranda e Elisa de Jesus Miranda. Fez os estudos iniciais na sua terra natal e, depois, no Ginásio do Estado (Tatuí), no Colégio Diocesano (Botucatu) e na Escola Técnica de Comércio “30 de Outubro” (São Paulo). Formou-se advogado pela Faculdade de Direito da Pontifícia

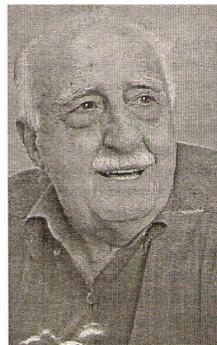
Universidade Católica de São Paulo. Em 1946 ingressou na CEF – Caixa Econômica Federal, na cidade de Santos e em 1947 já prestava serviços na Contadoria em São Paulo. Trabalhou em Ribeirão Preto e Santo André e em 1964 assumiu a Chefia da Inspetoria de Agências (São Paulo e Interior), onde permaneceu até 1969. Em 1970, com a unificação das Caixas Econômicas Federais do Brasil, assumiu a Gerência Geral da Filial da CEF em Pernambuco e em 1975 transferiu-se para a Filial de Sergipe, onde permaneceu até se aposentar. Pessoa íntegra, marcou seu nome na empresa pela competência e dedicação. Fez brilhante carreira. Membro da OAB – São Paulo, da Associação dos Economistas do Brasil. Com formação cristã e de elevado espírito humanitário, participou ativamente de movimentos beneficentes em Tatuí e Porangaba. Faleceu em Campinas em 09.07.2004, sendo sepultado naquela cidade. Foi casado com dona Celina Maria Alba Celani de Miranda; deixou filhos e netos.

Iracema Isabel Biagioni (Professora)

Filha de Luiz Biagioni e Maria Bechelli Biagioni, foi a professora municipal que mais se destacou em toda história educacional do município. Trabalhou por mais de trinta anos na zona rural. Mostrou vocação inata, precoce, para ensinar, e aos treze anos, incentivada pelo professor Nicanor de Arruda, diretor das Escolas Agrupadas de Porangaba, montou uma sala de aula na casa de seus pais, onde brincava de “dar aula” com as crianças mais jovens. Desenhava-se aí uma brilhante carreira, exercida com dedicação e amor. Lecionou, no início, na escola do bairro da Serrinha, como substituta. Foi, depois, estudar na Escola Normal de Tietê, mas, por motivo de saúde, não concluiu o curso. Autodidata, iniciou, então a carreira de educadora na área municipal, trabalho onde ganhou o respeito de todos pela competência. Na gestão do prefeito Joaquim da Costa Machado (1934) trabalhou na escola do bairro dos Generoso. Transferiu-se, em seguida, no ano de 1935, para a escola do bairro da Serrinha; ali permaneceu por sete anos. Trabalhou, depois, nas seguintes escolas: Fazenda São Martinho, Fogaça, na escola municipal da cidade, no bairro do Rio Bonito, retornando, daí, novamente para a Serrinha, onde permaneceu até sua aposentadoria. É tida como uma das melhores mestras na história escolar local, com métodos pedagógicos bastante avançados à época, introduzidos nas unidades rurais por onde passou, praticamente sem recursos, mostrando a sua criatividade e iniciativa. Gostava de alfabetizar,

optando pelo 1º, 2º e 3º anos e, dentre as atividades paralelas, mantinha, com a ativa participação dos alunos, jornal semanal, horta e até uma pequena farmácia. Solteira, faleceu em Porangaba no dia 04/09/1998.

Vasco Basso (Advogado e jornalista) *Uma vida em defesa de seus ideais.*



Natural de Porangaba – SP, filho de Eduardo Basso e Antinesca Tavante Basso, nasceu no ano de 1919. Viveu seus primeiros anos na cidade de Conchas, onde seu pai teve estabelecimento comercial. Depois, com apenas 4 anos de idade, mudou-se para a Itália, onde a família permaneceu por cinco anos. Ao retornar ao Brasil em 1928, a família fixou-se novamente em Conchas e, em 1933, mudou-se para Botucatu. Embora tivesse feito quase todo ensino fundamental na Itália, foi matriculado no curso secundário do Colégio Diocesano e, após a conclusão, mudou-se para São Paulo para dar continuidade aos estudos. Trabalhou como revisor num jornal da Capital, fez o curso pré-jurídico no Colégio Rio Branco. Depois, passou a trabalhar na APISP – Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, onde conheceu jornalistas famosos como Assis Chateaubriant, Monteiro Lobato e Manoel Deodoro Pinheiro Machado. Em seguida, ingressou no serviço público através de concurso e começou a trabalhar no IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes. Em 1946 retornou para Botucatu para trabalhar como Fiscal da Previdência Social. Ingressou na política influenciado pelo “janismo”. Foi vereador em Botucatu durante 13 anos e ainda Presidente da Câmara Municipal nos anos de 1958 e 1960. Deputado Suplente pela ARENA – na 6ª. Legislatura - Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo – 1967/1971. Como Presidente da 25ª. Sub-Secção da OAB – Botucatu, instalou a 4ª. Vara da Comarca; criou e instalou o Juizado de Pequenas Causas Estaduais; criou a Vara Federal e a 5ª. Vara Civil. Pessoa de elevado caráter, profissional competente, dedicado chefe de família,

participou sempre dos movimentos sociais da comunidade, “foi peça ativa em vários setores da sociedade e contribuiu, em especial, com o Poder Judiciário”.

(Fone Diário da Serra; Ed. nº 2312 – dez/2003 – Leandro Rocha)

Frei José de Oliveira (Capuchinho)



*Antes, era o jovem **Frei Acácio Maria de Porangaba**, nome adotado com base nos costumes das antigas ordens religiosas e que usou durante 22 anos, desde que vestiu o hábito, mas, hoje, é o respeitável senhor **Frei José de Oliveira**. Por que? Na verdade trata-se da opção franqueada pela Congregação dos Franciscanos Capuchinhos e que permite ao frade usar o seu nome civil e de batismo para honrar a família, daí a mudança feita em 1968. Frei José descende de tradicionais famílias católicas porangabenses, pioneiras, e seguiu a carreira religiosa por vocação. Primo de Frei Timóteo Maria de Porangaba, trata-se de um homem de elevado caráter, carismático, competente e que sempre se comportou de maneira simples e modestamente – as qualidades próprias dos escolhidos. Sua atuação em todo tempo foi exemplar, pela renúncia, humildade e persistência na fé. Pelo amor dedicado ao próximo, por onde passou, é lembrado com saudades e muito respeito.*

Nasceu em Porangaba, SP, no dia 05/12/1928. Seus pais: Raymundo Tomé de Oliveira e Olívia Cuba de Oliveira. Foi batizado em 16/12/1928 e crismado em 09 de março de 1930 por D. José Carlos Aguirre, bispo de Sorocaba. Fez a primeira comunhão na terra natal e os primeiros estudos no bairro do Rio Bonito. Em 09/03/1939 entrou para o Seminário Seráfico São Fidelis de Piracicaba. Vestiu o hábito em 12/01/1946 no Convento de Santa Clara de

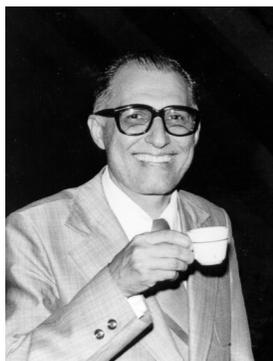
Taubaté. No noviciado, foi seu mestre Frei Epifânio Menegazzo. Ainda em Taubaté, em 21/01/1947 emitiu os primeiros votos perante Frei Felicíssimo de Prada. No Convento São José de Mococa, em 21/01/1950, fez os votos perpétuos nas mãos de Frei Marcos Brevi. Ali, estudou filosofia nos anos de 1947/1948 e 1949 e no Convento de São Paulo estudos teologia nos anos de 1950 a 1953. Recebeu a primeira tonsura de D. Antonio Alves de Siqueira, bispo auxiliar de São Paulo, em 03/06/1950. Ali, em 23/12/1950, recebeu também o ostiariato e o leitorato de D. Paulo Roleim Loureiro, bispo auxiliar de São Paulo. O exorcisato e o acolinato de D. Antonio Alves de Siqueira, em 23/12/1950. Recebeu o subdiaconato em 20/09/1952, o diaconato em 20/12/1952 e presbiterato em 22/02/1953, de D. Paulo Rolim Loureiro. Concluído os estudos, em agosto de 1953, foi para Roma onde licenciou-se em História Eclesiástica na Pontifícia Universidade Gregoriana em junho de 1956. Retornando à Província lecionou História da Igreja para mais da metade dos frades da Província, que estiveram sob seus cuidados nos últimos anos que precederam as suas ordenações. Foi guardião, superior e pároco em várias fraternidades da Província e, por duas vezes, Definidor Provincial. Já fez o Jubileu de Ouro de sacerdócio, comemoração feita com grande alegria por toda Província e, principalmente, pelos seus alunos. Atualmente é o Vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em Cândido Mota, SP, Diocese de Assis.

José Carlos de Arruda (Carlão) Vereador e Prefeito Municipal de Rio Grande da Serra (Grande São Paulo)

Filho de Francisco Antônio de Arruda e Lázara Maria de Jesus, nasceu em Porangaba, no bairro da Serrinha. Fez o curso primário em sua terra natal e, em seguida, mudou-se para São Paulo para trabalhar e estudar. Fixou-se em Rio Grande da Serra, na região do ABCD, onde trabalhou no comércio e, paralelamente, exerceu as funções de juiz de paz. Bastante popular, ingressou na política (PRP), sendo eleito vereador por duas gestões, vice-prefeito e em 17/03/1997, em virtude do falecimento do prefeito Aparecido Benedito Franco (Cido Franco), assumiu a chefia do Executivo. Vinha desenvolvendo eficiente trabalho administrativo, mas por motivos políticos, não esclarecidos até hoje, foi barbaramente assassinado em 31/03/98. Houve grande comoção e revolta, mas, infelizmente, venceu o desmando e a impunidade. Um lamentável acontecimento na história do município. Foi

sepultado no cemitério de Rio Grande da Serra. Casado com Marlene Sanchez Arruda, deixou 4 filhas.

Abel do Amaral Camargo (Pastor evangélico)



Filho de Marcílio do Amaral Camargo e Jesaias Pires de Camargo, nasceu em Porangaba no dia 09/09/1925. Fez os estudos iniciais em sua terra natal e, depois ordenou-se pastor pela Igreja Presbiteriana Independente. Na década de 60, no auge do avivamento espiritual que se instaurou no meio presbiteriano, teve importante atuação na fundação da IPRB – Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, em cuja organização foi o 1º. Presidente. Conservando na essência a teologia e a forma de governo das presbiterianas, a IPRB cresceu muito e, hoje (2000), sediada em Arapongas – Pr, possui 29 presbitérios, 75.770 membros, 287 igrejas e 538 pastores. Faleceu em Assis – SP, no dia 22/09/1995, onde está sepultado. Foi casado com Jaci de Almeida Camargo. Deixou filhos.

Luiz Antunes da Rosa (Artista, cururueiro)

Conhecido como Luizinho Rosa, filho de José Antunes da Rosa e Benedita da Conceição, nasceu em 22/11/1927, no bairro da Serrinha, no sítio de Nhana Serafim, sua tia avó. Desde cedo, ainda menino, descobriu que sabia cantar desafios e fazer versos e rimas. Começava, então, a brilhante carreira do nosso maior cururueiro, com mais de 1800 apresentações, iniciada em sítios e fazendas, passando por praças e teatros, culminando com o rádio e a televisão, divulgando o “cururu” praticamente em todo território paulista e alguns estados brasileiros. Ainda jovem passou a fazer parte do seletto grupo dos grandes cantadores piracicabanos, quando enfrentou João Davi, em 1946, de igual para igual, na cidade de Cesário

Lange, e se apresentou com esmero, sendo elogiado e aprovado pelo mestre. Profissionalizou-se, regularizou a sua profissão e se filiou à Ordem dos Músicos. Compositor e empresário, gravou discos e CDs e embora tenha se aposentado em 1988, continua trabalhando, estudando e se apresentando em eventos da Igreja Evangélica, da qual faz parte. Recentemente, esteve na Terra Santa, realizando o sonho que parecia inatingível, visitando os lugares sagrados e rememorando as passagens bíblicas, tão comuns nas suas cantorias e na sua formação religiosa. Ao passar pelo Egito, apresentou-se publicamente na cidade do Cairo, onde teve a alegria de cantar temas de cururu relacionados às figuras bíblicas de José e Moisés, uma honra para o cururueiro porangabense, certamente o único dos cantadores brasileiros a conseguir tal proeza.

Maestro Pingo (Músico)

Lázaro Nogueira da Silva (**Maestro Pingo**), filho de João Paulino da Silva e Bernadete Nogueira, nasceu em Porangaba em 26/08/1935. Após os estudos básicos, iniciou na música com o seu próprio pai, aprendendo a tocar clarinete e rufo. Depois, continuou o aprendizado com Toninho Cristovão. Com o tempo tornou-se exímio saxofonista e fez parte de orquestras dançantes, como: Tro-Lo-Ló (Tatuí), Pan América (Itapetininga), Irmãos Cavaleiro (Sorocaba), Continental (Jaú), Orquestra do Adolar (São Paulo) e Sambrasil (Salto de Itu). Chegou a manter a sua própria orquestra. Como músico de banda, iniciou na Santa Antônio e foi maestro de Santa Cecília, onde conquistou o tri-campeonato estadual de bandas, consecutivamente, nos anos de 1964, 1965 e 1966.



Maestro Pingo com o Presidente da República Emílio Médici e esposa

Formou muitos instrumentistas através da “escolinha de música para jovens”, mas o maior destaque de sua carreira foi a criação da

“Bandinha do Pingo”, o maior evento musical de Porangaba em todos os tempos, o coroamento e reconhecimento do mestre musical e da escola porangabense de música, quando nosso município tornou-se detentor da melhor banda de jovens do Estado de São Paulo. Atualmente, é professor no Conservatório Dramático e Musical “Carlos de Campos” (Tatuí), onde ensina clarinete e saxofone, e toca na Big Band – Sam Jazz.

Ivo Mendes
(Advogado, escultor e músico)



Filho de Mário Mendes e Lina de Bonis Mendes, nasceu em Porangaba no dia 26/04/1937. Fez o curso primário em sua terra natal e, depois, mudou-se para Tatuí, onde continuou os estudos e participou, ativamente, de movimentos estudantis; foi presidente da União Tatuiana dos Estudantes (1958) e diretor responsável do jornal “A Voz da UTE”. Formou-se advogado. Com vocação às artes, aprendeu música, ainda em Porangaba, com o maestro Cezarino Antunes Correa, destacando-se, logo cedo, como trompetista. Fez parte da Banda Santo Antônio. Tocou também nas orquestras Troló-ló (Tatuí), Carlos Eli (Capital) e na famosa orquestra Continental (Jaú); participou, ainda, dos Conjuntos de Mário Edson e os “Tatuís”. Deixou de tocar muito cedo, passando a exercer com destaque a advocacia. Complementando os seus dotes artísticos, além da poesia, dedica-se à escultura, sendo os seus trabalhos em argila de extraordinária beleza. Reside em Tatuí, onde participa ativamente, de uma série de projetos sócio-culturais e programas filantrópicos.

“Personagem de bons ofícios, advogado, escritor, esotérico, escultor, músico, poeta. Advogado de causas nobres perdidas, esquecidas. Imbuído no sentido de servir à justiça, atento, desperto na verdade do ser humano em sua dignidade. Um homem arrojado, dinâmico, simpático, generoso, trabalhador e briguento. Pois é, um homem, um grande homem que mora em um soft, com simplicidade chic dos que vivem em paz.” Cristina Siqueira – poetisa – “O Progresso de Tatuí” – 1996

Eli do Amaral Camargo
(Pastor evangélico)

Filho de Juventino do Amaral Camargo e Isolina do Amaral Camargo, nasceu em Porangaba no ano de 1917. Ordenou-se pastor e dentre as diversas localidades, onde exerceu o pastorado, incluiu-se a sua própria terra natal. Faleceu em 13/12/2000 na cidade de Londrina. Foi casado com Alice Pereira do Amaral, destacada líder da Confederação Nacional e da Antiga Junta de Missões Deixou filhos.

Pedro Nogueira Filho
(Músico)

Nasceu em Porangaba no dia 16/09/1924, filho de Pedro Domingues Nogueira e Maria José Miranda Nogueira. Aprendeu música com Toninho Cristovão e fez parte da Banda Santo Antônio. Mudou-se para Sorocaba, onde tocou por algum tempo em orquestra dançante. Seguiu, depois, para São Paulo, onde continuou atuando em casas noturnas e tornou-se conhecido no meio musical pelas excelentes qualidades de instrumentista. Fez parte do conjunto do maestro carioca Francisco Sérgio em excursão pela Europa e permaneceu na Itália por mais de um ano. Ao retornar, fixou-se no Rio de Janeiro, onde estudou e trabalhou com os grandes músicos e maestros da época e tocou, também, nas principais orquestras cariocas. Procurou sua estabilidade profissional e ingressou na Rádio Mairinque Veiga, passando depois para a **Rádio Nacional** do Rio de Janeiro, então a mais importante emissora brasileira. Permaneceu alguns anos e, depois, transferiu-se para a Rádio Ministério da Educação, onde participou, também, da Orquestra Sinfônica. Aposentou-se, mas continuou trabalhando e a sua última apresentação foi em 1992, em Barcelona, na Espanha, durante os Jogos Olímpicos. Amante de música clássica, tocava também piano, mas destacou-se no “sax-alto” e clarinete. Arranjador e compositor. Faleceu no dia 18/10/1994, na cidade do Rio de Janeiro, sendo sepultado em Porangaba. Foi casado com Marta dos Reis. Deixou filhos.

José César
(Vereador, Presidente da Câmara Municipal de Tatuí)

Nasceu em Porangaba em 19 de dezembro de 1929, no bairro dos Ferreira; filho de Joaquim César e Eliza Pinto da Silveira. Seus pais mudaram-se para Tatuí quando ele tinha apenas 6 anos de idade. Ali, fez o curso primário no Grupo Escolar João Florêncio. Ingressou, depois, na Polícia Militar do

Estão de São Paulo, onde permaneceu por pouco tempo. Tornou-se, então, empresário do ramo imobiliário, pois segundo suas próprias palavras:

- *"... até 1970 Tatuí era uma cidade estagnada e sentido a necessidade da população em ter a sua moradia, passei a investir em inúmeros loteamentos populares. Particpei de diversos empreendimentos: Parque Santa Maria, Dr. Laurindo, Jardim Palmira, Vila Angélica, Jardim Ternura, Jardim Lucila, Jardim Paulista, Jardim Junqueira, Colina das Estrelas, etc. "*



José César foi eleito vereador em 1980, pelo MDB, com 437 votos. Asumiu a presidência da Edilidade Tatuiana em 1981/1982. É diretor da Cezar – Empreedimentos Imobiliários e Contrutora Ltda. Casado com Zoraide Mota César, tem três filhos.

Fernando José Chierici – (Sindicalista)

O exemplo de vida legado pelos imigrantes floresceu por aqui, sendo assimilado e praticado pelos descendentes.

*Nasceu no bairro dos Ferreira em 02/08/1940, filho de Narciso Gabriel Chierici e Elvira Maria da Conceição; neto do italiano Aquiles Chierici. Após o término do curso primário, começou a trabalhar na lavoura e, em seguida, mudou-se para Osasco, onde empregou-se na indústria. A empresa empregadora tinha o mineral amianto como matéria prima básica, fato que alterou profundamente sua vida. Exposto ao amianto durante anos, contraiu a doença **asbestose** e, ciente da gravidade e do perigo que o produto representava aos seres humanos, passou a se dedicar à causa e lutar pelos operários. Dedicou-se inteiramente ao movimento e foi eleito o primeiro presidente da ABREA – Associação Brasileira dos Expostos de Amianto, uma entidade sem fins lucrativos e composta inicialmente de extrabalhadores doentes, filiada a BAN ASBESTOS NETWORK (Rede Mundial Ban Asbestos). A entidade passou a esclarecer a população exposta, divulgar os riscos do amianto e cadastrar as*

peças para exames médicos em centros especializados para propor ações de indenização para as vítimas e lutar para a proibição do mineral, pois os empresários, mesmo conhecendo os riscos e a nocividade do produto, nada faziam para proteger os empregados, os moradores das cidades e os vizinhos das fábricas. Com uma gestão louvável e o apoio maciço dos sindicatos de Osasco e região, a entidade passou a ter respeitabilidade. Coroando o trabalho desenvolvido no nosso país, integrado na luta que se trava mundialmente, foi realizado em Osasco, no período de 17 a 20/09/2000, o Congresso Mundial do Amianto (Global Asbestos Congress), com a participação de delegações de 40 países, promovido pela ABREA, Ban Asbestos Network e IBAS-Inter.Ban Asbestos Secretariat, sob o patrocínio da municipalidade local. Os resultados foram imediatos e, hoje, o uso do amianto está, praticamente, proibido em todo território nacional. Infelizmente, o seu estado de saúde agravou-se nos últimos anos e, lamentavelmente, faleceu em 01/10/2003, em São Paulo, sendo sepultado na cidade de Tatuí. Foi casado com Maria Carmelina de Souza Chierici e deixou uma filha.

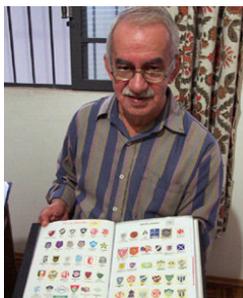


No Congresso realizado em Osasco (2000), ao ser homenageado pelo representante da África do Sul

Francisco de Souza Bueno (Pacheco) – (Músico)

Nasceu em Porangaba, no bairro dos Ferreira, mas desde a infância morou em Tatuí, onde fez seus estudos iniciais. Autodidata, não teve oportunidade de estudar música no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, pois mudou-se para São Paulo quando a escola estava começando suas atividades. Na Capital estudou no Villa-Lobos e tocou com artistas e músicos famosos. Participou do grupo “Caco Velho”, cujo fundador foi um dos grandes sambistas paulistas. Instrumentista excepcional, especialista em instrumentos de corda, dedicou-se ao cavaquinho, trabalhando sempre em

São Paulo, onde ainda é lembrado e respeitado profissionalmente. Aposentado, tem como passatempo favorito a coleção de mais de 4000 distintivos de clubes futebol, o que mostra a sua paixão pelo esporte. O apelido Pacheco herdou justamente nos dos campos de futebol, onde chegou a participar em 1951 do primeiro clube patrocinado daquela cidade - o Clube Atlético Santa Rita. Casado, vive em Tatuí.



Fonte- O Progresso de Tatuí – 21/07/2002

José Carlos Ramos (Músico)

Filho de Hermenegildo Soares Ramos e Leontina Machado Ramos, nasceu em Porangaba. Saxofonista, flautista, arranjador e compositor, já fez parte das bandas de Caetano Veloso, Djavan, Gilberto Gil, Hermeto Paschoal, Egberto Gismonte e outros. Como compositor ultrapassou fronteiras, sendo seu trabalho conhecido internacionalmente. Tocou no Conjunto “Barão Vermelho” e a sua composição **Porangaba** faz parte do CD “Streetangels”, que esteve na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, segundo a “Downbeat”, a bíblia do jazz, cuja renda foi revertida para os meninos de rua do Brasil. Faz sucesso na noite carioca com a banda “General Swing”, um grupo que mistura ritmos em suas próprias composições, mais clássicos dos jazz e da MPB. Vive e trabalha, atualmente, no Rio de Janeiro. Casado, tem filhos.

Domingos Luiz Machado (Músico)

Porangabense, filho de João Luiz Machado (João Neto) e Elisa Dias Siqueira (Elisa Neto). Fez o curso primário na terra natal e mudou-se depois para Sorocaba, onde descobriu sua paixão pelo violão. Como instrumentista, foi convidado pelo músico Roque de Souza para se apresentar na PRD.7 - Rádio Clube de Sorocaba. Seguiu para

São Paulo, onde estudou guitarra com o professor Cadamo e ingressou na Rádio Piratininga. Mudou-se para Curitiba, onde trabalhou como músico e professor, apresentando-se, também na Rádio Cambará. Em Porto Alegre, apresentou-se na Rádio Gaúcha e tocou com o famoso acordeonista Breno Sawyer. Em 1955 retornou a São Paulo e trabalhou nas rádios Tupi e Gazeta, já como profissional. Em 1966, como integrante de um conjunto musical, fez sua primeira excursão internacional à Europa, tocando em diversos países. Em 1968, integrando o Conjunto “Brasiliana” de Múcio Askanasky, retornou à Europa, onde ficou por três anos. Apresentou-se, também, em países da África, Ásia e Oceania. Em 1973, retornou para São Paulo, onde tocou em casas dançantes, orquestras e gravações. Fixou-se, depois, no Rio de Janeiro e fez parte da famosa Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. Músico de renome, é tido como um dos mais importantes guitarristas brasileiros. Arranjador e compositor. Faleceu na cidade de São Paulo em 2008.

Francisco Rodrigues Correa (Quico)

Prefeito Municipal de Salesópolis, cidade conhecida por sediar a nascente do Rio Tietê.

Filho de Domingos da Cruz São Pedro e Georgina Rodrigues Correa, nasceu em Porangaba. Fez o curso primário no G.E. Joaquim Francisco de Miranda. Começou a trabalhar muito cedo e, depois de passar pelo Estado de Mato Grosso, mudou-se para Salesópolis, onde exerceu inúmeras funções; foi trabalhador braçal, motorista, trabalhou na Junta Militar e no Cemitério Municipal. Formou-se em Direito pela Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes. Gozando de grande popularidade, pelo elevado espírito de solidariedade, procurando sempre ajudar a população carente, elegeu-se vereador por duas legislaturas. Na segunda tentativa para eleger-se prefeito municipal, como terceira força, venceu adversários políticos tradicionais de Salesópolis, pois o povo clamava por mudanças. Católico, ligado ao movimento carismático, é dotado de veia poética invejável e amante da música sertaneja.

Olavo Nogueira – (Rotariano)

Governador Distrital do Rotary Club Internacional

O Rotary Internacional é o único órgão não estatal que faz parte da Organização das Nações Unidas (ONU). Fundado em 23 de fevereiro de 1905, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, conta atualmente com mais de 1,3 milhão de filiados espalhados em mais de 28 mil clubes em todo mundo. É um clube apolítico, aberto às pessoas de todas as

raças, culturas e religiões. Em Tatuí está presente desde 1947, prestando inúmeros serviços à comunidade nas áreas de saúde, família, educação e solidariedade, etc.



Filho de Francisco Miranda Nogueira e Laurinda Fernandes Nogueira, nasceu em 1934 na cidade de Porangaba. Técnico em contabilidade, farmacêutico provisionado e comerciante. Membro da Igreja Presbiteriana Rocha Eterna em Tatuí, onde ocupou diversos cargos, como diácono, presbítero, e Secretário do Conselho da Igreja. Conselheiro do XI de Agosto; participou do Juizado Especial Civil como conciliador no JIC, Jepec e JEC. Foi eleito Governador do Distrito 4620, do Rotary Club Internacional, para o ano rotário 2003/2004. Casado com Heny Antunes Machado Nogueira, tem 4 filhos, 11 netos e 1 bisneto.

Mário Luiz Machado (Delegado de Polícia)

Natural de Porangaba, filho de Carlos de Almeida e Cacília Martins Machado, nasceu em 12/08/1949. Em 1975 ingressou na carreira militar, como soldado da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Em 1976 ingressou na Academia da Polícia Civil de São Paulo, onde fez o curso de Investigador de Polícia, trabalhando na função até 1985, ano em que ingressou por concurso público de provas e títulos na Escola da Polícia Civil do Estado do Paraná, na qual concluiu o curso de Delegado de Polícia. É formado pela Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, São Paulo (1983). Como militar trabalhou no Patrulhamento Tático Móvel nas cidades de Mogi das Cruzes, Suzano, Poá e Ferraz de Vasconcelos (1975); como Investigador no DOPS e na Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo (1976-1985). Como Delegado de Polícia no Estado do Paraná, foi titular da Delegacia Regional de Polícia da Comarca de Castro; adido ao Gabinete do Delegado Geral de Polícia para missões especiais nas investigações do crime organizado nos estados do Rio Grande do Sul, São

Paulo, Santa Catarina e na Capital Federal. Foi Coordenador de Inspeção e Auditoria no DETRAN e atuou no COC – Centro de Operações Conjuntas. Em 1991 assumiu a Chefia da 13ª. Subdivisão Policial de Ponta Grossa. Foi ainda Delegado Titular da Delegacia de Pirai do Sul, Castro e atualmente é responsável pelo Setor de Cartas Precatórias da 13ª. Subdivisão Policial de Ponta Grossa. Com vasta experiência na área de segurança pública, com a participação em congressos, fóruns, simpósios, cursos nacionais e internacionais sobre o tema, enveredou-se também pelo caminho literário e escreveu o livro “**A Segurança Pública e Seus Desencontros**”, obra polêmica, corajosa, onde mostra as falhas da máquina policial, as disputas corporativas, os problemas da violência e da criminalidade, etc., apresentando sugestões para melhorar a segurança pública. Faleceu em 2008 na cidade de Lonfrina, Pr, deixando esposa e filhos.

Mario Acyilino Correa Artesão (Sapateiro)



Filho do Mário Correa e da Doralina Maria da Conceição, nasceu no dia 12/10/1926 em Porangaba. Viveu grande parte de sua vida na cidade de Cesário Lange, terra de sua esposa, onde trabalhou, também, durante muitos anos, mas sempre manteve um carinho especial pela terra natal, onde era comum vê-lo em eventos variados; sempre esteve presente. Foi uma pessoa totalmente desapegada das coisas materiais, uma curiosidade que envolvia sua personalidade, em se tratando de privilegiado artesão que era. Viveu inicialmente em Porangaba e, ainda pequeno, foi morar com a avó Maria Leme, à casa onde foi criado. Cresceu sob sua tutela. Estudou o básico, aprendeu a profissão que o projetou e deu depois a sustentação suficiente à família que já incluía outros irmãos menores e parentes. Mesmo com as privações de um menino pobre, criado sem a presença do pai, a sua infância foi feliz, sendo acolhido por todos e jamais

discriminado, daí a sua alta estima e espírito solidário. Frequentou a escola pública e a sua primeira professora foi dona Vitalina Martins, mas o grande preceptor que, com sábios conselhos lhe indicou o caminho correto a seguir, foi o diretor Antônio Freire de Souza – daí sua eterna gratidão ao saudoso educador. Brincou muito nas ruas, jogou futebol, nadou no rio, pescou, empinou papagaio, caçou passarinhos, brigou na rua, frequentou clubes, cinema, circos, touradas e foi até namorador. Sensível, foi um eterno apaixonado pela sua terra natal, pelos amigos e pela família. Religioso, voltado à fraternidade e à caridade, cultivou o hábito de visitar enfermos e idosos, levando sempre uma palavra de carinho e apoio às pessoas carentes. Muito cedo sentiu a necessidade de ajudar a avó e, então, começou a trabalhar - a engraxar sapatos, quando o sapateiro Otávio dos Reis o chamou para aprender a profissão. Com vocação ao artesanato, tornou-se um profissional excelente, perfeccionista, um dos melhores. Em Porangaba, trabalhou depois nas sapatarias do Otoniel, do Tino e do Cezarino e, depois, mudou-se para Conchas. Ali, conheceu o italiano Daniel Violante Felício, artesão qualificado, que fora da fábrica de calçados Zanetti, de São Paulo; aprendeu, então, novas técnicas e passou a confeccionar calçados finos sob medida, a ponto, costurados. Após três anos, retornou à terra natal, já na sapataria do Silverinho Nunes. Chegou a ficar algum tempo em São Manuel, mas, com a morte da avó, mudou-se para Tatuí e foi para a sapataria do Saulinho. Dali, a convite do sapateiro João Xavier da Silva (Joãozico), veio para Cesário Lange. Chegou até a montar a sua própria sapataria em Pereiras, mas durou pouco. Em 1955, em Cesário Lange, casou-se com Maria Aparecida Antunes de Miranda (Cida), moça de tradicional família daquela comunidade. Durante algum tempo trabalhou em casa, sob encomenda, com uma clientela selecionada. Buscando um mercado maior e para conciliar os interesses da família, voltou para Tatuí. Trabalhou na tradicional sapataria do Piá, mas a sua clientela maior ainda era particular e atendida sob encomenda. Após duas décadas, retornou novamente para Cesário Lange onde permanece até hoje e formou sua respeitável família. Membro atuante da Igreja Católica, onde exerce funções diversas na paróquia, participou também de movimentos reivindicatórios da sociedade local, como na campanha de emancipação política do município. Foi por mais de 10 anos o ministro extraordinário de exéquias e durante 25 anos é o Juiz de Casamentos do Município. A Câmara Municipal lhe outorgou o título de Cidadão de Cesário Lange, uma grande honraria. Feleceu na cidade de Cesário Lange no dia 27/06/2008, sendo sepultado no Cemitério

Municipal daquela cidade. Deixou a esposa, filhas, genros e netos.

Outros nomes

José Gorga

Farmacêutico e Prefeito Municipal de Conchas

Bruna Biagioni de Souza

Farmacêutica

Francisco Miranda Nogueira

Farmacêutico

José do Espírito Santo São Pedro

Cirurgião dentista e Diretor do Conselho de Odontologia do Estado de São Paulo

Fernando Freire de Souza

Médico, clínico geral e cirurgião

Francisco Rosa de Oliveira

Cirurgião-dentista e professor

José Alberto Domingues

Superintendente Geral da Nossa Caixa/Nosso Banco

Anélio Basso

Delegado Geral de Polícia da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo

Padre Ernani Angelini

Secular

Padre Joaquim Leme da Silva

Secular

Luiz Celso Domingues

Jornalista e Advogado

Gentil de Oliveira

Advogado e Delegado de Polícia

José Luiz Biagioni

Professor e músico

Saleti Barreto de Abreu

Artista Plástica, Coordenadora da Divisão de Arte-Educação do MUBE; Membro da CNIC.

Paulo Nogueira

Artesão - Miniaturas

José Maria Geraldini

Professor e artista

Carlos Alberto da Silva

Jornalista, empresário e presidente do Grupo Publique – São Paulo

Luiz Nogueira*Advogado, jornalista e apresentador de TV***Roberto Pedroso de Oliveira***Delegado de Polícia***Erasmoo Pedroso de Oliveira Filho***Delegado de Polícia***5. DESTAQUES**

Nomes de reconhecidos artistas que viveram ou se fixaram por algum tempo em Porangaba e que contribuíram à divulgação do município.

Hudson Nogueira da Silva
(Músico – compositor e arranjador)



Nasceu em Itapetininga, SP - em 1968. Seus pais: Lázaro Nogueira da Silva (Maestro Pingo) e Irene Domingues. Fez os estudos básicos em Porangaba - SP e desde cedo mostrou vocação musical. Aprendeu música com o pai, sendo destaque na famosa Bandinha do Pingo. Bacharel em clarinete pela Faculdade Mozarteum (São Paulo), estudou saxofone com José Carlos Prandini e composição com Edmundo V. Côrtez. Como clarinetista integrou a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo e, como saxofonista, integrou a Banda Savana, onde participou de 2 CDs (Brazilian Moviments e Arranjadores). Faz parte do corpo docente do Conservatório Dramático e Musical “Dr Carlos de Campos”, de Tatuí, SP, onde, desde 1998, exerce a função de arranjador e compositor.

Em 1995 começou a carreira de compositor, sendo a sua primeira peça escrita para “conjunto de câmara”. Tendo obtido sucesso, começou a trabalhar na composição de músicas sinfônicas, cujas obras foram registradas em discos. Suas peças passaram, então, a ser executadas por conjuntos populares e sinfônicos no Brasil e em outros países, como: Argentina, Hungria, Ucrânia, Suíça, França, Noruega, Itália, Espanha, Japão e Estados Unidos. Juntamente com o seu trabalho de compositor clássico, jamais desprezou as suas raízes musicais e a paixão pela música popular brasileira, que se pode perceber mesclada nos seu trabalhos sinfônicos.

Arranjos – Destaques: Projeto Pró-Bandas (CD Compositores Brasileiros); Banda Sinfônica Jovem do

Estado de São Paulo; Banda Sinfônica do Estado de São Paulo; Banda Savana; Quinteto de Clarinetes Sujeito a Guincho (CD Die Klarinetmaschine); para os instrumentistas norte-americanos: trompetista Marvin Stamm e o saxofonista Dale Underwood; para os cantores Ivan Lins, Leila Pinheiro, Bete Carvalho, Nana Caymmi, Jane Duboc, Guilherme Arantes, Toquinho e Moraes Moreira (musical A Lira da Existência).

Composições – Destaques: Big Band Bissanblass (CD Abracadabra); Divertimento para Trompete e Piano para Fernando Dissenha (CD Carambola); Sax Colossos para Dale Underwood (CD Obras Brasileiras para Saxofone e Orquestra); Quinteto Madeira de Vento (CDs Cartografia Musical Brasileira e Chovendo Canivetes); Concerto em Choro para Clarinete e Orquestra para Paulo Sérgio Santos; Seresta Brasileira para Fred Mills; Concertino para Contabaixo, Sopros e Percussão (University of Minnesota, Morris); Três Danças Carnavalescas para Conjunto de Metais (University of Geórgia); Quatro Miniaturas Brasileiras para Osland Saxophone Quartet; Seresta Brasileira nº 2 para James Gourlay, Sons do Brasil (University of Central Florida).

www.ddpbrazilmusic.com/
www.sambista.jp

Nego Mendes (Escultor e Entalhador)

Carlos Alberto Mendes de Assis, filho de José Mendes de Assis e Maria Antônia Nunes do Prado, nasceu na cidade de Osvaldo Cruz – SP, mas se considera porangabense, pois chegou em Porangaba com 3 anos de idade, e viveu ali sua infância e parte da juventude. Fez o curso primário e parte do ginásio, mostrando forte tendência para o desenho. Ingressou na Polícia Militar do Estado de São Paulo, quando, como autodidata, teve a oportunidade de desenvolver os seus dotes artísticos para o entalhe, escultura e pintura, passando, praticamente, a viver da arte.



Após passar por Marília, fixou-se no Embu, o grande centro das artes na Grande São Paulo, que reúne destacados artistas paulistas, onde marcou o seu nome e prestígio. Atualmente reside em

Porangaba e produz para as lojas artesanais do Embu e São Paulo.

Garibaldi (Artista Plástico)

José Garibaldi Pacas de Lima, nasceu em Taquaritinga do Norte, microrregião de Caruaru, Pernambuco, em 1938. O artista, ao se aposentar, chegou a residir por algum tempo em nossa cidade.

Dele, Enock Sacramento, membro da Associação Brasileira dos Críticos de Arte, escreveu: “Quando Garibaldi começou a trabalhar no ateliê montado por Martins em 1976, no Belém, em São Paulo, já era um pintor de paisagem com consciência de seu ofício. Ali realizou trabalhos relacionados às naturezas mortas, retratos e auto-retratos. Em seguida, paralelamente, voltou à paisagem urbana de trechos próximos... As cinco obras referenciadas..... mostram, na época, o interesse do artista pela pesquisa de materiais: óleo, têmpera de ovo, guache, técnica mista e silogravura. Ele “fabricava” suas tintas utilizando óleo de linhaça, pigmentos xadrez, sobretudo os terras, amarelos, azuis. As xilogravuras resultaram da aproximação com o gravador Paulo Menten, seu orientador nessa técnica”.

“ Entrei em contato com a produção plástica de Garibaldi, pela primeira vez, em 1980,... Agora ele nos chega com uma mostra que tem o sabor do tempo, constituída apenas de xilogravuras... Oito delas são referenciadas nas paisagens urbanas da zona leste de São Paulo e na cidade de Porangaba, onde ele reside.... Duas são paisagens rurais das quais emana o viço da natureza do interior do Estado de São Paulo; uma delas tem com fulcro a própria porteira de sua chácara e as árvores que emolduram, e a outra, com dominantes amarelas, revela em sua poética experiência com os instrumentos cortantes, com as violas, as superposições de cores, e paixão pelo tema. Tudo muito delicado e forte ao mesmo tempo, em tiragens baixas (no máximo). Ao analisar as xilogravuras que expôs em fins de 2000, assinalamos que em duas obras, as últimas produzidas para a mostra, ele trabalhava a gravura como se fosse pintura. Nunca mais abandonou as matrizes de madeira, suas violas, com as quais criou recentemente uma série de mandalas e uma notável via sacra, que será mostrada...”

Carmem Queiroz (Cantora)



A sua infância e adolescência foram marcadas pelas frequentes mudanças de cidade, pois o seu pai, um fluminense que adorava cantar, trabalhava na construtora de estradas. De Cornélio Procópio, onde

nasceu, Carmem foi para Santa Rita do Sapucaí, no Vale do Silício, MG, quando tinha pouco mais de 3 anos de idade. Quando chegou em Porangaba, SP, já tinha idade escolar. Ali, como na maioria das cidades do interior, a música passeava pelas ruas e praças.

Esforço e dedicação sempre marcaram a carreira de Carmem Queiroz, a brilhante cantora de música popular brasileira, que, na sua infância, veio morar por aqui quando da abertura da rodovia Castelo Branco. Sentimo-nos orgulhosos de seu sucesso, sempre crescente, e especialmente pelo amor e carinho que dedica à Porangaba.

Adoravam fazer serenata na cidade e o destaque era a banda do Pingo, amigo da família e incentivador. Quando os amigos de seu pai se reuniam em sua casa para cantar, começou a participar e ouvir muito samba antigo; conheceu os sucessos de Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Elizete Cardoso e Dalva de Oliveira, as preferidas de suas irmãs. Encorajada, participou dos festivais locais e conquistou, então, o *Prêmio Revelação*. Começava a vencer a timidez.

Carmem Queiroz – a menina da Companhia

“Porangaba é minha referência. Foi onde comecei a escola primária, o ginásio, o colégio. É uma cidade pequenininha. Morávamos em acampamentos, em casas de madeira. A cidade tinha uma referência diferente da gente. Éramos o pessoal da Companhia”.

A partir de 1964, quando surgiram os festivais de música popular e mesmo com a nova onda musical, a “jovem guarda”, optou sempre pelas melodias e harmonias de músicas de serestas, as mais antigas. O gosto pela música amadureceu quando mudou-se para Sorocaba, em 1976, para cursar a faculdade. Infelizmente, com a morte do pai tudo mudou e começou a trabalhar e dar aulas para sobreviver. Sorocaba foi determinante na sua carreira. Participou do coral da Secretaria da Fazenda e começou a cantar em bares e boates. Em 1982 mudou-se para São Paulo, onde, como cantora, começou a carreira. Em 1989, gravou **seu 1º disco-solo, independente, Flor da Paz**. Em 1995, já como integrante do conjunto Bando da Rua, gravou duas faixas: *Evocação nº 1, de Nelson Ferreira e Eu dei, de Ari Barroso, no disco independente “Antologia Musical Popular Brasileira – As marchinhas de carnaval – vol. 1” (Bom Motivo)*. Três anos depois, assinou com a gravadora CPC-UMES para registrar seu segundo álbum de carreira. **Leite preto**, lançado em 2000.. Em 2004, nasce o mais novo trabalho da cantora em CD- **Do meu jeito** .

6. MENÇÕES HONROSAS

Pessoas que viveram em Porangaba por necessidade profissional ou por relações familiares e que, pelas qualidades pessoais e grande cultura, contribuíram para elevar o nome do município.

Professor Antônio Freire de Souza (Professor, Inspetor e Delegado de Ensino)



Nasceu em Pereiras, SP, em 05.11.1898. Filho de Máximo Freire de Souza, fez os estudos iniciais na terra natal e formou-se professor primário pela Escola Normal de Itapetininga. Trabalhou em Pereiras, Porangaba, Presidente Prudente. Foi diretor de grupo escolar em Cedral. Porangaba, Marília e Santos. Inspetor de Ensino em Santos e Delegado de Ensino em Campinas. Faleceu em Campinas em 23.10.1949, e está sepultado no Cemitério Municipal de Porangaba. Casou-se com Doralina Domingues Freire. Homem de vasta cultura, poeta, escritor e orador, foi um dos pioneiros a implantar o escotismo na região, com excelentes resultados. Chegou a ocupar o posto de Inspetor Geral dos Escoteiros da região de Tatuí. Durante o tempo que trabalhou em Porangaba, o professor Freire de Souza se destacou, não somente como educador, mas sobretudo pelo seu civismo, patriotismo e preocupação com os problemas sócio-econômicos da comunidade. Em sua homenagem, a Câmara Municipal de Porangaba deu o seu nome à tradicional Rua de Cima, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à juventude porangabense. Foi um dos fundadores do escotismo nos anos 20 e, já nos anos 30, incentivou a criação do Clube do Trabalho de atividades agrícolas diversas para mostrar aos alunos as novas oportunidades de trabalho que surgiam, opções

bastante positivas e rendosas, e que poderiam ser de grande valia no futuro.

Padre Ambrósio Marks



Nasceu em Aub, diocese de Würzburg, Alemanha, no dia 24/08/1904, filho de Johann Marks e Margaret Dull Marks. Veio para o Brasil e fez seus estudos eclesiásticos na Diocese de Mariana, MG. Foi ordenado sacerdote em 04/08/1938 pelo bispo de Juiz de Fora, Dom Justino José de Sant'Ana. Em seguida, em 03/05/1940, transferiu-se para a diocese de Sorocaba, onde assumiu a Paróquia de Bom Sucesso. Foi, também, pároco de Itaberá e, depois, nomeado para a Paróquia de Cesário Lange. A partir de 05/05/1942, acumulou ainda a Igreja Matriz de Porangaba. Em 26/12/1943 desligou-se de Cesário Lange e passou a atender somente a Paróquia de Porangaba. Depois de 10 anos de dedicado trabalho religioso, para surpresa de seus fiéis, em 21/06/1952 deixou definitivamente a Diocese de Sorocaba, indo para Jacarezinho, onde, em 08/09/1952, assumiu a Paróquia de Iguaraçu. No site www.iguaracu.org.br/ - Páginas religiosas, lê-se:

- *“No seu tempo, foram realizadas as obras da construção do Salão Paroquial que serviu muitos anos para festas e reuniões e até para um teatro que, depois, foi transformado em uma escola que, também, durou por muitos anos. Outra obra do padre foi a construção da primeira casa paroquial feita de madeira, hoje transformada em alvenaria”.*

Permaneceu em Iguaraçu até 10/03/1960, existindo na cidade, inclusive, em sua homenagem, uma rua que leva seu nome. Nada mais sabemos a seu

respeito após a saída dessa paróquia. Falam que faleceu no Estado do Paraná, mas desconhecemos o local e a data do óbito.

Chegou aqui em 1943, como padre residente, o novo pároco, para substituir o sacerdote Hermann José Künel von Wolff. Foi o 16º Vigário da Paróquia. No início chamava a atenção pela postura sisuda, um homem culto e com idéias progressistas. Foi muito bem recebido pelos fiéis, pois desde 1942 já atendia os paroquianos daqui. Conhecia as necessidades espirituais da comunidade e fez as reformas reclamadas, reorganizou as irmandades e congregações, etc., contando com o apoio do bispo diocesano Dom José Carlos Aguirre. Conseguiu reunir o “rebanho” e trazer de volta a maioria das famílias desgarradas à prática religiosa, à missa dominical, à solidariedade cristã, etc. Além da parte religiosa, regulamentou as pendências patrimoniais da paróquia que se arrastavam desde o final do século 19. Foi empreendedor, reformou o prédio da Igreja e construiu a Casa Paroquial (na época, o prédio moderno e mais importante da cidade) – onde depois funcionou a Santa Casa de Misericórdia e hoje está o Sindicato Patronal. No início, parecia-nos (éramos as crianças da época) uma figura curiosa pelo seu porte físico avantajado, na impecável batina preta, com as faces rosadas e um modo de falar diferente. Chegávamos a temer as suas reprimendas quando adentrávamos correndo a igreja, fazendo algazarras, pulando pelos bancos, subindo as escadas, indo até a torre para mexer nos sinos. Sempre aparecia e nos repreendia educadamente. Apreendemos e serviu de lição. Nas aulas de catecismo, então, ao lado de dona Iracema ou de dona Francelina, as nossas saudosas catequistas, já mostrava o seu lado jovial, conversando, brincando com as crianças e nos orientando. Gostava de ordem e disciplina. Era muito querido pela sociedade local e requisitado pelas famílias porangabenses. Na sua época foram realizadas as festas religiosas tradicionais mais concorridas da história da paróquia. Participou, ainda, efetivamente de programas sociais, culturais e deu integral apoio à instalação do telefone e luz elétrica – obras fundamentais à cidade. Fez parte de comissões e comandou as inaugurações em 1946, quando recebeu as autoridades e visitantes na própria Casa Paroquial para um “banquete”, antes da benção das máquinas e do centro telefônico. Conseguiu passar incólume pela maledicência da política partidária local, comum nos anos 40 do século passado, mantendo neutralidade e defendendo o progresso do município. Depois de 10 anos, julgou cumprida a sua missão e optou pela sua transferência para a Diocese de Jacarezinho – PR.. Deixou muitas saudades o padre alemão que passou para história de Porangaba, quando, ao lado do prefeito municipal Luiz Manoel Domingues, fez a primeira ligação telefônica e acionou a chave para iluminar a cidade pela primeira vez.

Fontes: Livro do Tombo da Paróquia.

Professor João Prado Margarido
(Supervisor de Ensino Secundário e Normal e 1º
Diretor do Ginásio Estadual "Aldo Angelini")



*João Prado Margarido, filho de Braz Margarido e Attilia Prado Margarido, nasceu em 22/04/1914 em Capão Bonito, SP. Desde menino, além dos estudos iniciais, já começou a trabalhar. Formou-se professor primário pela Escola Normal de Itapeva. Chegou a trabalhar em empresas particulares, antes de exercer o magistério, e começou como professor licenciado de desenho em Presidente Wenceslau e Assis. Em 1946 prestou concurso para Diretor, sendo nomeado para a escola de Santa Cruz do Rio Pardo. Posteriormente, transferiu-se para Itararé, Porangaba, Capão Bonito, Itapetininga (já como Supervisor de Ensino Secundário e Normal) e, finalmente, São Paulo, na direção da EESG Brasília Machado, na Vila Mariana. Sua passagem por Porangaba é sempre lembrada pela sua dedicação e dinamismo à frente do **Ginásio Estadual "Aldo Angelini"**, desde a instalação e **onde foi o primeiro diretor**. Homem atuante, de elevado caráter e sabedoria, envolveu-se ativamente com a comunidade nos movimentos sócio-culturais. Com dom e autodidatismo inigualável à música, possuindo uma linda voz, formou vários corais e coros de Igrejas, nas cidades por onde passou, apresentando missas cantadas, com partituras e parte instrumental por ele adaptadas. Em Porangaba formou um coral, composto por crianças da escola, ao qual denominou Coral Azul e que, ainda é lembrado com saudades pelos participantes, (hoje, respeitáveis senhores e senhoras, chefes de família, ex-alunos) pela qualidade excepcional das vozes e do repertório. Foi um momento sublime na história cultural da cidade. Dedicou toda uma vida plena de realizações em prol do magistério paulista. Faleceu em São Paulo no dia 09/11/1964 e está sepultado no cemitério Campo Grande (Santo Amaro). Foi casado com dona Aurora Castellano*

Margarido. Filhos: Maria Igenes (falecida); Nancy; Tereza Cristina; Paulo Carlos (falecido) e Maria Ângela. Em sua homenagem, foi dado o seu nome à Escola Estadual situada à rua Carmine Monet, 81 Itaim Paulista – São Paulo. Outras reverências foram lhe prestadas pelas Câmaras Municipais de Itararé e Capão Bonito, com a nomeação de ruas, em ambas as cidades, uma consideração especial e respeitosa das comunidades onde trabalhou.

Gilberto Fonseca Midaglia de Proft
(**Jornalista, Escritor e Filatelista**)



Nasceu em Campinas em 28/07/1915. Fez o curso secundário no "Ginásio Osvaldo Cruz" e diplomou-se pela Escola de Contabilidade "Carlos Carvalho". Diretor fundador do periódico "Mocidade Paulista ". Membro da Sociedade Paulista dos Escritores. Fundador da revista "Letras". Trabalhou em "A Gelebra" (1932); Mocidade Paulista (1933-1943); A Evolução (1933) e Paulicéia Estudantina (1934). Diretor fundador do Jornal Alternativo Filatélico "O Emissário", de distribuição internacional.

Bibliografia: "Margarida"- S.Paulo, Ed. Letras, 1946. (Fonte – Dicionário de Autores Paulistas – Luiz Correa de Melo).

Casado com dona Adda Andrade de Proft, faleceu em 01/05/2003, na cidade de Cesário Lange, sendo sepultado no Cemitério Municipal de Porangaba. Deixou filhos, netos e bisnetos. Exemplar chefe de família, pessoa de elevado caráter e vasta cultura, marcou os seus atos com retidão e responsabilidade. Simplicidade, lealdade e honestidade marcaram sua personalidade. Apaixonado pelo estudo da Filatelia, tornou-se nome respeitável. Após trabalhar muitos anos em São Paulo, ao se aposentar, optou por morar no bairro dos Ferreira, no município de Porangaba, e também na cidade de Cesário Lange. Sempre em intensa atividade intelectual, jornalística, manteve vivo "O Emissário", apesar das dificuldades e falta de apoio. O jornal, idealizado para divulgar filatelia, foi fundado em

1993, **com a redação em Porangaba**, o que permitiu divulgar o nome de nossa cidade, pois abriu espaço para a publicação da história do município, uma deferência especial.

Seu Gilberto, como carinhosamente era aqui chamado, sempre enfatizou que o jornal não veio para concorrer com outras publicações congêneres, mas, simplesmente, para prestar informações sobre arte filatélica. Fora um acerto que fizera com Ângelo Zioni, o grande mestre da filatelia brasileira, em agosto de 1980, quando se propuseram reunir um grupo de amigos e militantes na área do jornalismo filatélico para lançar um jornal alternativo, independente e de caráter formativo. Infelizmente, quando estava sendo preparada a edição inicial, tudo foi protelado pelo falecimento do mestre. Somente em 1993, mesmo ausente o grande mentor intelectual e incentivador, “O Emissário” **nasceu em Porangaba**, uma honra muito grande para nós porangabenses. O jornal em pouco tempo passou a contar com grandes colaboradores, sendo distribuído em todo território nacional e para outros países. Filatelistas da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile, México, Estados Unidos, Canadá, Portugal, Itália, França, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Rússia e Japão passaram a receber “O Emissário”. Eram postados aqui, periodicamente, 700 exemplares do jornal, um fato raro e extraordinário para a agência dos correios e principalmente à divulgação de Porangaba. O objetivo projetado estava sendo atingido e o redator destacava nos editoriais a publicação dos originais e inéditos documentos de Zioni, guardados cuidadosamente. O Emissário sempre se distinguiu por sua solidariedade com as boas realizações e encarou como inteiramente secundário os interesses materiais, a maior ou menor comodidade oferecida, quando se tratou de escolher a posição a tomar. Foram 18 edições trimestrais e 01 edição semestral, no período de 1993 a 1997. Convidado, fizemos parte do corpo diretivo e da redação do jornal, o que nos proporcionou muita alegria. (jmd)

Roque Miranda (Securitário e Escritor)

Filho de Joaquim Manoel de Miranda e Olívia Norberta de Oliveira, nasceu em Tatuí no dia 18/10/1924, mas viveu a infância e parte da juventude em Porangaba. Foi, como ainda é lembrado, não somente o irmão do frei Timóteo, mas um jovem alegre, travesso, prestativo, gozador e com certa liderança no grupo de amigos. Fez os seus primeiros estudos em Porangaba e depois mudou-se para São Paulo em busca de trabalho. Após prestar o serviço militar, começou a trabalhar no Hospital Matarazzo, passando pelas empresas Duráveis Equipamentos de Proteção e Companhia de Seguros Santa Cruz. Foi corretor de seguros, autônomo, atividade que exerceu por muitos anos. Autodidata, procurou sempre estudar e evoluir

culturalmente, escrevendo textos e se dedicando à leitura. Com elevado amor à família e à cidade onde cresceu, registrou em livro fatos de sua infância e juventude, e também das famílias Cubas de Miranda, Oliveira e Diniz Vaz, legando um documento extraordinário com referências sobre a história, genealogia, usos, costumes e tradições de uma época em que foi personagem. O livro “**Porangaba e meus parceiros**” resgata uma fase romântica do município. Faleceu em 31/05/2003, sendo sepultado no Cemitério de Congonhas, em São Paulo. Casado com Abigail Miranda (Biga), deixou filhos e netos.

Padre Antônio Dragone



Nasceu em 30/11/1917 em Vicoforte, diocese de Mondovi, Itália. Seus pais: Giuseppe Dragone e Ana Barucco. Fez seus estudos eclesiásticos no Seminário Mondovi Piazza, onde, em 24/04/1943, foi ordenado pelo bispo Sebastiano Briacca. Fez parte do grupo de 5 sacerdotes de Mondovi, que vieram para o Brasil para trabalhar na Diocese de Sorocaba. Primeiro, foi coadjutor na paróquia de Porto Feliz (1949) e, depois, transferido para Tatuí como vigário cooperador do padre Silvestre Murari (1950). Na época, passou a atender também a paróquia de Cesário Lange, onde se tornou pároco em 1952. Passou a acumular a paróquia de Porangaba. Extremamente modesto, dinâmico e trabalhador, em Cesário Lange empenhou-se à construção da nova matriz, chegando a trabalhar com suas próprias mãos para erguer o prédio. Desenvolveu um trabalho profícuo junto à comunidade católica, mas alguns fatos desagradáveis, ligados à política local, anteciparam a sua saída. Foi transferido em definitivo para a paróquia de Porangaba em 1961, onde já era pároco desde 1956. Conhecido pela simplicidade e seu elevado espírito cristão, como já vinha desenvolvendo extraordinário trabalho na Paróquia de Santo Antônio, foi muito bem recebido. Já tinha conseguido trazer de volta à Igreja a população

católica que, antes, havia se dispersado. Desenvolveu um trabalho intenso junto aos sitiantes, nas capelas e fez grandes reformas na igreja matriz. Construiu, (chegou a trabalhar como pedreiro) junto com a Congregação Mariana, o Salão Paroquial, que hoje leva o seu nome, para eventos e festividades. Colaborou muito com a municipalidade local e, voltado aos problemas sociais da comunidade, batalhou para a criação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba em 1957, sendo escolhido por unanimidade como o presidente da 1ª. Diretoria. Viveu em Porangaba na época em que o município conseguiu a infra-estrutura básica para o seu desenvolvimento, os melhoramentos públicos reclamados, como: a água encanada, prédios para o posto de saúde, casa da agricultura, cadeia pública, ginásio estadual, etc., dando sempre o seu apoio e participando ativamente. Em 25/12/1962 tornou-se o primeiro pároco da nova paróquia de Guapiara, onde ficou por 27 anos, até 1990. Aposentado, retornou à Itália em 1993, como hospede da Casa del Clero al Santuário di Vicoforte, onde faleceu. Em 24/05/1993, com 75 anos de idade. Sepultado em S.Grato de Vicoforte. Deixou uma profunda impressão junto aos fiéis das paróquias por onde passou pela sua humildade e discrição. Em 1972, a Câmara Municipal de Cesário Lange conferiu-lhe o título de Cidadão Honorário, numa reparação justa, um desagravo ainda que tardio pelos lamentáveis acontecimentos do passado.

Nos anos 50 conheci o padre Dragone em Tatuí. Era coadjutor do monsenhor Murari, outra figura extraordinária e, ambos, almoçavam na Pensão Nova, onde eu me hospedava. A amizade surgiu naturalmente. O horário de almoço, seguido com rigor pelos padres, coincidia com o meu, já que eu estudava no período da tarde no Barão de Suruí. Sentávamos à mesma mesa e as conversas eram inevitáveis. Eu era chamado carinhosamente por **Julinho** e confesso que sentia orgulho por privar da amizade dos padres. Conversávamos os assuntos mais variados, de política a futebol e, pela cultura e atenção dos mesmos, sentia-me a vontade para fazer perguntas sobre os temas mais variados. Eram conversas agradáveis e elucidativas. Com a orientação dos mesmos, fui até convidado para fazer uma palestra sobre “vocações sacerdotais”, na Igreja Matriz de Tatuí, fato que me marcou profundamente. A convivência com o padre Dragone sempre foi maior, pois vim encontrá-lo em Porangaba, onde conversávamos sempre, na pensão de dona Marica Leite. Cheguei até a acompanhá-lo, nas férias escolares, em algumas viagens de trabalho, principalmente, para São Manuel. Foi uma pessoa grandiosa pela humildade e seu espírito cristão. Contava-me passagens de sua infância na Itália, dos horrores da guerra e, sobretudo, das saudades que sentia do torrão natal e, especialmente, de sua família. Dizia que estava cumprindo uma missão, com todos os percalços e triunfos, alegrias e tristezas, e como cumpriu... Está, certamente, num lugar especial. Receba querido pe. Antônio as nossas homenagens e saudades.

7. BIBLIOGRAFIA

1. Ribeiro, Darcy – “O Povo Brasileiro” , Companhia das Letras – 1995;
2. Donato, Hernani – “ Sumé e Peabiru” – Edições RGD, São Paulo, 1997;
3. Donato, Hernani – “ Achegas para a História de Botucatu”;
4. História da Vida Privada no Brasil – Volumes 1, 2 e 3 – Companhia das Letras;
5. Cândido, Antônio – “ Os Parceiros do Rio Bonito” ;
6. Almeida, Aluísio – “Vida e Morte do Tropeiro”
7. Campos, Carlos de e Frioli, Adolfo – “João de Camargo de Sorocaba” - pág. 59
8. Jornal “ Cidade de Tatuhy” – 1901
9. .Jornal “ Diário de Sorocaba” – Caderno Especial – 1993 – José Monteiro Salazar
10. Jornal “O Progresso de Tatuí”- ed. diversas;
11. Jornal “ O Estado de São Paulo” – edição de 12/02/97;
12. Jornal “ Folha de São Paulo” – Caderno Mais – José Murilo de Carvalho – 03/10/99;
13. Jornal “ Folha de São Paulo” – Imagens do Brasil – Caderno Especial – Cynara Menezes, 20/04/2000;
14. Jornal “Diário da Serra”- Botucatu, ed. 2312/04;
15. Lendas da Região – Internet – Frenzy and Fury on Line – História de Sorocaba by Night – Paulo Moraes – ufólogo;
16. Revistas do Instituto Histórico e Geográfico – 26, 27 e 34;
17. Revista Veja – exemplar de 25/08/99;
18. Livros diversos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí – a partir de 1823;
19. Livros diversos do Cartório de Registro Civil de Porangaba – a partir de 1891;
20. Homepage oficial dos Violeiros do Brasil, Internet;
21. Fotos diversas do acervo do autor

Júlio Manoel Domingues – Porangaba – Agosto/2008